

Uma cidade em movimento, ou
inconclusos rostos rompem cárceres

Livia Fortuna do Valle

Niterói, 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Uma cidade em movimento, ou
inconclusos rostos rompem cárceres

Livia Fortuna do Valle

Orientadora: Prof^a. Pós Dra. Cecília Maria
Bouças Coimbra

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia do Departamento de
Psicologia da Universidade Federal Fluminense
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Mestre em Psicologia.

Niterói 2014

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

V181 Valle, Livia Fortuna do.

Uma cidade em movimento, ou inconclusos rostos rompem cárceres

/ Livia Fortuna do Valle. – 2014.

108 f.

Orientadora: Cecília Maria Bouças Coimbra.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia,
2014.

Bibliografia: f. 98-108.

1. Resistência. 2. Escrita. 3. Cidade. 4. Conflito (Psicologia).
I. Coimbra, Cecília Maria Bouças. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Banca examinadora

Professora Pós Doutora Cecília Maria Bouças Coimbra - Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Professora Pós Doutora Heliana de Barros Conde Rodrigues
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Professor Pós Doutor Luis Antonio Baptista
Universidade Federal Fluminense

*Em memória de Eduardo, Rafael,
David, Wellington, Marcos Paulo, Seu Nélio,
e tantos outros inomináveis.*

Agradecimentos

impossibilitada de hierarquias e de gavetas, todos encontram-se dispostos numa constelação infinita, variável noite após dia, ano após meses. Cada um é universo. Tenho a sorte de uma fraternidade extensa. Tenho a sorte de um sol: mãe e pai confiantes. Com seu apoio incondicional, uma coragem surge da ternura de quem é amada. São estrelas eternas, assim como a irmã, os avós, os agregados.

Recém-chegada, há uma estrela guia ‘(des)orientadora’. Ceci, a quem devo todo o carinho pela paciência e aposta, desde as inseguranças com a escrita até aqueles sintomas todos. Preciso agradecer pela parceria tecida em liberdade e respeito mútuo. Muitos sorrisos.

Aos colegas da ‘cecilândia’, obrigada por todas as escutas das terças-feiras, sempre atentas e alegres. Vanessinha, dedico-lhe, como prometido, o texto do guarda-chuva. À constelação de mestres que também acompanharam de perto esta trajetória insana e deliciosa: Luis Antônio e Heliana, agradeço a sensibilidade, e por sempre apontarem potências em um processo tão difícil.

Estrelas companheiras: Isis (irmã que ilumina, do norte e do mar), Mari Adão (qual vida não é tocada por sua insistência?), André, Jader, Tati e Flora: não sei o que dizer, depois de tanto que passamos. Carrego-os.

Aos meus queridos da UFF, das cantareiras, das poesias, um girassol cósmico para cada um; Flavinha, Camila, Diogo, Maicon, Jeffté, Julia, Marilisa. Um brinde a tudo.

Às estrelas distantes mas ainda cintilantes, todo espaço que houver para voar: ao Luan, o céu mais colorido; pela amizade desde a poliana calourice, por sempre me dizer para pensar menos, pelo encontro com o teatro. Carol, meu quindim, um abraço do jeito que preferir o café. Ana Luisa, ainda estou vendo você daqui! Ao pessoal da Vírus Planetário: não desistir. Às minhas inspiradoras meninas de lua, uma aventura ou um cantinho: Anne, por estar até hoje; Debs, por não ter ido embora. Aos meninos do documentário Domínio Público, um agradecimento especial pelo material sonoro e tudo mais entre os encontros. Às ruas e seus anônimos, gratidão pelo que me ensinam todos os dias.

Ao Lucas, toda velocidade da luz até o coração.

Resumo

Entre fragmentos e movimentos: dos encontros, compor tentativa – de escutar, narrar. No atual contexto da cidade em lutas, episódios são evocados por uma escrita que performa um lugar poético em meio aos acontecimentos. O próprio desconhecimento do nome deste lugar lança uma aposta ética e política: o inominável como estratégia diante do intolerável. Produzindo uma multiplicidade, as resistências do presente restituem os conflitos e a ‘crueldade’, convidando as interpelações de Artaud como possibilidade de análise e produção de novos corpos e mundos. Enquanto uma concepção de sujeito é posta em suspensão, do teatro inventamos ferramentas para o momento, feito da possibilidade de ser algo que ainda não sabemos.

Palavras-chave: resistência, escrita, cidade, Teatro da Crueldade.

Abstract

Between fragments and movements: from the meetings, try to compose the attempt - of listening, narrating. In the current context of the city in struggles, episodes are evoked by a writing that performs a poetic place among the events. The unknown name of this place itself launches an ethical and political commitment: the nameless as a strategy against the intolerable. Producing a multiplicity, the resistances of the present refund conflicts and the 'cruelty', inviting Artaud's interpellations as a way of analysis and production of new bodies and worlds. While a conception of the subject is into suspension, through theater tools for the moment are invented, when we live the possibility of being something that we don't know yet.

Key-words: resistance, writing, city, theatre of Cruelty.

Desviando

[um sumário]

O som ao redor 1

A espera 4

A casa pintada 6

Um pranto algemado 8

/ Revezamento1:

fotografar a pesquisa 9

Os rostos 19

Parecem ratos, ela disse 22

Um guarda-chuva 25

/ Revezamento2:

da utilidade ao corte 31

Menino-soldado 35

O canto das velas 41

Sobre roubos 45

O viaduto 47

Nunca conheci o rosto dele 49

Corpos ainda dançam 50

/ Revezamento3:

sobre uma ou várias mortes 56

Obrigada wall street! 59

O dia que choveu numa parte só 64

Quando uma pedra passou a ser o caminho 71

/ Revezamento4:

imagens de Artaud 73

Tudo que você podia ser 78

/ Revezamento5:

insurgir contra ‘aquelas asas’ 83

/ Revezamento6:

movimentos inconclusos 87

Assobios na curva do vento 90

/ Revezamento7: não sabemos 92

Referências bibliográficas 97

“O ar guarda a agitação, o sopro e a luz que tinha, tal dia do ano passado, e não depende mais de quem o respirava naquela manhã...”

Deleuze e Guattari

“Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.”

Michel Foucault

estás pronto? ‘estar’ é um verbo interessante. não achas? um amigo crítico para a vontade de expressão, como naquele dia em que discutimos como o teatro pode ser uma ‘arte do estar’ – tentativas – lembro que ‘estava’ de azul. podemos mudar o verbo: e se decidirmos por ir de azul? ir, é isso, ir, e aí as pessoas dizem hoje que até a cor dos olhos mudou, impressionante, duas pessoas observam, constatação que faz pensar no cansaço [naquele dia inundávamos]. o corpo que ia encontrar desaguava entre, quando, aos poucos, era retirado das profundezas do si mesmo. uma tarde de Sábado sem repouso, sem saudades de casa de veraneio. quando cânticos entoavam novas moradas, perguntava o nome dela, e a pequena índia da Aldeia Maracanã respondia: “não saber”. e, de repente, não está. Rimbaud a declarar greve novamente, *EU é outro*. mas talvez se tratasse de outra coisa, inominável. vento no rosto: ainda estamos lá? fogueiras permitem a dúvida e a dança, continua-se indo. não estamos nem tão perplexos nem tão suspensos, mas diante da imensidão nem um pouco apoteótica do instante da possibilidade.



Escadaria do Morro da Providência, Rio de Janeiro, 1966.



Escadaria do Morro da Providência, intervenção e foto do artista JR, 2008.

é ensurdecedor. ensurdecedor e contínuo. contínuo e continuado continuamente longo expansivo cresce para cima para os lados no espaço de algum lugar sem paredes sem teto sem nada ressoa no ar no céu e faz tremer o mundo atinge embaixo da terra tatatatata quebra parece explodir algum ponto alguma rocha mas que ressoa ressoa alto e traz aquela sensação do invasivo de quando o dentista enfia aquele martelo inconveniente num dente para fazer bater, sair, saltar um minúsculo pedaço de um toco de osso, algo como arranhar um quadro negro e parece soltar faísca e vem do exterior [é de um barulho no dente ou no nervo e que vai pro corpo todo]. o que vai aparecer na cena não é assim faísca e nem assim uma broca na boca. é algo amplificado, em que nada mais consegue ser tão íntimo como um dente, o som é o máximo de coletivo que houver, um estrondo, um estrondo do tamanho de uma humanidade, sabe, tem a potência do tamanho da humanidade que é posta em guerra. a cena, quando vazia, sem ninguém ali, como numa fotografia de Atget, só que num lugar bem destruído, fica como fica destruída a guerra, tudo despedaçado – e já houve de dizer que o despedaçado é inerente, segundo o moço de crachá [depois ele aparece de novo, dizendo “temos que entender o progresso”...] e o som fica mais alto. uma semelhança desenha rascunhos que fazem suspeitar. é outra broca que se aproxima. visceral esse incômodo. as marteladas, se decompostas lentamente, se desmembrada sua continuidade em intervalos colocados por entre cada batida, vão parecer tiros. fragmentos de tiros. mas não aqueles tiros que passam ao longe, ou de rasante, emitindo o som do rastro que fora deixado pela velocidade, essa que marca o ar onde fica ressonando depois por um tempo o som das nuvens atravessadas pelo avião. não, nem longe nem raso, parece som daquele tiro que é muito perto. perto e perturbador. talvez seja até em você. a arma foi apontada para sua testa, e você, neguin, vacilou. perdeu, perdeu [sequência de eco nervoso, repetitiva, ativadora de tantas histórias de dias quaisquer, lembra uma execução não repercutida, desconhecida no mundo, depois tornada estatística para medição da violência]. o som do ‘já era’ é um piscar, um tempo infinitesimal, a vida, breve instante de ensurdecimento em que todo o filme dela passa, seguido do entorpecimento do sangue começando a escorrer, fazendo os olhos revirarem. pálpebras vacilantes, como fora sua gagueira antes do

som abafado.

cortamos momentaneamente para a câmera lenta. os sons intervalados de repente parecem os de uma execução: dá pra ouvir o tempo entre cada bala que sai cortando o movimento da próxima a ser disparada. a lentidão é encerrada para a sequência das balas voltar desta outra possibilidade imagética. o som é muito rápido agora. como metralhadora. morte de alguma coisa, ainda assim, pois o som insiste, e quanto mais próximo, não é como arma de fogo, mas parece fazer morrer. o sentido é imediato: algo é destruído. o que escorre na cena não é sangue, é pó. cinzento e aos poucos conseguimos enxergar. poeira, daquelas que expulsam as crianças da zona onde tem a placa porque faz tossir, coçar o olho, deixar sujo, perigoso [vai que a criança escorrega e cai nesse buraco]. criança não entra, não adianta. cachorro até se encoraja mesmo tendo aquele medo que faz orelha não conseguir levantar de tão ensurdecador, deve ser até cinco vezes mais alto que nos humanos é, mas passa de rabinho preso olhar espreitando safado moleque sabendo que tem sete vidas e criança tenta seguir porque os caminhos dos viralatas parecem ser mais seguros e conhecedores dos perigos – tudo bem que ninguém se importa, os homens empenhados no som que não termina, insistente, nem vão se abalar muito se o cão perder a pata ou ficar cego, só precisam fazer seu trabalho, mas será? os peludos seguem, parecendo ter outra ética. vão pegar os restos de pão que os velhos deixam cair na entrada da padaria. fora esses desprendidos, ninguém mais passa, tem placa **AVISANDO** que não pode passar, só pode entrar os homens de capacete e colete azul. eles montam a marteladas e brocas uma imensa coisa erguida vertical vertiginosa. Eles vieram fazer um foguete? Não meu filho, para de pensar besteira. descarta muito rápido, sem desconfiar. vê ao redor tudo esburacado. Será que eles querem descobrir ossos de dinossauros?! [aquela vontade de rir da bobagem criativa da criança que a gente ouve na rua mas em vez disso uma risada solitária, em outro tom, irônico talvez¹]. Mamãe, posso brincar ali? Não meu filho! Poxa, os homem

¹ Zona portuária do Rio de Janeiro. Um sítio arqueológico é descoberto oficialmente pela prefeitura no contexto de “revitalização” da área, que passa a ser gerida por agentes híbridos – parceria público-privada – do projeto Porto Maravilha, Operação Urbana criada em 2009 para reurbanizar a região até 2016. Moradores já sabiam que existiam por ali ossos de escravos enterrados. Alguns, inclusive, acumulam diversas versões sobre as histórias dos negros que habitaram o porto, fugidos ou libertos, mas a autoria da

tão trabalhando na obra e não pode passar por ali. Mas o que é que eles tão construindo ali mãe? Ah filho, é o tal do teleférico dos gringos. os sons permanecem ininterruptos enquanto um homem passa ao lado reclamando naquele tom baixo pra todo mundo ouvir, agora até meu direito de ir e vir é tirado! não posso nem passar pra ir pra minha casa, tudo interditado, bagunçado! tudo por causa dessa bosta de teleférico! eu que sou velho, que tenho problema pra andar, ainda tenho que atravessar aquela ponte de madeira. falta de respeito. Cospe pigarro no cimento. “Bom dia, seu Bira!”, saúda a boca sem dentes. Dona Glorinha, mais uma vez, sentada com sua cerveja de todas as manhãs, fala com cada um que vê passar. ela conhece todo mundo mas todo mundo daquele morro, desde pequenininho. ela tem a cara todinha enrugada, nunca vi ruga mais enrugada como aquela, chega a deixar os olho tudo apertadinho e cheio de remela de quem dorme bem muito até tarde ou bem pouco e já chorou bastante. ela tá sempre junto daquele altar de vidro e azulejo dos santinhos e troféus². um dia houve dessa cena dos cumprimentos pela praça ter as crianças correndo em volta, um sambinha de fundo, vindo de um rádiuzinho qualquer daqueles ruidosos, tipo de coisa que acompanhava aquela noite, era boêmio, e mais ainda coletivizava quanto mais tarde, e quanto mais tarde mais aumentava de meninos jogando bola e pessoas voltando pra casa com suas sacolas de supermercado. bem rotineiro, bem de sorriso, bem todo mundo. hoje esta foto da praça despede-se de um tempo como um pano que se torna amarelo. seus encontros parecem pertencer a um passado já distante, mesma sensação de quando vemos ruínas, podem pensar um dia: o que existia aqui? escutamos britadeiras, um eco. o vazio das brincadeiras. não passa criança nem velho, só o som ensurdecedor, teimando na porta da casa marcada com esse som maldito de todo santo dia³...

descoberta dos ossos é do poder público, agente que capitaliza o acontecimento para as suas finalidades turísticas. Tal herança entra no circuito de atrações que estão sendo preparadas para o turismo da região, na contagem rumo aos megaeventos da cidade. A escravidão torna-se atração turística.

² Segundo os moradores do Morro da Providência, os altares da favela foram construídos pelo tráfico. Os elementos que preenchem seu interior, como os santos e troféus, cada vez que eram colocados, prestavam um agradecimento por terem sobrevivido a mais uma guerra, assim como significavam também uma vitória ou homenagem.

³ O ‘moço do crachá’ mencionado no início da cena refere-se a um técnico social da Prefeitura do Rio de Janeiro. Ao participar de uma assembleia de esclarecimento sobre as novas obras no Morro da Providência, este respondera a um morador indignado com as marcas nas casas: “Vocês têm que entender que, para o progresso chegar, vocês têm que sair”.



A ESPERA. subindo é um caminho difícil, cansa, e tem a estranha companhia das marcas que abotoam ferro pelas paredes das casas. ali, bem nelas, das humildes às mais conseguidas, percebe-se o esmero, o cuidado, a preciosidade daquele pedaço do mundo. mesmo com as portas abertas e pessoas sentadas na calçada, ainda vem o suposto, esse suposto da violência, de que esse foi um lugar que a viveu demais, permeado o silêncio dos olhares. a passagem de um e outro como se os soubessem de leve. há uma sutil intimidade no ar. no resto da cidade, mitificam o passado e a salvação futura como se construíssem belas pontes, ligando um ao outro. da galinha que corre fugida do churrasco na laje à estranha paz perpétua saudada como se vivêssemos um progresso desmemoriado, o que ressoa são as marcas. ainda presentes, furando paredes já tendo furado, temporalidade cruzada, alguns buracos são bem maiores e a maioria é exatamente isso: um buraco, mais do que um furo. dizem uns que eram vários líderes, não era só um chefe, e seus grupos se confrontavam e guerreavam entre si num mesmo

morro, ocupando diferentes regiões dele. aquele que ousasse ultrapassar a linha levava bala. teve grupo que até fez muro na travessia, quem saísse ou entrasse morria. e morrer? esquinas são tão frequentes quanto os hiatos pelo caminho. de tanto, efeitos de silêncio. respirações outras, suspendendo o que seria do movimento. o transitar pelas ruas ainda se impede, assim como palavras se interrompem, não ditas, e memórias continuam a trazer o que elas lembram, assim como ondas calmas, recordar é pouco ruidoso. um fragmento não dito ao mesmo tempo protege, enquanto as portas ficam abertas. um cheiro de café fresco vindo de uma casa afaga isso que pesa, mexendo com essa coisa de lembrar, evocando também pequenas outras coisas, umas saudades doces talvez, como um sopro, ou o cheiro do café. o cheiro do café. faz a gente sentar pra pensar no amanhã que não sabemos se queremos, esse que chega ensaiado no vento e que dá pra pegar com a mão se for até bem alto no morro. assobios de velhos passam sem pressa. a pacificação dos tiros, não é necessariamente isso. cantar sempre cantamos e meninos ainda soltam pipas [às vezes]. é que, ninguém sabe. ninguém sabe. amanhã pode ser a minha casa a nova sigla. amanhã de repente é acordar, e ser, a canção sem continuidade, o corpo lento rasgado, a intranquilidade imposta, a persistente dificuldade de dormir. se isso é paz [saliva seca], se isso for, como aquele vôo da gaivota, da pomba, sei lá, então temos céu e doença, o inalcançável paraíso e o que resta, todos os paradigmas caindo ou se confirmando. o corpo que fala é tão quieto como a brisa que acena e abre a janela. incertezas sondam como fantasmas o olhar sem rumo seguindo o horizonte do porto, expandido até bem longe e profundo pro outro lado do mundo, e o cheiro do café, o cheiro do café. tem a presença de uma visita da tarde que a gente nunca quer que se vá, deixando-a se prolongar. breve conforto. num gole de café, pequenos destinos. a infidelidade da promessa marca o morro desde o começo de sua ocupação. rachaduras e buracos de outrora, mencionados, já abrigam as reticências do que ameaça chegar e que sempre volta, como um retrato insistente que um burguês chamaria de cultura popular. que belo samba é a espera da tristeza.

a tardinha cai.

A CASA PINTADA. pelo lado do Cruzeiro damos no largo da Capela das Almas, alto do morro. dizem que a Capela das Almas foi construída há 110 anos para homenagear os combatentes que não resistiram à guerra de Canudos, na Bahia. muitos dos soldados que sobreviveram vieram para o Rio e fundaram o Morro da Providência. após acamparem na frente do Palácio Duque de Caxias, ocuparam o morro reivindicando as terras prometidas pelo governo aos combatentes que retornassem. mais de um século depois, a capela ainda anuncia ao longe para quem chega que ali é o ponto mais alto da primeira favela. Dona Francisca, moradora da parte alta, é quem tem a chave do também conhecido oratório, há 40 anos. “Um dia a vizinha passou aqui e me entregou essa chave. Ela se mudou e eu fiquei responsável por cuidar da igrejinha. Cada um pode trazer um santinho e eu coloco aqui no altar. Minha casa está marcada para sair daqui e eu não quero sair daqui, há quarenta anos que estou aqui em cima e eu não quero sair, tomo conta do oratório esses anos todinho e não quero deixar ele abandonado... Eu vim da Paraíba direto para o morro da Providência e estou aqui até hoje, a minha história está toda aqui eu não posso deixar a minha história pros outros”.

melhor contar o que acontece.

dessa parte alta querem fazer um ‘centro histórico’ para visitação turística – está toda marcada pra sair, vê-se de imediato pelas casas ao redor da capela, todas com aquela tenebrosa marca **SMH**⁴ e um número de cadastro. número de cadastro. o que somos agora? nenhuma delicadeza, pedem pra vir a psicóloga e a assistente social juntas no dia do aviso⁵. pai e mãe acordam e a parede não é mais a mesma de quando deitaram para dormir, a saída entra sem pedir licença. o que sentir só de ver aquela coisa borrada de letras enormes? todas as casas estão da mesma forma humilhada de quando vi a cena pela primeira vez. exceto duas.

de relance muito rapidamente, quase passou despercebida, já parecia um fato premeditado, ia acontecer por ali de todo jeito, não surpreenderia. e foi nesse momento que os pretéritos mudaram-se todos. a casa ao lado de Dona Francisca já havia sido demolida: em seu lugar um terreno de destroços, com montanhas de entulhos e tijolos quebrados; e um susto. algo absurdamente pegou de repente pelo braço ou pelo santo,

⁴ Sigla para Secretaria Municipal de Habitação.

⁵ Referimo-nos aos profissionais da Secretaria Municipal de Habitação (SMH) do Rio de Janeiro.

sinceramente, não sei, e você não acredita, por mais que a coisa já habitasse a virtualidade do aguardo. estava bem ali a cruel previsibilidade que permeia a vida daquela gente. lamento, mas só por dentro, a mão vai até a boca porque não tem jeito. ando para o lado oposto, dou a volta no largo da capela e mais outro estranhamento - *'já está acontecendo'* – dizia à mim mesma, enquanto a casa que fica exatamente em frente da que havia sido demolida, mas do outro lado, encontrava-se toda pintada de verde, com efeitos de pátina. ficou bem caprichado, bem bonito, com uma cara tal que pensei: *'já devem estar transformando em albergue'*, resolvo perguntar à Márcia, moradora da antiga praça: já estão transformando essa casa em alguma coisa?. e ela me olha. ela me olha, mas com uma cara. indescritivelmente orgulhosa e admirada de ver que existe algum efeito sendo produzido naquela pergunta. gosta da pergunta, só porque a pergunta a faz responder: **nãO**. Infla o peito pra dizer, com um suspiro antes e fechando os olhos pra ter junto a intensidade da importância do fato, caindo na performance pra informar:

“não, minha querida,
eles estão resistindo.”

O PRANTO ALGEMADO. você vai sair. movimento lento de porte gigante boca de dentes afiados apertando um botão. derruba tijolos, paredes, você vai sair. mesmo chorando, algemada à sua casa, você vai sair. do outro lado da cidade, uma mulher. na favela da Restinga, cabelos presos, corpo acorrentado onde suas histórias costumavam dormir. agora estão cercadas por tratores e policiais. uma aliança consigo mesma, do instante fazer envolver os braços algemados na única pilastra que resta. firme, seja firme, povoavam a espera daquele impasse com um tenso impedir-se, o de negar a emoção em sua face, o sentido da cena, quando nada, nada em si era estruturante de seu gesto sem terra, feito de correntes, correntes dizendo ruptura do tempo, sem onde chegar, querendo ficar. assim ousou aparecer, nomeando sua casa com o rosto. quebravam a marteladas sem nunca terem dormido onde até já conseguiu sonhar. porque mostrar-se? isso importaria para quem, como um ato de coragem? a mulher se fazia em forte silêncio, algemada, imperceptível, posto que capturável. há algo de insuportável no fato de estar exposto, mesmo se o que se forma ao redor, enquanto isso, na tensão dos minutos, não era mera aglomeração espectadora, mas forças, indignações que enfrentavam energeticamente as cinzas que subiam esfumaçadas do chão, vindas da atividade dos homens que descarregavam os restos das casas no canto oposto, eram forças. afinal, quem é que pode dizer EU? virou-se outra coisa: um chão interditado, feito de conjugações do lembrar, e de todo corpo que estremece, todo braço que escolhe segurar o medo. parecia correr imóvel, com matilhas na garganta. encarando a máquina demolidora, a mulher fixava o olhar na possibilidade de não conseguir. a mudez era uma escolha, uma performática escolha quando a comunidade da Restinga estava em prantos, nas algemas de sê-la. tentava em luto a garganta insistir com os braços, éramos seu braço, envolvente, envolvido, pedindo, aos restos, um braço ou vários, enquanto os seus, carregados, tinham com o olhar a possibilidade de não conseguir. dedos fechados. o cansaço, o desespero, e a comunidade da Restinga, nas algemas de ser. se apagaria com os destroços, quando já não éramos mais os mesmos. fomos multiplicados⁶.

⁶ A favela da Restinga, situada no bairro Recreio dos Bandeirantes, desde 2010 vinha sofrendo com truculentas tentativas de remoção por parte da prefeitura. O objetivo da remoção é dar lugar à construção de um corredor da TransOeste, projeto de via expressa destinada a transportes coletivos, a ser inaugurada para a cidade olímpica. Segundo observação do dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro (2012), a referida via expressa segue a rota dos novos condomínios habitacionais de classe média/alta no bairro, e outros empreendimentos.



Meninos da comunidade da Pedra Lisa em evento de mobilização local contra as remoções impostas pela SMH (Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro), Outubro de 2011. Foto: Livia Valle.

/ Revezamento1:

fotografar a pesquisa

, vestígios de movimentos deixados, parecendo continuar. borram um primado do olhar. quando um estado aparentemente passivo diante das cores é perturbado, eis um secreto protesto: a imagem não permite sua fixação. algo se esvai da captura, engendra um jogo.

“Entre nós começava a se impor o antigo estatuto da caça: quanto mais me chegava com todas as fibras (...), quanto mais assumia intimamente a essência da borboleta, tanto mais ela adotava em toda ação o matiz da decisão humana (...) mesmo quando já a resgatara totalmente, era-me árduo (...) o capim vergado, as flores pisoteadas; ainda por cima, o caçador havia lançado o próprio corpo atrás da rede. E apesar de tanto estrago, tanta deselegância e violência, a borboleta assustada permanecia trêmula, e, contudo cheia de graciosidade”⁷.

As coisas ‘borboletizam-se’, maneira do mundo dizer: há uma ruptura entre o conhecimento e as coisas. É justamente numa violação das coisas a conhecer⁸ que se dá o conhecimento, e sendo a leveza de não saber insustentável – “*Para onde fugirei? Ele é a vida e a morte*”⁹ – escolhe-se a dominação.

O que Walter Benjamin narra na citação é o aguardo de um encanto a ser capturado por alguns instantes. Tal movimento predatório, tratado com minúcias, pode ser transmutado por outras lentes, sendo assim evidenciado como característica possível também em outros tipos de intervenção, como no caso da fotografia, mas também, naquilo que por hora nos interessa: a pesquisa.

Uma foto é feita de velocidades: algo é inapreensível, parece fugir. Tal noema inspira a fotografia desde quando, na virada do século XX, concentrava-se em registrar as transformações das cidades modernas como se colecionasse relíquias de um mundo

⁷ Benjamin, 2012, pp.81-82.

⁸ Foucault, 2009, p. 18.

⁹ Trecho de “Mistério do mundo”, de Fernando Pessoa.

em vias de desaparecer. Com a ânsia de se apropriar do que estivesse ao redor, fotografar, assim como foi narrar e pintar, torna-se uma maneira de se preparar, se necessário, para ‘sobreviver à cultura’ (Benjamin, 1996).

Fascinada pelo mistério da mortalidade e da transitoriedade, a fotografia instala-se, com curiosidade e impaciência, como uma tentativa de reter o que há diante de si – uma postura muito próxima da científica. Pois, em torno do desejo de revelar uma verdade imperceptível pela fugacidade do tempo, as fotografias tornam-se não só documentais mas, principalmente, tentativas de possuir o movimento de transmutação das coisas. Assim, quando a cidade passa a ser o campo exploratório por excelência de um aventureirismo social, nas palavras de Susan Sontag (2004), um modo de olhar que busca desbravar cada detalhe sórdido da degradação humana surge na fotografia, tendo então a cidade como seu teatro de calamidades.

Entretanto, há de se pontuar um contrapoder essencial. Em meio ao emaranhado de capturas presente no gesto de fotografar, há, ainda, a insistência do fotógrafo, que sinaliza que o real não é suficiente (Sontag, 2004): a realidade é inclassificável, feita de uma série de fragmentos fortuitos jamais totalizáveis. A abordagem do fotógrafo seria, antes, o reconhecimento desta impossibilidade de totalização e, ao mesmo tempo, a afirmação da existência de um tema que, dentre tantos outros, merece, tanto quanto os demais, uma atitude intransigentemente igualitária: tudo é digno de ser fotografado, dizia o ditame surrealista.

Tudo é teatro, dizia Augusto Boal¹⁰: não só as pompas, mas também os rituais cotidianos, os cafés das manhãs e os bons dias, os tímidos namoros ou uma sessão do Senado. Essa saída de uma escala de valores é a de um posicionamento que não hierarquiza a realidade e seu olhar sobre a mesma. Logo, o que haveria entre o fotógrafo e aquilo que se fotografa seria um encontro com esta multiplicidade de coexistências no cotidiano. Mas sobre tal encontro, pensamos: seria possível escutar o que se ‘recortaria’ da realidade nos moldes de uma foto, ou o que se ‘recolheria’ da realidade pelas ditas etapas de um método de pesquisa? Como se daria uma escuta da multiplicidade?

¹⁰ Augusto Boal (1931-2009) foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, criador do “Teatro do Oprimido”.

“Certas coisas se podem dizer com palavras, e outras, com movimentos. Há instantes, porém, em que perdemos totalmente a fala, em que ficamos totalmente pasmos e perplexos” – é aqui que tem início a dança, completa a bailarina Pina Bausch¹¹ (2000). A partir desta compreensão sobre o gesto de dizer, seria preciso fazer do movimento uma escuta. Como uma dinâmica relação entre corpos, enunciados e fluxos, a vida pulsa e desliza, conjuga, surge pelo meio. Corta e muda de velocidade. Compõe e desarranja composições. Efetuando uma dimensão ‘performática’¹² por suas manifestações, ela ensaia e (re) inventa presenças, emanando movimentos no lugar da perplexidade. Fazendo-se desassossegada, dançante sob suas mais diversas fronteiras, uma cidade, portanto, não caberia em um cartão postal. E eis o que nos chama como problema – e de difícil enquadramento – o que se escuta disso que não cabe? Algo escapa da foto.

Jacques Rancière (1996) pauta por aquilo que chamou de “ordem policial” o modo como está constituída a partilha do sensível: “A polícia não é tanto uma ‘disciplinarização’ dos corpos quanto uma regra de seu aparecer, uma configuração das ocupações e das propriedades dos espaços” (RANCIÈRE, 1996, p.42). Incidindo sobre estas regras e lugares dados aos corpos, afetos e discursos, processos se produzem entre os mesmos, desordenando as relações e os modos de sentir, evidenciando a emergência da estética com a política – ou de ‘desobediências afetivas’, como diria Pelbart (2011). Nesta recomposição surgem outras falas e o que se escuta, pelas quais outra participação pode ser engendrada, o que implica tensionamentos contínuos e irrepresentáveis em meio às forças que se cruzam – uma iminência de (ou imanência do) dissenso, ou como em Rancière (1996), um ‘desentendimento’.

Considerando que alguns desses ‘tremores’, no entanto, são sepultados ou sujeitados (Foucault, 2005) por uma cientificidade que os coloca sob a forma de suas próprias coerências; suspeitamos que haja no plano das relações em sua amplitude – o

¹¹ Pina Bausch (1940-2009) foi coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé alemã conhecida principalmente por contar histórias enquanto dança. Suas coreografias eram baseadas nas experiências de vida dos bailarinos e feitas conjuntamente. A citação surge do artigo escrito pela mesma para a Folha de São Paulo, intitulado “Dance, senão estamos perdidos” (publicado em 27/08/2000).

¹² Gostamos do que dissera certa vez a artista-pesquisadora Tania Alice: a performance estaria mais próxima de uma indisciplina. Esta fala surge durante uma aula da ‘disciplina’ ministrada pela mesma, no Programa de Pós-graduação de Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), chamada “Arte relacional como revolução dos afetos”. A partir disso, podemos compreender de onde partimos quando falamos em dimensão performática.

que abarca a pesquisa – um desacordo fundamental. Acredita-se que deste desacordo são criados outros traçados de conflitualidade, dos quais surgem algumas provocações: como localizar esses traçados e seu modo de construção na pesquisa, sem que se caia na trama do caçador de borboletas ou do sujeito da ciência que não se expõe à vista (Barthes, 1977)? Como não permanecer naquela distância do fotógrafo que está sempre atrás de sua câmera?

Pensamos que o poema “O fotógrafo”, de Manoel de Barros, trabalha essa questão de uma forma interessante. Evidenciando um outro modo fotógrafo – ou ainda, um outro modo do pesquisar – seus versos admitem um conflito: a dificuldade de fotografar que, assim como a pesquisa, parece só começar quando de antemão se estabelece uma forma de abordagem sobre a realidade.

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada a minha aldeia estava morta.

Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã.

Ía o Silêncio pela rua carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Fotografei esse carregador.

Tive outras visões naquela madrugada.

Preparei minha máquina de novo.

Tinha um perfume de jasmim num beiral de um sobrado.

Fotografei o perfume (...).

Vi um paisagem velha a desabar sobre uma casa.

Fotografei o sobre.

Foi difícil fotografar o sobre

Os versos sugerem que a fotografia no conjunto de seus gestos – olhar, escutar, narrar – só pode se fazer num processo relacional. Assim, quando ao longo do poema uma sinestesia acontece, evidencia-se uma ‘desorganização do sensível’, um outro modo de se relacionar com os elementos do mundo. Indo do silêncio ao ‘sobre’, passa-se pelo perfume, mostrando outras maneiras de ver que deslocam também a escuta.

Lembro-me assim de um episódio, desta vez sem fotografias, apesar da presença de alguns turistas. “*O que vocês querem com a gente dessa vez?*” – dizia o morador do Morro da Providência durante uma reunião aberta, promovida pela chamada comissão de resistência às remoções. Esta pergunta direcionava-se a um grupo de pesquisadores e alguns trabalhadores terceirizados do Estado, do qual eu fazia parte. Quando escuto a pergunta, algo então acontece com o corpo: este estava implicado, parecia ter a atenção voltada para alguma intensidade. Tal movimento, no entanto, não seguia apenas a pergunta enunciada, mas qualquer complexidade que acontecesse naquele espaço-tempo, ainda que invisível. Escutar era disponibilizar-se. Mas ao que, exatamente?

Pensamos que a escuta passa por como nos dispomos ser afetados, movimento singelo que supõe alguns riscos: pois dispor-se é aceitar a vulnerabilidade de tudo o que pode se desfazer – e eis aqui se o risco do conhecimento. Visto de outro modo, a pesquisa que se dispõe aos encontros e seus efeitos vê-se de repente não (se) sabendo, constituindo um problema político cuja dimensão estética é inescapável. Este problema pode ser sintetizado pela seguinte pergunta: “o que se passa entre?”.

Com esta formulação, Deleuze (2010) realiza uma crítica ao pensamento moderno, que estaria intrinsecamente relacionado a um modo ‘colonizador’ de compreender ou catalizar o encontro com a alteridade, a exemplo de, como vimos, certo olhar fotográfico. No entanto, seria preciso insistir na afirmação de que, no terreno

comum do encontro, trocas estão sempre sendo produzidas, assim como o poder circula e é exercido, não se tratando, meramente, de interferências de um objeto dado sobre outro objeto dado, mas de vazamentos (Neves, 2004). O ‘passar entre’ de Deleuze assume essa perspectiva, pois reconhece que, estando em constantes trocas, as coisas se sustentam instáveis, por processos inacabados e precários, existindo entre relações de transformações-de-transformações. Assim, a vida experimenta e se faz num ‘entre’ cuja atividade é fundamentalmente inconclusa e imprevisível.

Voltando à questão do risco do conhecimento, lembro-me de uma das primeiras vezes em que subi o Morro da Providência. Na ocasião, uma menina moradora da favela me recebe tentando falar algo em inglês. Logo percebo: meu rosto, o destino turístico atribuído ao lugar, e o corpo daquela diante de mim, parecendo tentar se adaptar a tais pistas. Pergunto-me então sobre esta recepção.

No texto “Ser afetado” de Jeanne Favret-Saada (2005), uma experiência de campo é relatada e discutida a partir da noção de afetos não representáveis. Ao perceber que já não sabia mais para que ou por que quis um dia compreender o campo de pesquisa escolhido, a autora se põe a questionar sobre o que se passava naqueles encontros nos quais sua existência se via então disposta a se afetar, colocando entre parênteses um projeto de conhecimento. A mesma diz: “tudo se passava muito depressa (...) não tinha compreendido praticamente nada do que tinha acontecido”¹³.

Ao constatar que havia algo na alteridade que escapava à comunicação, a pesquisadora percebe que a disposição à afetação não garantia nada a respeito de si ou dos afetos alheios. Negando seu lugar nos encontros como um lugar de empatia, a autora retira-se de duas leituras – a da empatia que surge por se supor uma relação de distância *a priori* a ser resolvida; e a da empatia como efetuação de uma mistura intencional sob a forma de identificação – e assume a impossibilidade dos afetos serem representados por não poderem ser apropriados: em uma perspectiva imanente de coemergência, estes não existiriam em alguma coisa, ou para alguma coisa, não dependendo de um objeto e nem pertencendo a um sujeito. Tendo-se então esta imagem paradigmática, voltamos a uma questão tida inicialmente: o que significaria fotografar a pesquisa?

¹³ Favret-Saada, 2005, p. 158.

Fotografar o que se faz na imanência: um modo de perceber quais imagens são feitas do pesquisar, e o que em seu processo resiste aos enquadramentos, empatias, colonizações e apropriações que assumem as mais diversas e sutis formas. Com isso, propomos retomar um ponto já disparado por Guattari (2001). O que o autor defende como “a lógica das intensidades” seria um modo de produção que, por sua vez, implica uma lógica diferente daquela que rege a inteligibilidade e o encaixe dos campos de significação das coisas. Em vez de limitar objetos, as intensidades levam em conta o movimento dos processos, o que destes surgiria “de um secreto investimento de formas improváveis”, pegando emprestadas as palavras de Carlos Drummond de Andrade¹⁴. Seria preciso produzir uma lógica de acompanhamento, escutas do que se põe em movimento, potencializando o que está em vias de se fazer, de se constituir; e tornando processualmente ativas, assim, singularidades que se fazem por uma ecologia do invisível¹⁵ que insiste em aparecer como plano de devires que precisam ser possibilitados (Pelbart, 1993).

Entre um silêncio ou um grito, um perfume ou um vôo angustiado, não se trataria mais de partir nem de chegar, menos ainda de ‘conseguir’ uma foto, mas apenas de passar, encontrar. E é aqui, possivelmente, que a questão do mestrado parece surgir: num ‘entre’ no qual talvez tenha me perdido, ou no qual tenha sentindo a “vergonha de

¹⁴ Trecho da poesia de Carlos Drummond de Andrade, “Campo de flores”.

¹⁵ Conceito aprofundado por Peter Pál Pelbart no texto “Ecologia do Invisível”. In: *A Náu do Tempo Rei: 7 Ensaios sobre o Tempo da Loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ser homem”¹⁶ – assim foi a passagem pela Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos¹⁷.

Vivendo um cotidiano intensamente atravessado por episódios da dita política de ‘pacificação’ das favelas, conforme passava pelos seus espaços, percebia que, com o tempo, as brincadeiras das crianças não só transformavam-se – indo das guerras de facção ao desejo de ser policial – como também seus sons e sua presença iam aos poucos sendo substituídos pelo barulho das britadeiras das obras. Essa escuta atravessava então aquela que me era solicitada.

A função que me era a princípio designada consistia na realização de uma ‘escuta qualificada’ das demandas locais, para posteriormente sistematizá-las, inserindo-as de algum modo em uma comunicação com o Estado. Temos então o primeiro estranhamento relacionado ao movimento de escutar. O que seria essa ‘escuta qualificada’? Qualificada para o que, exatamente? O que esta escuta, por sua vez, movimenta? Foi quando me deparei com uma responsabilidade. Estaria, em algum momento, trabalhando também para uma pacificação? Estaria minha escuta refém do desmanchamento da possibilidade do dissenso?

Ao procurar o mestrado, meu desejo era pensar este contexto, porém sempre atenta aos sentidos dessa procura – pois não poderia seguir, por exemplo, a direção de um aprimoramento, reformulando aquelas funções estatais. Ou seja: seria preciso discernir o mestrado de um saber paliativo cujas práticas, talvez, eu já estivesse em

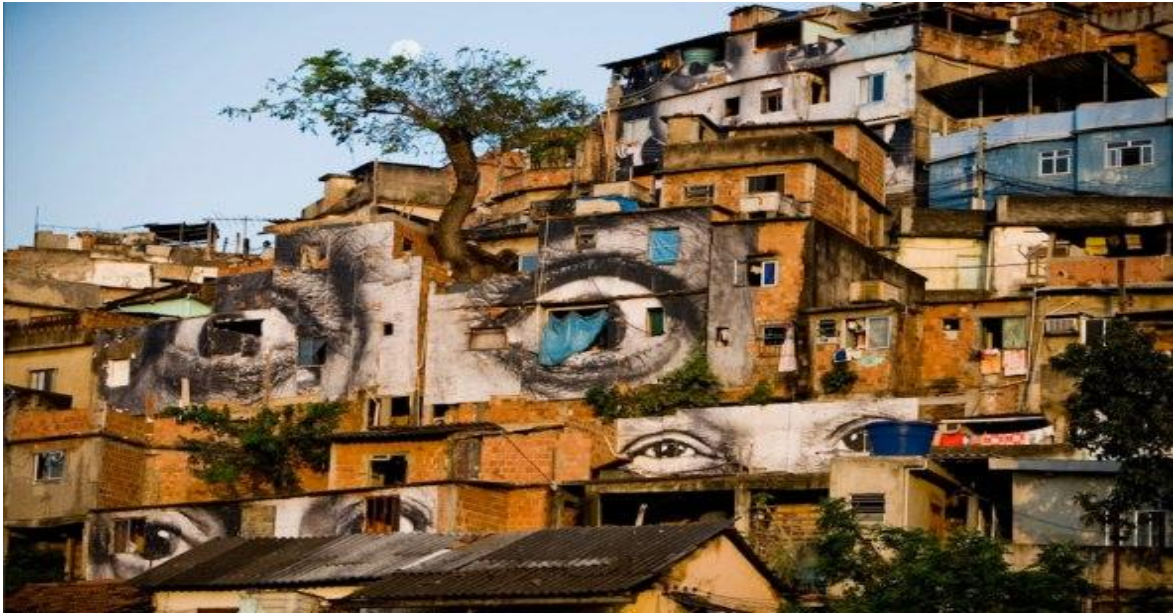
¹⁶ Deleuze em “Conversações” (2010) cita o termo “zona cinza” de Primo Levi para tentar definir esta vergonha de ser homem, introduzida pelos campos nazistas. Diz que a vergonha acontece em circunstâncias derrisórias, como por exemplo, quando assistimos a um programa de variedades ou ao discurso de um ministro. No texto “A literatura e a vida” (2008), o mesmo autor fala da vergonha de ser homem como justificativa para a escrita, considerando o ato de escrever como uma saúde. Desse modo, a literatura no contexto da vergonha se faria como uma “enunciação coletiva de um povo menor”, dominado, inferior, eternamente menor e em devir, que se expressa pelos átomos do escritor. O ato de escrever seria este devir em que se inventa um povo (p.14).

¹⁷ O Programa de gestão social em comunidades pacificadas surge em 2010 no âmbito desta secretaria do Governo do Estado do Rio de Janeiro inicialmente com o nome “UPP Social”, programa que foi municipalizado pelo Instituto Pereira Passos ao final do mesmo ano. Reformulado no Estado, o programa propõe realizar a gestão social de favelas através das seguintes ‘estratégias’: potencialização das redes comunitárias e dos atores locais, escuta de suas demandas, e articulação – entre as redes, ou desta escuta com as políticas públicas e as ofertas de projetos privados – tendo como viés a promoção de direitos humanos. Minha atuação, especificamente, começa em Abril de 2011 no Morro da Providência, tendo ao final de 2012 ido para a equipe das comunidades Chapéu Mangueira e Babilônia, por fim saindo do programa em Junho de 2013.

muitos momentos sendo convocada a realizar. Dito de outro modo, seria preciso *não discernir o mestrado* do que já estava sendo vivido por mim como um desacordo.

Peço então demissão. Na mesma semana em que protestos tomam as ruas de diversas cidades do país, saio de um lugar cuja escuta da cidade não podia ter ressonâncias; e, perguntando-me se algum dia houve, perguntava-me se era preciso haver, enfim, através de mim.

Desse modo, a pesquisa optou por não ser uma ‘escuta qualificada’: o que escolhe fazer, justamente, é correr o risco de perder todo tipo de qualificação, buscando, ao mesmo tempo, meios de atuar com aquilo que se escutou – aquilo que se passa entre, aquilo no qual precisamos nos permitir se perder. Esta é a pergunta constante, incansável, que atravessa tanto essa experiência como muitas outras que se movimentam pelo texto.



Projeto "28mm", intervenção dos artistas Mauricio Hora e JR no morro da Providência, 2008.

OS ROSTOS¹⁸. de repente multiplicavam-se a cada passo, agenciando estranhos traços e contornos e negando a massa homogênea que faziam daquelas existências. fotos e paredes¹⁹ enunciavam alguéns entre outros, gentes, portas e janelas, relevo dobrando em relevo, nomes próprios adquiridos na instantânea apreensão de uma multiplicidade²⁰: talhada superfície de um mapa de desconhecidas faces fazendo alianças intensivas, rizoma de cor que sobia e descia pelo morro, alastramento. estórias articuladas por desejos que tinham rosto. por entre os indícios do fato anunciado, um povoamento a transbordar, um contágio com textura, por entre árvores. epidemia. o morro parecia um monstro, feito de desníveis e coisas arregaladas como se braços e pernas e olhos surgissem em tamanhos diversos. temido na cidade. um monstro. passava-se vacilante com aquelas cabeças, aquela expansão. subia-se a terra ocupando quando ao mesmo tempo era ocupada. ocupação de corpos-manifesto, aquelas casas-corpo. como as fotos que se desmanchavam nas paredes com o passar dos dias, tornamo-nos um plano aberto repleto e gasto de tentativas, sem momento de cessar. uma fascinação do homem dos lobos diante dos vários lobos que olham para ele. o que seria um grito, independente do que chama ou convoca como testemunha? o que naquele horizonte nos fascinava como multitudinário já estava em relação com uma multiplicidade que nos habita? ²¹ devires inauditos ativadores de uma anômala propagação chamavam uma paisagem, geografias de si e do mundo intermináveis. fomos chamados por galhos que crescem enrolados aos

¹⁸ Sobre minha primeira ida ao Morro da Providência, em Abril de 2011.

¹⁹ Intervenção realizada em 2011 pelo fotógrafo Maurício Hora, nascido e criado no morro da Providência (foto), como tentativa de dar visibilidade ao processo das remoções e como estas têm afetado a vida de seus moradores. Retomando a ideia geral do projeto “28 mm”, de 2008, a intervenção consistiu em imprimir nos muros e paredes das casas marcadas pela Secretaria Municipal de Habitação fotos dos rostos de seus moradores. Em 2008, na primeira intervenção em parceria com o fotógrafo francês JR, usaram-se fotos dos rostos das mulheres moradoras do morro como uma arte de homenagem às suas histórias de guerra, projeto realizado por JR também em outros países, e tornada uma exposição a céu aberto na cidade de Paris, sendo também levada para uma temporada na Casa França Brasil, Rio de Janeiro. Em 2010, Maurício Hora realizou outro trabalho com fotos dos moradores que deu origem a exposição “Morro da Favela”. Tendo também fotografado trabalhadores do porto, estes foram impressos por muros e construções da região portuária, evocando imagens de uma vida produtora, existente antes da ideia de “revitalização” local promovida pela denominada Operação Urbana ‘Porto Maravilha’, fazendo contrastes de cores pelas ruas. Outra intervenção com imagens de rostos, mais recente, foi realizada em 2012 pelo artista português Vhils, que consistiu em esculpir na superfície das casas marcadas para remoção na Providência os rostos de seus moradores.

²⁰ Sobre as singularidades, cujos nomes só podem ser compreendidos num campo de intensidades: “Ora, o nome próprio não designa um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado (...) é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio” (Deleuze e Guattari, 2011, p.66).

²¹ Deleuze e Guattari, 2012, p. 20-21.

fios dos postes, trazendo emaranhados e criando modos de ficar. e aí, percebe, um dia, quando o galho é cortado, cadarços e fios de pipa persistem, surgem numa manhã e todos envelhecem, e no vai e vem do dia a dia, chamados pelos nomes, cumprimentantes os rostos se encontram, e desejos são compartilhados sem sabê-los, pequenas dobras nos sorrisos, secreto, secreto, assim, dessa coisa de se esbarrar sempre e fazer viver junto.



Intervenção do artista Maurício Hora no Morro da Providência, 2011. Foto: Léo Lima.

PARECEM RATOS, ELA DISSE. Boa tarde. O comboio do batalhão de operações especiais usando inclusive equipamentos blindados da marinha está circulando neste momento pela cidade em direção às operações para combater os ataques de bandidos que vêm se repetindo nos últimos dias, vamos conversar diretamente com o Globocop que está acompanhando neste momento o comboio, como é que está a situação agora Tatiana?

Tatiana: Ana Paula, nesse momento eles estão na pista lateral aqui da Avenida Brasil indo no sentido Penha, é um comboio que como vemos está levando seis tanques de guerra, eles vieram pela Washington Luis, pegaram a linha vermelha e agora estão nessa pista lateral da Brasil. A gente sabe que existe aí uma operação especial da polícia militar na Vila Cruzeiro cedinho pela manhã, vários carros com homens do BOPE foram nessa direção também, e a gente pôde acompanhar, por volta de oito horas da manhã, um incêndio a um ônibus na rua Cachambu, em Rocha Miranda, a gente acompanhou o ônibus ainda em chamas, alguns moradores tentando tirar o carro que estava perto do ônibus também, e agora essa imagem do comboio com os tanques de guerra indo em direção a Penha já onde estão concentradas as operações da polícia militar.

Ana Paula: Ali na região da Penha a gente está de olho com a repórter Fernanda Grael que está ao vivo no viaduto da Lobo Junior, ali na Brasil; como é que tá a movimentação aí Fernanda?

Fernanda: Ana Paula, a todo momento a gente vê grupos de motociclistas passando por aqui com a sirene ligada, alguns carros também da polícia militar e até do Batalhão de Choque. Nosso 'Globocop' sobrevoou por toda a manhã a região da Brasil na altura de Barros Filho e encontrou um pouco mais cedo um caminhão, um carro e duas motos que foram incendiados na pista sentido Centro. Nós não temos informações sobre feridos, mas fica aí um registro de mais um ataque na avenida Brasil, essa que é uma das principais vias do Rio de Janeiro. A gente vê aí agora outra imagem, de um tanque militar passando, equipes do BOPE pegando exatamente o sentido do viaduto Lobo Junior, que é esse que dá acesso a Penha, a gente tá aqui exatamente na Avenida Brasil na entrada da Penha, e a gente vê aqui um tanque militar passando, toda a equipe do

Choque, toda a equipe do BOPE, muitos homens entrando nesse momento, inclusive com tanques de guerra indo em direção à Penha.

[muito barulho. volta para a âncora do jornal da tarde]

Obrigada Fernanda, deixa eu chamar agora o Rodrigo Pimentel²² pra gente conversar, realmente é um dia muito complicado, vamos chamar ele aqui pra começar a explicar isso pra gente, Rodrigo, são imagens impressionantes, um comboio com muitos blindados, o que se pode esperar?

Ana Paula, este é um dia decisivo para o Rio de Janeiro. Há muito tempo que a gente esperava, ansiava por isso, eu estou aqui agora, olha, emocionado vendo essa reação, tão rápida, devastadora e eficaz, isso é uma viatura de blindados utilizados em guerra, são utilizados no Iraque, utilizados no Afeganistão, é totalmente protegido, muito mais eficaz que qualquer caveirão do Batalhão de Operações Especiais e agora a gente vai usar esse equipamento pela primeira vez no Rio de Janeiro.

[volta à Ana Paula] Queria dizer que são equipamentos com um poder muito grande, e que por isso há que se fazer um alerta aqui em especial para a própria população, pros moradores dos arredores ali da Penha para onde o comboio está se dirigindo. Qual é a recomendação Rodrigo, hoje, que os moradores têm que seguir à risca?

Ana Paula, olha, eu ficaria em casa, não sairia de casa, buscaria um lugar abrigado, coberto, não iria à janela e não deixaria meu filho ficar na rua, porque certamente haverá uma reação Ana Paula, é isso o que eles estão prometendo, mas agora a polícia está indo para lá também de forma devastadora.

[Ana Paula:] É uma demonstração de poder da polícia, é uma demonstração de força²³.

²² Foi capitão da Polícia Militar do Rio de Janeiro, tendo atuado no BOPE, e co-produzido o documentário 'Ônibus 174'. Hoje consultor de segurança na Rede Globo, escreveu também o livro Elite da Tropa em parceria com Luiz Eduardo Soares e André Batista, obra que deu origem ao filme Tropa de Elite (2007), dirigido por José Padilha.

²³ Transcrição da cobertura da ocupação do Complexo do Alemão pelo Exército brasileiro, realizada ao vivo pelo programa RJTV (Rede Globo) no dia 25 de Novembro de 2010. Naquela semana começara o processo de pacificação local, que quase um ano depois teria sua primeira UPP.

foi estranho, muito estranho. era como uma Copa do Mundo. agrupavam-se por botecos e torciam pela vitória de um dos times. gritos misturados a interjeições, como quando a bola por pouco não acerta o gol, trazendo socos à mesa acompanhadas de goles de cerveja. era um êxtase coletivo, um estranho ritual que levava muitos passantes naquela ocasião interromperem sua rotina por curiosidade. a multidão em sede alimentava-se de imagens, numa estranha interação que se produzia espontaneamente para admirar aparatos de guerra em marcha. entre aplausos e tanques militares, a suspeita de que aquilo que acontecia bem ali entre nós era o testemunho da produção disso que chamamos de sociedade. bota bandido no saco! estica o corpo no chão! faça na caveira!. usavam bordões do filme ²⁴ talvez sem saber que com isso produziam um poderoso discurso, este que em poucas palavras exclamadas construía uma realidade, aquela do caminho desenhado pelos tanques. o poder de eleger o destino dos comboios circulava por pessoas quaisquer que decidiam parar para tomar uma cerveja. naquela tarde quente e comum, a cidade era transformada em espetáculo para si mesma. a perseguição aos traficantes é acompanhada da adrenalina dos repórteres, contagiante. era novembro, final de período da faculdade entre os cafés e mesinhas do campus da Praia Vermelha. o tempo entre uma aula e outra era feito de muita aglomeração, por bares e quiosques, desta vez com suas televisões ligadas. uma estudante de psicologia faz uma observação, como o fio da faca que esquarteja: ‘parecem ratos’, ela disse. muitos podiam ser encontrados amolando facas²⁵ ali, enquanto no jornal da noite seria reprisada a cena da bandeira nacional sendo fíncada na favela. a conquista é como um lubrificante. entre a galinha mastigada, o sódio penetrando nas células e os comerciais de cartão de crédito – seguidos das promoções do supermercado – numa sala de jantar ou num bar, preocupadas em nascer e morrer, pessoas interrogavam-se brevemente sobre a alma das coisas.

²⁴ Referências do filme brasileiro “Tropa de Elite”, de 2007. Sucesso de bilheteria na época anterior à ocupação do Alemão, o filme tem como tema a violência urbana do Rio de Janeiro e as ações do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e da Polícia Militar do Estado. Lembro que na época do lançamento do filme, inclusive ‘antecipado’ por uma massiva venda de dvds piratas pela cidade, os estudantes de psicologia da UFRJ estavam tomados por discussões que exalavam moralidade.

²⁵ Baptista, 1999.

UM GUARDA CHUVA. entre a suspeita e o gatilho, todos os gritos emudecidos. todos os gritos dos quilombos, todos os gritos dos chicotes, todos os gritos vindos da desconfiança de um olhar na porta do supermercado. todos os gritos daqueles vexados bestamente na rotina, ou torturados em sua casa. todos os gritos dos que tiveram sua porta arrombada, seus pertences revirados. tapamos os olhos com a força de todos os gritos. lá estava ele, deitado. um menino.

o sangue na roupa desenhava na própria mancha o mapa dos desgraçados, dos que não têm vez. um corpo caído, jovem, ainda nos contando sobre uma certa ansiedade em seu passo desapressado e sonhador, jazendo com uma visita. aquela menina com quem falava ao telefone há algumas semanas, ela estava ali, naquele rosto caído, naquele olhar já suspenso de vida que ainda nos contava dela. tinha 16 anos e mais alguma coisa, uma expectativa de ter mais aquele dia ou outro, isso que quase todo mundo tem de fé ao andar pelas ruas, mas que não nos damos conta. aqueles que acham que podem ter mais um dia andam tranquilos, segurando seu guarda-chuva sem maiores preocupações. infeliz ideia de levar um guarda-chuva. era uma manhã de março quando militares emitiram disparos por acharem que Eduardo carregava consigo um fuzil enquanto caminhava por uma rua no Morro do Pinto.

foram 10 dias de ocupação militar. tropas em bandos, caminhões e proporções como se preparados pra guerra chegavam a cada dia para ocupar uma favela da cidade. “Exército já cerca todo o Rio. Por terra, água e mar, militares aumentam os esforços nas buscas por armas roubadas”²⁶. no final daquele verão²⁷ passavam pelas principais vias da cidade centenas de militares em transportes imensos. um dia, um tanque estacionou apontado pra favela da Mangueira.

²⁶ Manchete de capa do jornal O Globo na edição do dia 9 de Março de 2006. Fonte: Santo-Sé, J.T., Cano, I., Marinho, A., Ribeiro, E. “Guerra na Providência: Uma análise da ocupação pelo exército da favela da Providência no Rio de Janeiro em Março de 2006”. Relatório do Laboratório de Análises da Violência (LAV-UERJ), p 12.

²⁷ Durante 10 dias em março de 2006, o Exército brasileiro realizou incursões por diversas comunidades cariocas sob a justificativa de estarem à procura das armas levadas de um quartel.

Na manhã de carnaval do desfile das campeãs, militares ocuparam o Morro da Providência. fazendo da praça Américo Brum sua base, logo instauraram o toque de recolher. ninguém podia entrar nem sair do morro quando o sol fosse embora. sem conseguir ir ou voltar do trabalho, dormia-se na rua ou era-se demitido. na favela da Mangueira, escolas, creches e comércios fechavam. nesses momentos imaginamos os latidos dos cachorros. cartas chegam aos jornais, aprovando a intervenção militar, “estamos vivendo raros momentos de tranquilidade mas sabemos que isso já vai passar”²⁸, dizia um leitor antecipado. a população apoiava a guerra dizendo-se mais segura, sofrendo menos assaltos e roubos, tendo finalmente a garantia do direito de ir e vir. no ir e vir da favela o olhar arredondava ao longe as cores vistas em cima das casas. ainda um pouco embaçadas mas imediatamente reconhecidas em velhas formas, constatava-se não mais as cores dos meninos soltando pipas. em cada laje desapareciam com a descoberta de um ou dois homens de farda. outros tons, apontando fuzis. outras cores. guarda-chuva manchado de vermelho, pipas guardadas, lajes esverdeadas. pelos dias seguintes novas texturas. janelas estilhaçadas, gavetas reviradas. cartas de amores antigos jogadas pelo chão misturadas às contas a pagar e aos cacos da porcelana herdada da avó. fotos de família perdidas. às vezes a única coisa que resta é o santinho no altar, ou nem isso. lembranças de objetos que não foram mais os mesmos, e cujo toque, para sempre invocará a violência que os transformaram. caixas d’água perfuradas. famílias voltam aos tempos da lata. serena e firme, uma senhora nem precisa respirar fundo, já engata o peso no ombro e vai embora rumo a escadaria. passa e ouve de longe um fulano bêbado se arriscar de uma forma idiota, só recebe de resposta do militar ‘se falar vai levar um tapa na cara seu filho da puta’. e o sangue, mancha. verdes e vermelhos espalham-se e pela viela em que crianças são revistadas. umas imediatamente vêem a farda e como que condicionadas levantam seus bracinhos pra cima. sabendo que esse é o gesto, largam a bola de futebol no chão. algumas aprenderam que o melhor é levar a mão à cabeça, e assim pequeninamente o fazem. outras ainda estranham, passam com aquele andar meio desengonçado de fraude e desaceleram quando olham a roupa diferente, a arma, a cara, quase tropeçando. essas abraçam ainda mais seu brinquedo, não o deixam cair. nenhuma se assusta ou se admira os fuzis, parecem estar habituadas com as armas, sua rotina. numa parte passam e separados ao lado estão seus pais. menino vê a mãe sendo colocada na parede, a saia sendo levantada. estranha o fato e

²⁸ Carta de um leitor do jornal O Globo em 11 de Junho de 2006. Fonte: *ibidem*, p 8.

procura seu pai com o olhar, tentando uma cumplicidade. pai está no outro canto da parede, braços e cabeça tentando um ângulo ousado à procura de seu pequeno. estranha mãe passar por isso, será que pode pai? pensa sozinho. nada é tão intolerável até que lhe digam que é. e era só um guarda-chuva. menino do rosto ainda esperando pelo beijo da namorada vai fechando os olhos em meio ao grito das mães. *chamem a mãe do menino! chamem a mãe do menino! seus covardes! filhos da puta! porque fizeram isso!* melhor ficar quieto. era um boteco que só tinha três mesinhas e um velho sentado. é que costumavam ir no forró mais à noite pra beber todas mas agora os comércios fecham cedo. a música estava baixa. se aproximaram para ouvir, encucaram-se com aquela coisa colorida piscando, dando bobeira, e tinha esse senhor segurando umas fichas na mão, só esperando eles saírem. fazia um som com elas quando as sacudia em sua mão grande e sardenta, três fios brancos num dedo. se aproximaram pra ouvir a caixa colorida, e assim foi que não sobrou nada. só mesmo as prestações do dono do bar, que havia pedido empréstimo na caixa econômica federal para construir seu pequeno negócio. era apenas uma canção de rap vindo da maquininha de música ao lado do fliperama. os militares saem do bar orgulhosos como num desfile de sete de setembro. saíam de toda casa e estabelecimento assim, com esse ar. dignidades expostas. no momento irrecuperáveis. melhor ficar quieto, pensa. deixa pra lá.

do moço do bar das três mesinhas ao rapaz do barraco que só tinha um armário, destruído, um gari comunitário é agredido. tentando dar queixa na delegacia policial, lá disseram que era pra ele ir no próprio Comando Militar do Leste. tudo bem então, ele foi, faziam-no de burro, mas ele foi. sentado numa das pontas de uma mesa de madeira lisa, de cara com aquele homem robusto de hierarquia, certo de que era isso que precisava fazer, juntava os cacos da coragem para conseguir ignorar um sussurro - “quero ver dar queixa agora”. o tenente da ronda do corredor ria. melhor ficar quieto. cabeça baixa até a gente aguentar, diziam seus cacos. aquele que já tem que suportar o odor de toneladas de lixo agora tem que tentar o insuportável; sair pela porta ouvindo mais um sussurro. nunca ganhamos. há sempre um resto inglório.

no Morro do Pinto muitos já se aglomeravam. a mãe de Eduardo aparecia ao longe, corria antecipando interjeições e segurando um lenço, seu medo fazia-lhe gaguejar. a

multidão em volta já lhe indicava. a mulher tentava negar o que já sabia. atrás, as irmãs, as primas, os vizinhos, tentando acompanhar os passos acelerados, gordos e firmes, os braços relinchantes como um cavalo de olhos incendiados e invictos de galeano²⁹, animal que perto do amanhecer deixa-nos para regressar ao mar agitado. para não deixá-la morrer junto, seguram seus braços feitos de crina. a mulher gritava para o céu, despenteava-se revirando os olhos, quando esses conseguiam se abrir. não podia crer naquela cena, sabia que seu filho não era envolvido com o movimento. caiu no chão, junto dele. despencou quando os gritos não bastaram, naquele momento, quando alguma parte sua tinha que ser levada com ele. soluçava. a vizinhança chega para lhe acudir. matriarcas da rua eram contidas, homens cuspiam e arriscavam xingamentos, uns jovens choravam e outros não mostravam cor. velhos permaneciam bebendo na esquina, observavam aquilo de sempre. a mãe suplica à própria revolta que esta continue. procura tocar o corpo amolecido do filho, já dormindo da dor. tentava alguma paz, talvez não dela. em meio ao caótico burburinho, concentrava-se para conhecer a nova temperatura do seu bebê. sentiu-lhe gelado, e sacudiu, gritou com o menino como se fosse a última vez que lhe desse bronca por chegar atrasado da rua. sacudia e gritava, queria tirá-lo dessa tranquilidade incompreensível da morte. Sai! Sai! Sai! embriagada de uma cólera, de uma esperança ínfima e duradoura, depois de muito tentar acordá-lo, percebe o dever de conformar-se, já havia ido. um curto respiro, última lágrima. leva os dedos em direção ao rosto do rapaz, depois de enxugarem a gota salgada que correrá no seu. molhados, marcam a pele negra e fria do menino, num carinho singelo que faz o grito de outrora beijar a testa. fecha os olhos e abaixa a cabeça. regressa ao mar. o momento de reconhecer que é assim. entre a suspeita e o gatilho, todos os gritos.

todos os gritos dos quilombos, dos chicotes, dos agredidos por um olhar dentro do ônibus. todos os gritos daqueles acabrunhados bestamente na rotina, ou torturados em sua própria casa. todos os gritos dos que tiveram a porta arrombada, os pertences revirados. tapamos os olhos com a força de todos os gritos. não era uma tarde qualquer na Central do Brasil quando desceram o morro em direção ao Ministério da Guerra.

papéis e panos rabiscados e frases cujo brado era como a força dos braços inconformados da mãe do Morro do Pinto. grito pro céu, cavalo antes do amanhecer regressando ao mar, ainda com olhos incendiados, invictos de cavalheiros. dessa vez

²⁹ Galeano, E. *A canção de nossa gente*. São Paulo: Paz e terra, 1992. p. 12.

não se esconderam. não no mesmo mar que os trouxe com o navio negreiro. aqueles que foram às ruas, foram galopantes. recebidos com bombas de gás lacrimogêneo, bem ali, bem naquele chão onde acamparam os combatentes de Canudos, eram eles que agora combatiam. seus gritos, novamente contidos, passam tentando deixar uma recusa. trata-se do que fora declarado com aquele tanque apontado. trata-se do que fora declarado com o guarda-chuva jogado no chão. mas as bombas, emudecem.

enquanto o fervor se alastra, no alto do Morro da Providência militares procuram por armas na Capela das Almas, construída em homenagem aos combatentes que não sobreviveram à campanha de Canudos. Dona Francisca, sua guardiã, aguenta até os militares saírem todos da sua frente. o interior da igrejinha fora todo destruído. discreta, esperava irem-se todos. as mãos enrugadas de casca, endurecidas de lavar roupa e ver menino caído, ao degrau da escada de pedra encostavam sentindo o calor do topo do morro, quase no sol. só quem ela deixava ouvir percebia um choro baixo, sentido, não prolongado, tão silencioso e povoado quanto os das mães do Morro do Pinto. juntava todos os cacos. as mães tentam segurá-la, quer levar o guarda-chuva manchado de sangue. preparavam o corpo do menino, assim como o objeto que restara. a mãe, relinchante, preparava-se para regressar ao mar. seu luto era construído lentamente enquanto virava-se para ir embora. dessa vez, nem santinho restou. deixaram como rastro todos os gritos emudecidos e todos os seguintes, soprados, já esquecidos³⁰.

³⁰ Desde o início da operação militar reconstituída por esta cena, 1.600 soldados ocuparam 12 comunidades cariocas. Ao fim dos dez dias de ação, não encontraram as armas que procuravam.



Registro da Guerra de Canudos (1896-1897), documentada por Flavio de Barros. Fonte: Google images.

dissertar, dissertar, dissertar, dissertar. estamos todos cansados, exaustos! enquanto janelas dos edifícios estão cerradas, luzes de vizinhos apagadas, um murmúrio já é imediatamente refeito em madrugadas que chegam nas próximas semanas. anunciando um trabalho sem fim [cigarro], o que marca o corpo, o que é isso que testemunhamos? eram perguntas constantes. a condição de possibilidade para um esboço - ‘o que fazer?’ - viria? afetando uma composição de areias moventes³¹, a memória cotidianamente quebrada - tal como os pontos de ônibus da Presidente Vargas ou as vidraças do Banco Central - faria com que depois descobríssemos que nos tornamos outra coisa³², antes do esquecimento do antes. como se situar? [cigarro]. fazer, desfazer, refazer, deixar por se fazer... angústia de constatar a descontinuidade³³ da experiência pela qual o pensamento ao mesmo tempo resiste, impedindo que estórias sejam concluídas à força³⁴; na medida em que, a melhor metáfora para o conhecimento, é a de uma confusão entre visões e vozes vacilantes³⁵.

E continua-se, sem saber dizer.

³¹ Rodrigues, 2004.

³² Foucault apud Deleuze, 2010, p. 12.

³³ Quando a descontinuidade estrutural desmancha-se em descontinuidades moleculares e fractais, revela-se a diferença como variação contínua, ou, antes, a continuidade como intrinsecamente diferencial e heterogênea (Viveiros de Castro, 2007).

³⁴ Baptista, 2005.

³⁵ Haraway, 1995.

/ Revezamento2: da utilidade ao corte

A questão que se formulava com os cigarros: que o real não seja representável, mas somente demonstrável – por delírios – a escolha que a escrita constrói nada teria a ver com uma atitude de eficiência.

Em sua aula inaugural no Collège de France, Roland Barthes profere caber a nós ‘trapacear a língua’ – e com a língua – fazendo do seu próprio interior um combate, um teatro: aquilo que precisaríamos ouvir fora do poder, a encenação da linguagem como um modo de sobreviver ao esgotamento do dito, dando ênfase às suas ressonâncias. Talvez, o problema de escrever seja inseparável de um problema de ver e de ouvir.

Segundo Gilles Deleuze, seria preciso estabelecer ‘vacúolos’ de comunicação: pois se o ato de comunicar consiste em um modo de fazer circular uma palavra de ordem³⁶, este não se encontra no mesmo lugar de um estilo, cuja existência se dá sempre pela criação de um ‘despoder’ irreduzível. É no poder exercido pelo que há de se comunicar que reprimimos a possibilidade de ‘delirar’, a saúde que libertaria a vida em toda parte por onde estivesse aprisionada (Deleuze, 2008).

Assim é que na chamada pós-modernidade ocorre uma urgência de interromper a totalização da mensagem a ser dita, engendrando a possibilidade dos delírios, como no caso do teatro e da performance. Surgidos daquela sensação de que ‘a realidade de repente não é mais possível’ (Lehmann, 2003), por tais campos outras disposições sensíveis são criadas, principalmente no ocidente do período pós-guerra, e dos quais extraímos ferramentas para nossa escrita que persiste inquieta em não saber como dizer.

“Quando eu vejo uma pessoa a partir de uma perspectiva ética, é impossível reduzir essa pessoa simplesmente à sua efetividade, à sua realidade”³⁷. Através desta percepção é trabalhada a desconstrução da presença nas artes cênicas mais recentes, em

³⁶ Deleuze, G. “O que é o ato de criação?”. In: *Folha de São Paulo*, publicado em 27/06/1999.

³⁷ Lehmann, 2003, p.18.

que se produz uma compreensão do sujeito como possibilidade. Tendo-se a representação e a identidade situadas no cerne das implicações políticas do teatro, suas tentativas chamadas ‘pós-dramáticas’³⁸ consistem na produção de dispositivos que suspendem qualquer tendência resolutiva, como se gaguejássemos diante de qualquer moral da estória.

Retomando uma fala do Gilles Deleuze, desta vez relacionada às experimentações no cinema, vemos que não há como se contentar com uma idéia de crise da narração na contemporaneidade, visto que estaríamos diante de outro princípio. A interrupção provocada pelos cortes no cinema faz com que, em termos de narrativa, desmanchemos a estável linearidade teleológica, abrindo espaço para o desmanchamento provocado pelo abrupto que não significaria, contudo, aquilo que imobiliza. Ao contrário, pelas irregularidades parece captar-se ou revelar-se algo intolerável, insuportável, não sendo mais apenas a ação e a narração que aparentemente desmoronam, mas as percepções e afecções que mudam de natureza (Deleuze, 2010). Se há um jogo em que as imagens agem incessantemente entre si, temos então o movimento como algo não demarcado.

Voltando ao teatro, é importante assinalar que o termo pós-dramático foi forjado para caracterizar algumas experimentações nas artes cênicas relacionadas à forma tipicamente dramática de apresentar os conflitos que se desencadeiam, ou seja, o modo de narrar que conduz à dialética e à síntese. O pós-dramático seria uma suspensão das antigas formas, tentativa que se dispõe a novos arranjos narrativos, noção que se relaciona diretamente com a nossa pesquisa. Considerando que muito do teatro situa-se hoje por propostas mais híbridas com elementos da dança e da performance, preferimos investigar as zonas de interação entre esses campos na sua porosidade e difícil definição, para assim pensar a escrita, que também entendemos como uma composição estética, uma montagem, um trabalho de edição atravessado por movimentos de corpo, presenças. Assim encontramos, um tanto aleatoriamente, o trabalho da bailarina Vera Mantero comentado por José Gil (2011):

“O que eu vejo na Vera é que a sua revolta, o movimento de revolta nela é, por assim dizer, espontâneo, ela não tem que exercer a vontade forte da revolta para derrubar obstáculos, muros, celas, prisões... etc.

³⁸ Expressão trabalhada especialmente por Thyes Lehmann.

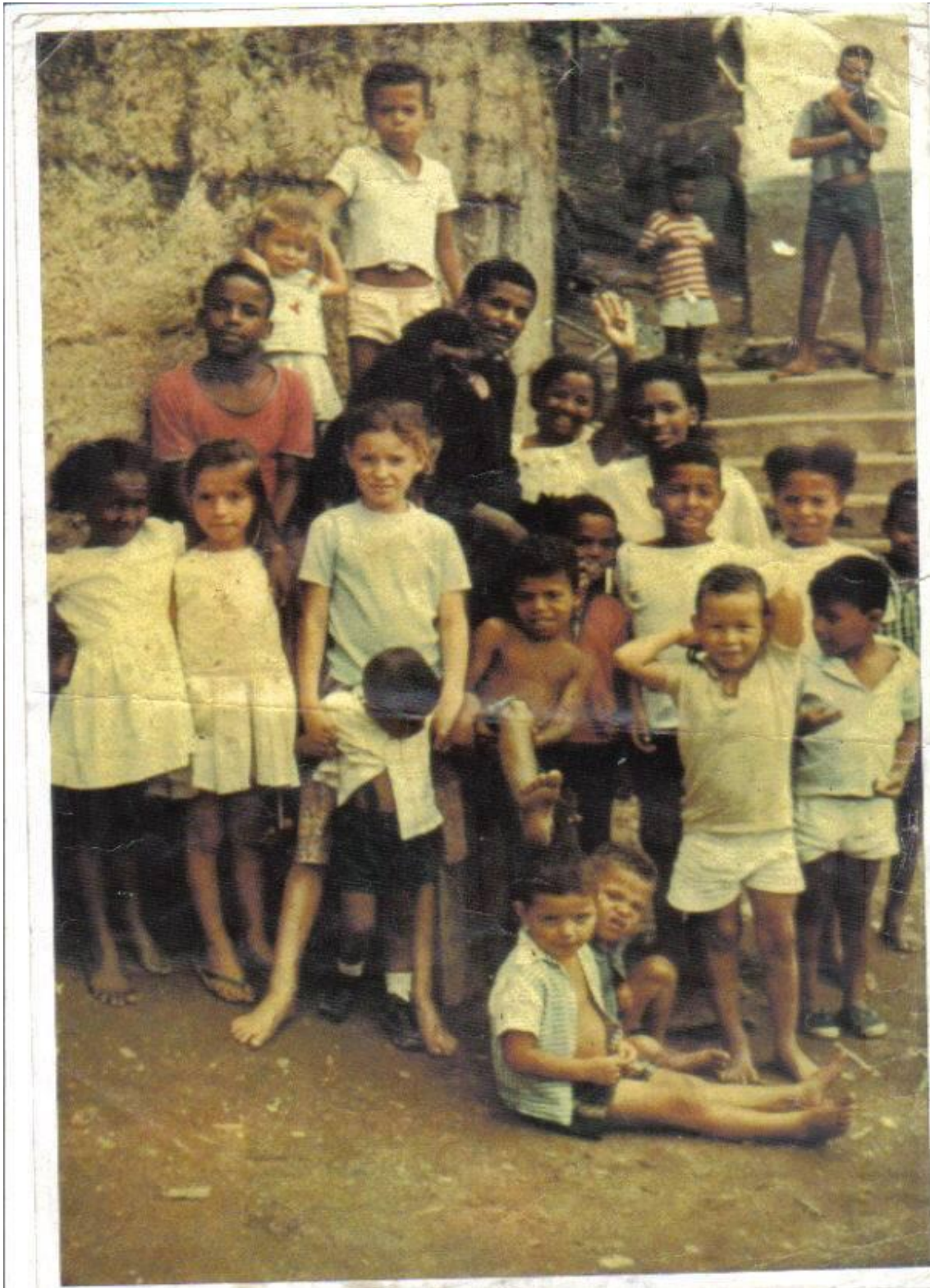
Não. (...) Quase naturalmente ela derruba, e derruba-o com prazer, com uma fluidez de movimento e sem mensagem política ideológica, a mensagem dela é, até se podia chamar, micropolítica, não tem mensagem”.

Segundo o autor, no trabalho de Vera há uma capacidade de escutar, um modo disjuntivo de operar com o devir, fazendo-nos ‘ouvir’ intertícios de linguagem. Em suas coreografias, o dispositivo do corte atua suspendendo o que se *obriga* dizer ou ouvir. Da variação que gagueja em sua dança, a artista traz no lugar do corpo racional a potência de uma verdade indecidível (Deleuze, 2010), pondo em questão todo um modelo de pensamento-ação. Assim, sua fragmentação desloca a utilidade da mensagem, aproximando o corpo falante dos direitos da imaginação (Artaud, 1993), ou ainda, da invenção de um povo (Deleuze, 2008). E aqui, de modo bastante veloz, chegamos ao engajamento da escrita tido ‘inútil’: o de fazer um povo falar através do corpo que escreve, e que, escrevendo, move(-se).

Este trabalho que a escrita inevitavelmente engendra aproxima-se de uma comunidade que se produz entre os corpos. Segundo Pelbart (2011), a comunidade é ‘*o que nos acontece*’ – a inclinação àquilo que se mostra tão impossível quanto inevitável – o que há de insistente e dispersivo, e que só poderia ser pensado como o contrário de uma sociedade: pois o modo de produção da comunidade é o da multiplicidade, o de uma associação sempre pronta a se dissociar.

A comunidade que nos acontece presentifica-se no ato de escrever quando se deixa de unificar o diverso possibilitando ou não seu acontecimento, seus movimentos, seus delírios. Haveria então uma responsabilidade relacionada a seus lugares por vir. E neste processo, a escrita como inútil caminharia apenas para se ensaiar: uma vida juntos – já que impregnada, trava uma luta contra a narrativa do destino, e desvia. E inventa.

Claquete.



Morro Chapéu Mangueira, bairro do Leme. Foto sem autoria, tirada nas décadas de 1950-1960.

Fonte: página “Morro do Leme” no facebook.

MENINO-SOLDADO. sentado balançando a perna evita encarar enquanto diz: hoje tá seguro para encontrar a gente. o morro segundo os meninos tá em guerra, mas de dia não tem problema. desviando dos meus olhos ansioso, vomitando palavras, só em breves momentos arriscava ir ao meu azul outro, curioso, meio buscando uma reação de quem não é dali, esperando de repente um lamento ou uma descoberta; algo incomum e impressionável, como quando ele diz que essa noite teve que dormir com um fuzil sobre o peito. o último final de semana foi tenso, os caras da facção rival foram procurá-lo em casa. foi no mesmo dia do último tiroteio, quando o pau comeu sério, um domingo. sentados no meio-fio, observamos os passantes voltarem da padaria ou da escola onde o filho estuda. todos sabem o que está acontecendo, ensaiam com acenos de cabeça - 'se cuida' - e ele resolve ficar ali para receber. enquanto relata suas madrugadas insones, outros meninos também passam, misturados com outros que voltam de algum lugar. um passa de peito orgulhoso, diz que escapou ontem por ser diminuto. já outro mais magro e alto brinca com um spray lubrificante de armas. depois, outro corre como se fugisse; esse fica agora assim dando voltas o dia inteiro, nunca fica num lugar só, tá sempre correndo, muito doido, diz um amigo, rindo. menino olha buscando reação. perna e mãos gesticulam, inquieto mas de psicologia de pé, certo é, certo é, dê no que der³⁹.

a tensão daquela última segunda-feira era a de que a qualquer momento alguém podia vir pegá-lo enquanto fazíamos a reunião do grupo. alguns meninos, assim como ele, afastaram-se das reuniões depois que a guerra começou. mas nesse dia em que nos encontramos, ele estava em frente à Casa da árvore⁴⁰, esperando. po, logo hoje que eu to seguro, que pagaram o policial, vocês não vêm? [a reunião ia ser no asfalto]. ele esperava. pelo meio do caminho ou em frente à porta aberta, ele esperava. e me convidava então a entrar, neste encontro que transportava o acaso. qualquer coisa é só pular a janela. qualquer coisa é isso. qualquer coisa entro num beco, no mato. qualquer coisa é só coisa qualquer, meu pai também já passou por isso. qualquer menino, pensam. após um tempo sem nos vermos, pergunta se os outros andavam comentando

³⁹ Referência à canção "Programado pra morrer", do grupo Trilha Sonora do Gueto.

⁴⁰ A unidade da ONG Casa da Árvore no morro do Chapéu Mangueira foi inaugurada em agosto de 2004, funcionando no segundo andar do Posto de Saúde Comunitário Renée Delorme, fundado em 1954 a partir de mutirões comunitários, sendo administrado pela Associação de Moradores local. Ali acontecia semanalmente um projeto de iniciativa de alguns jovens moradores, denominado "Dá teu papo", que consistia em encontros abertos para que os mesmos discutissem livremente sobre os temas que desejassem.

sobre ele. gesto de querer acreditar na existência dos vestígios das escolhas. estas tramavam com a pergunta um desejo. para esse menino não pacificado, “programado pra morrer”⁴¹, narrar suas peripécias é tecer sua própria odisseia. quando decide ir às armas, decide pela sua escrita. aquele que honrou seu irmão preso e foi a combate, um dia ou naquele momento, quer poder reencontrar seus motivos.

sabe, é que meu irmão foi preso porque foi forjado pela upp. sabe o que é forjado? nunca mais vi ele, e eu não posso visitá porque aí tenho que fazê uma carteirinha que vai impedi de ter emprego ou de fazê um curso. mas daí ele me mandou uma carta da prisão pedindo pra mim assumir tudo que ele deixou porque ele só pode confiar em mim sabe qual é, e daí passei a me sentir responsável sabe e eu sou muito novo e agora to tendo que segurar as pontas, vingar essa história, to pegando em arma, vários meninos tão indo pegar em armas, tudo mais novo que eu só muleque novinho só tem isso aqui pra defender o morro tu tem que ver, o mundo tá perdido, é só ir ver lá em cima tudo 14, 15 anos. me sinto responsável e é mó pressão sabe qual é, eu preciso segurar as pontas por ele, tá todo mundo me pressionando que se eu não fizer isso e entrar nessa guerra ela vai acabar me pegando. entende como eu to? dá oito da noite é hora de colocá a bota preta e a toca ninja e ficar ali. eles tão todos espalhados por aqui de noite só esperando a gente aparecer.

velocidades. qual a velocidade entre o corpo inquieto e o futuro previsível? sabe que a velocidade é a da bala que pode matá-lo, como se sempre lhe estivesse reservada, jovem soldado, nosso menino, a morte. assim começava a deixá-las, as palavras, assim que proferidas no ar suprimidas, levando com estas o sujeito constituído naquele momento. em frente à porta, as enunciava, fazendo-as ficar ou apagarem-se. escolhia ali seus caminhos. qualquer coisa é só pular a janela. qualquer coisa é isso. entre as brincadeiras de menino e a ansiedade de tornar-se homem, a aventura. quando diz que não vai mais à escola, quando escolhe deixar a família dormindo e ir pra rua armado, menino soldado tornou-se homem. orgulhoso, preocupado. ir é decidir por uma viagem, ser senhor de sua prova ou diversão, se fosse cansaço de certa monotonia, ou ainda, e porque não, uma fabulação quando o mundo não lhe dá outras jornadas, pode? pode ser, ainda, apenas sua história, como outra qualquer.

⁴¹ Outra referência à canção “Programado pra morrer”.

por um momento, engrandece, no instante seguinte, sem riso. um ato sem plateia. aquela vida que apresentava seu ato de repente tem a narrativa um tanto melancólica. ainda em tom épico, relata que não pode mais ver a namorada, aquela que enfaticamente é a única pra quem conto tudo sobre a minha vida. menino teve aquela despedida dos combatentes que juram voltar às suas amadas enquanto entram no trem. ele romantiza, explora os mais genuínos sentimentos na forma de um retrato que seja reconhecível pelos humanos. que estes compreendam em meio a esta aparente insanidade, que se vejam nele, brancos que não cresceram aqui. quer despertar algo. e sabe, não tem vergonhas. ao contrário e simplesmente, tenta apenas esboçar que se trata de uma dignidade que ninguém quer entender, pois ele jamais a teria. o corpo inquieto não pede por pacificação, desconhece, e prefere rumar a alguma coisa que não sabe o que é. falar é tentar algum direito à história, um murmúrio imparável é a sua insistência em vida ⁴². não tô nenhum pouco preparado pra isso, mas preciso ir. ele costura todos os lamentos com todas as glórias. estão emaranhados uns nos outros. e a porta, aberta.

acompanhado de seus olhos sempre hesitantes de mim, sempre desviando, fazendo meandros do lugar assim atribuído do sermão ou da pena, ele não emana culpa, desvia-se do previsível na confissão, desvia apesar de responder como que a um possível inquérito sobre si. ali fazia de sua vida algo descritível, dizível, magicamente pesada de decisões atravessadas por dramaturgias que faziam destes fatos, provavelmente ordinários [como foram tratados pelos passantes tranquilos], heroísmos marginais. todos aconselham filtrar sua fala: ele diz coisa demais, “tá inventando”.

entre a dúvida e o falso, ficamos sem saber se a intensidade que percorre estas breves palavras vem mais de seu fulgor ou da violência dos fatos de que elas estão repletas ⁴³. entre a dúvida e o falso, ser tocado pelo encontro ⁴⁴. entre as desordens que queremos

⁴² Foucault (1992) diz “Durante muito tempo, não mereceram ser ditos sem escárnio senão os feitos dos grandes; o sangue, o nascimento e a façanha, e só eles, davam direito à história. E se alguma vez acontecia aos mais humildes serem guindados a uma espécie de glória, era por qualquer fato extraordinário, – o fulgor da santidade ou a desmedida de um delito. Que na ordem quotidiana pudesse haver qualquer coisa como um segredo a desvendar, que a insignificância pudesse ser, de certa maneira, importante” (p.100).

⁴³ *ibidem*, p. 89.

⁴⁴ Foucault (1992) diz que a procura pela verdade nos ditos aparentemente fabulosos não seria uma questão. O que interessa é como estas falas podem fazer operar uma realidade.

dizer e o rigor das formas que é preciso seguir ⁴⁵, o fabuloso como aquilo que precisa ser dito, deslocando a verdade para fazer sua própria história, esta ameaçada tanto quanto seu discurso, destinado sempre a desaparecer assim que dito. luta contra seu lugar de mais um. diz que é difícil, tenta um contraste [os passantes não se fascinam], faz a passagem das palavras, inventa um povo⁴⁶ e possibilita a chance deste se manifestar. luta-se contra a morte. entregue a devires literários, luta contra a morte das escolhas, feitas quando ao mesmo tempo tenta um lugar de fala no mundo. seja por um clarão⁴⁷ que organiza sua justificativa ou por uma brecha no espaço-tempo, seja por um estreito feixe de luz ou por uma pausa, por aquelas palavras de antemão fadadas a torná-lo indigno na memória dos homens o que passa é o discurso de uma vida destinada a passar sempre ao lado de todo discurso. mais um menino traficante. ele teima em me mostrar sua vontade de vingar, partir. as palavras são apenas instrumentos, outras armas. meios de criar astúcias, intrigas ou batalhas. são apenas instrumentos. para que a vida possa enfim aparecer, protestar-se, menino, tão presente em suas pernas inquietas. com elas desfaz sua invisibilidade, estigmatizada inércia enquanto procura atestar que tem efeitos no mundo.

nos meus olhos, seus motivos validados. combate enquanto diz. cria destino quando me olha. num daqueles breves momentos em que ele repara, percebe então que estou angustiada, e num gesto ainda surpreso, menino coloca a mão em meu rosto como se esperasse por alguma lágrima a ser secada em retribuição. carinhoso, tenta me tranquilizar, dizendo que não preciso me preocupar que vai acontecer nada não, tá tudo certo, é só esperar, os policiais vão fazer a limpa e tudo volta a ser como antes [e tudo volta a ser como antes.]

menino vai para o mato mais tarde. ele diz que escreveu uma carta para a namorada. seu irmão ainda está preso e ele nunca mais o viu. o fuzil deve ser mais pesado que ele. a escola deve ser tão chata quanto o silêncio que se faz à noite. agora precisa desconfiar

⁴⁵ *idem*, p.100.

⁴⁶ “Pegar as pessoas em flagrante delito de fabular é captar o movimento de constituição de um povo (...). Não existe povo que não se constitua assim. Então, às ficções pré-estabelecidas que remetem sempre ao discurso do colonizador, trata-se de opor o discurso da minoria” (Deleuze, 2010, p. 161).

⁴⁷ Podemos problematizar este encontro a partir da perspectiva de Foucault sobre os infames (1992): “existências-clarão” cujo lugar na história se dá somente quando uma “luz exterior” chega até estas, arrancando-as à noite em que elas “poderiam, e talvez deversem sempre, ter ficado” (p. 93).

de todo e qualquer silêncio, de todo e qualquer ruído, de possíveis traidores ou rivais, caminhos escuros e mães preocupadas.

indo embora já quase de noite, passando pelos becos, aqueles sons voltam a ser aguardados, e assim me dou conta de que não sei, assim como nunca soube e jamais sabemos, quando nos encontramos de novo. e a bala, sempre pode ser perdida. a palavra também.

a fragilidade do rastro de uma presença é compreendida pela escrita⁴⁸. por não sabermos, por esquecermos, escrevemos. para viver, combatemos. escrevemos. pelo texto, dissolvemos. os motivos que sopramos no ar, impregnando o que não buscou reação. o que enfim nos resta, dizer, contar, se fabuloso, se indigno, duvidoso, glorificável, quando encontramos uma porta aberta? qual o sentido de abri-la? com suas portas e caminhos, dados ou inventados, por onde nos encontramos, ficam as passagens. para sempre vulneráveis, para sempre esquecíveis... ou recriáveis.

⁴⁸ Jeanne Marie Gagnebin trabalha a noção de rastro (2009) como aquilo cuja fragilidade “contraria assim o desejo de plenitude, de presença e de substancialidade que caracteriza a metafísica clássica.” (p.44). Segundo a autora, a fragilidade do rastro está estreitamente relacionada à fragilidade essencial da memória, em que o passado emerge no instante de sua enunciação como imediatamente irrecuperável. A luta contra a morte, como Gagnebin coloca, faz-se na inseparabilidade entre memória e escrita. Diante assim de toda ameaça de desaparecimento do discurso abordada anteriormente por Foucault (1992), temos aqui a própria luta contra o esquecimento ou a infâmia relacionados às lutas de poder. Ao transmitirmos palavras infames, reconhecemos que se trata de vidas que são “transformadas em cinzas nas poucas palavras que as protestaram” (FOUCAULT, 1992, p. 90).

O CANTO DAS VIELAS. o que significa uma rua sem saída? diz a menina, ontem acordei com o som das hélices girando e tudo passando como, assim pertinho! eu tava lá em casa era a polícia civil, teve até helicóptero e o bope também foi fazer missão. estão procurando os meninos.pelos becos estreitos, como uma navalha, sentíamos o morro: silêncio. comunidade de upp, esta vivia o começo de uma disputa de facção desde o evento do último domingo. pelas ruas e vielas, ecoava de repente um canto, pra avisar que estávamos passando. moradores iam à janela ver o que era esse improvável, apoiando-se com os cotovelos e acendendo cigarros. passando com os meninos que cantavam, numa das poucas vezes arriscando olhar para o lado, uma senhora varria a entrada de sua casa. o barulho da vassoura roçando o chão chamou a atenção, não tinha como, era o som de uma vida em atividade em meio às sombras escuras da noite. a senhora usava um vestido largo com chinelos, parecia confortável, pronta para dormir. levava também um cigarro na boca. só era possível vê-la entre as sombras das plantas de sua varandinha. na comunidade a iluminação pública é fraca. escurecida, ela nos observava de dentro, não parando sua tarefa. e continuava. se fossem outros tempos, aí vocês nunca mais iam voltar aqui, tinha que ver como era esse lugar todo dia, isso aqui hoje não foi nada, dizia um dos meninos ao chegarmos na parte baixa, para ir embora.

isso aqui hoje não foi nada.

era pra ser uma noite tranquila no chapéu mangueira. depois de todo esse tempo, agora estranhamos a possibilidade de uma arma estar em outras mãos, de bandidos de novo, diz um menino, momentos antes do acontecimento que calara o morro naquela noite. a pacificação fazia 4 anos ⁴⁹. a maioria viveu a passagem da infância quando não havia mais bala comendo. naquela semana, no entanto, parecia que tudo voltaria, mas eles não lembravam muito como era. estávamos na laje a enganar o tempo com amenidades, pequenas brincadeiras, os cabelos arrumados das meninas, algumas vontades de palavras engraçadas que falassem de descobertas e zombassem da vergonha. ‘me passa o guaraná’ e clima de festa isopor com refrigerante e mesão pra janta [macarronada]. casa cheia, som pro funk, a pedido da mãe da aniversariante, o grupo foi pra festa na laje em vez de ficar essa noite na Casa da árvore. a festa ia acontecer de todo jeito, ainda

⁴⁹ A inauguração da UPP das comunidades Chapéu Mangueira e Babilônia deu-se no dia 10 de Junho de 2009 com um efetivo de 100 policiais militares.

que o capitão tivesse nos garantido ‘estar tudo sob controle’. o que significava isso afinal?

pratos descartáveis, garotada com fome. o ruído dos talheres misturado ao som dos copos repetidamente ancorados no muro. meninos são atravessados pelo perfume de meninas que passam. o gelo no isopor derrete. era janeiro. por alguns instantes foi possível esquecer futuros próximos. talvez estivéssemos na iminência de alguma coisa que ninguém sabia. assim contavam como naquela semana não se podia ficar pelo caminho, tinham que ter cuidado. a macarronada é servida. gírias são dispositivos rápidos, parecem desencadear estórias de exageros onomatopéicos, alegrias comuns da linguagem. a comida é saboreada enquanto gesticulam, todos têm uma fome apressada, talvez de acelerar acontecimentos. celulares e máquinas tiram fotos enquanto a praia do final de semana é marcada. quase na hora de chegar a sobremesa, um deles pede pra abaixar a música. ninguém ouve.

o menino não pede gritando, o que é esquisito [eles sempre se exaltam]. faz um sinal meio mudo com as mãos, ninguém percebe. pede pra abaixarmos a música novamente, sem falar alto. só reparei em seu gesto quando já estavam abaixando o som, sem entender o silêncio de súbito. em segundos, vem o barulho que só ele ouvia. eram tiros.

tem início uma correria. PA PA PA PA PA PA PA e todos se afastam do muro da laje. uns se abaixam, alguns gritam, outros correm pra dentro da casa ou riem da adrenalina. ‘fogos de artifício pro aniversário!’. em minutos, começam a receber ligações das mães e dos pais. ninguém desce. a música a partir de agora fica baixinha. o clima é de espera.

depois de um tempo, enquanto aguardamos os rapazes mais velhos irem lá fora ver a situação, no quarto da aniversariante estão todos os mais novos reunidos contando estórias. resolvo entrar, para ver como estão. alguns perguntam de uma forma muito curiosa se eu estava com medo, havia uma agitação nessa necessidade de compartilhar lembranças, o medo daqueles tempos parecia voltar [ou não foi embora]. narravam com toda a pupila que vive os episódios como se fossem hoje, caraca maluco, aí, tenho mó medo de quando eles passam rápido pela rua, quando eu vejo que eles tão passando, aí

como, eu corro e fecho a janela rapidão, tá pensando o que? mó medo de um deles entrar e ficar comigo lá dentro, dizia aquela mais falante. já outro menino contava como era morar na última casa de uma rua sem saída: não podia ficar pelo meio do caminho, imagina? toda hora eu tinha medo deles entrarem na rua e resolverem ficar ali e não saírem. imagina se ficassem, ia ser em frente da minha casa. tinha medo de ficar no meu próprio quarto, virar escudo. esse menino foi quem pediu pra abaixar a música.

passado um tempo, decidimos descer o morro todos juntos. uma menina, que mora mais lá pra cima perto da caixa d'água, não vai, resolve dormir essa noite na casa da amiga. os meninos mais velhos se distribuem, ficam dois na frente e outro atrás, eles falam alto e balançam as chaves. há somente as chaves. cada passo, uma tensão. e um dado momento que já não sabemos qual, virando uma esquina. um deles de repente troveja de uma atmosfera escura e sem voz, começa a puxar uma letra, e como se convocasse os demais, canta

*Comunidade que vive acuada
Tomando porrada de todos os lados
Fica mais longe da tal esperança
Os menor vão crescendo tudo revoltado

Não se combate crime organizado
Mandando blindado pra beco e viela
Pois só vai gerar mais ira
Naqueles que moram dentro da favela
ou favelado e exijo respeito
São só meus direitos que eu peço aqui ⁵⁰*

o silêncio de antes aprofundava ainda mais enquanto cápsulas de balas eram encontradas no chão. cantar significava nos proteger. pelas ruas e vielas avisávamos a passagem do grupo enquanto, aos poucos, moradores iam às suas janelas. arrepiada, pensei também, não era uma música qualquer, só para avisar. os meninos cantavam “tá

⁵⁰ “Tá tudo errado”, funk do Mc Leonardo.

tudo errado”. tá tudo errado. foi uma cena muito forte. todos no morro pareciam refugiados, mas na passagem por aqueles caminhos emudecidos, os que se silenciaram iam ver que improvável era esse vindo das vielas. uma curiosidade brotando em cada janela atravessada pelo canto: secreta flor. um nós, ou um vento que levaria tudo. um nós que passou, um nós que por alguns instantes foi possível, e que um dia, será talvez apenas um relampejo ou um vendaval. em seus instantes, fora o grito que escapou sem ser calado.

semanas depois, quando narrava o acontecimento para Cecília, outra memória surgiu associada a esta. jamais esquecerei a forma como ela me olhava. levando as mãos à boca, um pouco paralisada, de olhos arregalados como só os dela, comentou como isso a lembrara por um instante sua época na prisão. “toda vez que um preso ia ser torturado, a gente cantava”⁵¹. nesse segundo em que fazia do vivido algo dizível, algo brilhava em seu gigante olhar. Cecília teve um relampejo. algo tornou-se sopro.

naquela noite, não vimos nenhuma movimentação da upp pelo morro nem encontramos policial pelo caminho. a princípio, havíamos decidido no trabalho por interromper as atividades durante a semana seguinte. quando então não voltamos, os meninos perguntaram porque.

⁵¹ Cecília faz referência a um momento vivido por ela e outros presos políticos na ditadura militar brasileira (1964-1985).

SOBRE ROUBOS. quando carros saem da inércia – não sem antes buzinar – tudo se esvai de repente num instante. mar que lança seus véus para a beira, desmanchando a forma anterior das pegadas. o dispositivo verde luminoso faz acordar de alguma lembrança e agencia o movimento de voltar a si. o controle do tempo assim disparado modula a interrupção do corpo acoplado, que retoma a maquinação de avançar no asfalto. momento anterior, dois pontos: da cadeia de ritmos após intervalo avisado na mudança vermelha, pausa, o corpo desenvolve uma relação com a embreagem, com o freio, com a aceleração. freia. permitida, sua essência parece começar a se esquecer, se hibridiza. o suposto corpo homogêneo distrai-se. volante, vidro, música, sinais da antena do rádio, desejos escapando. luzes que piscam e multidão que passa. aqueles do lado de fora do vidro enquanto isso engendram sua força fabril em tangerinas. malabarismos tentam aproximar corpos cuja distância é sempre apriorística. quando o rapaz das frutas em saltos ensaia vir. provocando uma cesura, faz surgir um tímido receio, esse que aos poucos torna-se cada vez mais necessário. o humano reconfigura-se. ao prever a vinda desse outro com suas tangerinas, retorna à natureza pura, fecha-se para dentro do veículo, e repele a essência suja e corrompida que teima em estender-lhe a mão pedindo por moedas. o ar condicionado ajuda a ignorar o menino frustrado. em sua oitava rodada de malabarismos com a tangerina já não recebe nada além de um olhar que não se permite encará-lo. sem tempo, sustentam a vergonha homens endividados, tensos. o medo que atravessa o gesto marca a infidelidade do próprio desprezo. revela a falsa indiferença, inexistente. pois cada percurso intensivo dessas escolhas de fechar o vidro reflete mais do que uma tomada de posição resignada ou hostil, são uma navegação: quando a superfície lisa em algum ponto treme. sabem que ao final do expediente encontrarão alguma coisa em casa. qualquer coisa que compense os dias difíceis na metrópole, que alivie o peso de suas moralidades, que lhes ofereça um lugar, um banho quente. mas nós, homens pobres, roubamos. roubamos uma dimensão de tempo e uma pureza. uma superfície alterada. aos olhares higienistas perguntamos por moedas numa brecha de tempo. sim, roubamos uma dimensão do tempo. o momento precedente do voltar a si. é aqui que invadimos as delimitações e modos por um instante colocados entre parênteses com a ajuda da música do rádio. fazemos território. aproveitando o fugaz desmanchamento anterior, estendemos a mão. o temível encontro anunciado pelas tangerinas. são feitos novos automatismos, insistentes na não permissão. não desregulamos a engrenagem. endurecemos afetos

como o vidro da janela que se alia ao fechamento do corpo. se nos mostrarmos frágeis, quebramos, quebramos o humano impecável e protegido. mais um dia na cidade, com seus medos capilares, unhais e bolhais. por pouco não fui assaltado.

enquanto uns voltam pra casa, no cair da noite outros brincam no chafariz da praça. há quem olhe com nojo esses meninos que herdaram o inevitável destino de não ser. nunca poderemos ser. há uma radicalidade aqui. uma não aceitação feroz e violenta da forma como construímos essa improvisada vida. é desumano! como pode ser assim, dormir na rua? fazer dinheiro com tangerinas? Ah, um dia. um dia roubaremos todas as essências do humano – quando finalmente tivermos a mínima condição de sê-lo. um banho, uma brincadeira pública e repudiam minha nudez. nesta recalçada selvageria vestida, em trânsito, rastejam sobre asfaltos quentes. d’onde uma improvável alegria surge justo no momento eleito para a assepsia moderna, o nascimento do indivíduo saudável. um chafariz, um monumento. águas caem corridas imitando a exibição secular, a natureza do progresso, o encontro da ciência com as ruas. jogando água uns nos outros, rindo ainda sujos, no lugar do humano limpo, um bicho em despimento, na compulsória tarefa de encontrar um lugar na cidade, dia após dia, desaprendidas as coisas que devem ser escondidas. pedindo pra ficar num mundo que não os quer. roubamos aquele chafariz.

O VIADUTO. bem-vindos à Cidade Olímpica, prefeitura orgulha-se de si mesma em placa azul na perimetral. atrás, carros alegóricos desmontados de algum carnaval antigo ocupam um galpão a céu aberto, nostalgicamente sem reparos. ferrugem e tempo e um ponto de ônibus, do outro lado. trabalhadores suados fixam o olhar no horizonte da volta pra casa, abstraídos de seu corpo. no aguardo, latejam fragmentados uns dos outros, impermeáveis aos rabiscos do viaduto, estes que argumentam “o mundo é diferente da ponte pra cá”. ninguém viu. aporta-se num lugar de cores prontas que se revelam por calçadas e caixas de papelão. ali, meninos vendem amendoins e procuram migrar. da janela do ônibus é possível encontrar estórias quase jamais reencontráveis. pelas veias abertas da perimetral correm formas de chamar de safado, acenar pro ônibus que periga não parar, comer um salgado com frescor sem atraso. atravessam a rua perigosamente, escapam do que institui a todo momento onde e como se deve estar. já outros desviam, teimando certo andar solitário de olhar baixo, travam uma silenciosa luta. mas não adianta, nos misturamos. promíscua maquinação perturbadora. sons e cheiros, sujeiras, gentes. vitrines. passamos efêmeros como os sacos plásticos e vapores de bueiro que nos invadem as saias. da janela do ônibus, entre devaneios em caleidoscópio, rapidamente nos perdemos. confortável confusão, enquanto enxerga a velocidade de cinema. sente contrastes de vez em quando saltando pela periférica percepção desatenta. há momentos como esse, em que você se dá conta de que o mundo é tão repleto de detalhes monstruosos, repleto, entre um caos e outro produz camufladas misérias, nudez ululante da vida. assim querem vestir a cidade.

as pedras podiam ter passado disfarçadas na indiferença do olhar passante, ou talvez por aquela tinta bege. mas da janela, algo sentiu-se traído com aquela invenção tão diante, tão de repente, tão escancaradamente discreta e perversa, humana, o mundo era aquele mesmo: um chão de pedras encravadas, apenas e também. interrompiam o fluxo do caminho as pedras afiadas cujo relevo me fisgara, tanto quanto o horizonte desenhado em desníveis; me afiara. desarranja-se uma ordem, um trajeto. antes já não podiam existir, agora nem sequer têm onde dormir. um chão de pedras encravadas embaixo do viaduto. reinventadas bombas num mundo onde rosas de hiroshima são nascidas da pele mesma dormida na rua, de vidas que se criam onde não podem se criar. instrumentalizando a violência como se cultivadas em jardim num canteiro qualquer, as pedras eram duras, eram várias, eram banais. mostravam uma nova geografia,

intencional, publicitária, de guerra. pela cidade, subjetividades poluídas ou anestesiadas de batalhas diárias têm seu horizonte migratório testado por canteiros em multiplicação. a cada viagem pela cidade ia-se percebendo a estratégia. cada canto possível de vida estava sendo bombardeado. não temos mais onde dormir. como se ratos que passassem por nossos pés ou como se já fossem a própria pedra que aterra o corpo, não há glória no que resta, criar uma vida em trapos. toda nudez será castigada. todo trapeiro será temido. eis o campo minado da cidade. intoxicado relevo de construções preparadas para a implosão demográfica. vertical e horizontal. espaço gerido e de acúmulo, confronto binário, excessivo, onde abismados nos deparamos com ‘o grande fato’ de estar entre prédios. vertiginosos andaimes os anunciam ao longe, assim como alertam o asfalto fresco e as prescritivas placas que se desculpam pelos transtornos causados. em segredo, meninos migram e muros são rabiscados. casas são removidas e crianças recolhidas. portuária cidade do mundo, vivida de uma insepulta caridade cotidiana... assim olhamos para o rio, com velhaca nobreza, correr pro mar... sem rumo, sem prumo... enquanto a cidade se reinventa em cima das coisas que não vive ⁵². no trânsito da perimetral, o bafo seco dos caminhões parados é tolerado pelo olhar de quem, à janela, descansa acordado, já sabendo que tudo se trata de pouca coisa mesmo, em três horas, uma cintura pra apertar. um suco de caju no intervalo do longo expediente. um lugar para dormir ⁵³.

⁵¹ Fala adaptada do personagem Zizo no filme “A febre do rato”, de Claudio Assis (2011).

⁵² No contexto de preparação para a Copa do mundo de 2014, vemos surgir diversas políticas higienistas por cidades brasileiras. A primeira iniciativa do gênero foi a chamada ‘rampa antimendigo’, instalada em um dos mais movimentados túneis da cidade de São Paulo. As obras, anunciadas sob protestos, tratavam-se de construções de concreto, com piso de chapisco, cuja superfície irregular impede a permanência de moradores de rua. A prefeitura alegou combate à alta incidência de furtos e roubos na região. Já em 2007, a Praça da República de São Paulo foi reinaugurada com quatro novos bancos que tinham barras de ferro como divisórias, para impedir que pessoas dormissem sobre sua superfície. “Se não dá para deitar no banco, a pessoa deita na grama, que é até mais confortável”, disse o então e jocoso subprefeito. Em Belo Horizonte, a prefeitura investiu 144 metros quadrados do chão embaixo de um viaduto para cobri-lo de pedras gnaisse. No caso do Rio de Janeiro, as pedras usadas na reprodução das obras antecessoras, aqui realizadas pela Comlurb (aquela que recolhe o lixo), são questionadas por compor uma estratégia de aceleração do recolhimento compulsório de moradores de rua supostamente usuários de crack, ação instituída pela Secretaria Municipal de Assistência Social a partir da Resolução SMAS nº 20/2011.

NUNCA CONHECI O ROSTO DELE. o estômago, retorcido. a cidade, desconfiança. ainda mostra alguma vontade de ranger. ela range como as máquinas da fábrica, grita como os tiroteios ouvidos na noite passada, é doída como a sutil humilhação vinda do olhar de um passante qualquer. ela vem de novo, pra dizer que estou vivo. dia após dia é resumida e menosprezada em sua insistência. a fome. minha pele é denúncia. me chamam de zumbi. magrinho de varapau percorre as ruas ásperas e escuras. eis uma figura monstruosa, assustadora: uma criança pobre. sua pele é essa vida feia, feita; por todos que sempre lhe reservaram o mesmo lugar, eis a minha falta de alimento, o que me olha desse jeito, foi ali que fui tido como morto, enquanto ainda rangia, enquanto ela ainda dizia: vida, ainda que ninguém escutasse. o corpo estava gasto, mas era dia de tentar outra coisa. foi dormir, em vez de acender a pedra. enquanto montavam a fogueira de fumaça ao lado, procurava se aquecer com o cobertor, tendo a companhia de uma pelúcia puída. as pálpebras iam pesando, e pesaram até o dia seguinte, quando o sol amanhecera na cidade asséptica e alguém tirara seu cobertor, pegando-o pelo braço. na confusão, tentam convencê-lo, e ele tenta convencê-los. quando percebe que seus amigos não estão mais lá, provavelmente levados para lugares aos quais jamais chegaria, dispara. um policial se aproxima, o menino está fraco, mas tenta. agarrado e levado pelo outro moço de crachá, constata, quando fecham a van, que seu brinquedo ficou na rua. bate na janela, mas ignoram. do vidro, vê seu brinquedo jogado, desimportante. mais um destino atribuído enquanto vê outro correndo do lado de fora. está atravessando a rua. “ele fumou com os outros essa noite?”, não deu tempo. Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 2013. um menino de 10 anos identificado como Rafael morreu nesta manhã ao ser atropelado por um caminhão na Avenida Brasil, na altura da Favela Nova Holanda. De acordo com a polícia, a vítima atravessou a pista para tentar fugir dos agentes que faziam a operação de recolhimento de usuários de crack. O motorista do veículo fugiu. Devido ao acidente, o trânsito foi prejudicado nos dois sentidos da via.



Estádio do Maracanã quando o Flamengo foi campeão brasileiro em 1980.

Foto: Ricardo Azoury.

*“REVITALIZAÇÃO⁵⁴ MATA POBRE
REVITALIZAÇÃO MATA POBRE
REVITALIZAÇÃO MATA POBRE!*

Ch... Ch..Choque! Ch...Ch..Choque!.....

CHOQUE de ORDEM!

ordem e progresso ordem e progresso ordem e progresso

[e o pobre é o atraso... e o pobre é o atraso...]

AMANHÃ, TERÁ O MUSEU !...

AMANHÃ,

TERÁ O FUTURO !...

e HOJE: Choque! Chhh...

CHOQUE!

Choque de ordem! Choque de ordem!

MATA...o POBRE

MATA... o POBRE!

E o crack

e o crack

e o crack

e o crack

do Pó ao Pó!

...e às cinzas

do crack

ao crack

do crack

ao crack!

⁵⁴ “revitalização” foi uma expressão frequentemente utilizada pela política municipal e estadual do Rio de Janeiro, aproximadamente nos últimos quatro anos, para ilustrar as transformações que ocorreriam na cidade como parte de sua preparação para os megaeventos. Segundo o Dicionário Online de Português, a palavra Revitalizar remete aos seguintes significados: insuflar nova vida ou vigor em; revigorar, reviver, revivificar, revivescer.

do PÓ... ao PÓ!
das CINZAS... às CINZAS!
DA PEDRA,
ÀS CINZAS!

COPA DO MUNDO **SEM POBRE,**
COPA DO MUNDO
SEM POBRE,
COPA DO MUNDO
SEM POBRE!
COPA DO
MUNDO
SEM
POBRE!

E O MURO NA FAVELAAA,
E O PRETO NA SENZALA,

...E O POBRE ENTRE AS VALAS!

E O POBRE ENTRE
AS VALAS!

choque de ordem choque de ordem

revitalização mortal
revitalização mortal!

CHOQUE!

CHOQUE!

CHOQUE!

... *Ah! Ah! Aaaaah!*

[e grita por alguns segundos]

*E BOTA MURO NA FAVELA
E BOTA MURO NA FAVELA
E BOTA MURO NA FAVELAAAA!!*

(...)

Este é o projeto experimental Anarcofunk, os microfones estão abertos!

Um projeto anti-banda, sem cara, sem rosto,

sem superstar,

aqui é o povo,

mais nada

(...)

zona autônoma temporária

Ocupe!⁵⁵”.

⁵⁵ Apresentação musical livre do coletivo Anarcofunk dentro da programação de debates do movimento Ocupa Rio, promovida em 31 de Março de 2012 na Praça da Cinelândia, Rio de Janeiro. O coletivo tem relação com a ocupação anarquista Flor do Asfalto, uma comunidade autogestionada removida do Centro do Rio recentemente pela política de ‘revitalização’ da área. Os versos improvisados e cantados na ocasião foram aqui transcritos com uma licença poética que passou por escolhas de tipografia e forma para uma adaptação ao presente texto.

CORPOS AINDA DANÇAM. desconhecidos, atenção, desconhecidos, um encontro improvável. uma roda de rostos cobertos alternantes corpos a convite de um microfone gritam com rouquidão o cansaço bruto que só encontra saída se musicado - “Esse é o combate do controle do Estado!”⁵⁶ – ecoa na praça. uma noturna Cinelândia de luzes baixas e mitos urbanos anunciados por sombras vindas de um cobertor na horizontal de um banco. ali maquinávamos guerras quando um mundo continuava difícil, cada vez mais difícil, e a suavidade das luvinhas de uma *belle époque* ali jazia a cada vez que se olhava a fachada do cinema Odeon jamais tocada. um moço bêbado que dorme na rua joga na cara como você não entende nada. a universitária de bicicleta estaciona enquanto músicos afinam instrumentos e jovens chapados oferecem ternura com olhos vermelhos. anarquistas e pessoas quaisquer levam sua voz clandestina. desconhecidos, atenção, desconhecidos, dançam sem coreografia fazendo uma senhora aparentemente feminista devido aos símbolos da vestimenta desnudar seus seios em meio ao calor de estar junto. o microfone sem letra prévia e os quadris que escutavam a melodia da invenção rouca ou grave dos que já tinham enfim esquecido que se tratava de fazer comportamento num espaço público conquistavam sem determinação uma roda de modos de **ser rua!** e ser nua! e noite. e ser. aquela senhora, com seus peitos caídos de décadas atrás em estado de loucura para alguns, talvez sim, experimentando essa loucura de ser pois ser, o sentido era compor, compor existência, transgredi-la cantando, compondo com o cheiro do lixo, com a sujeira da rua, *a sujeira mesma território da criação*⁵⁷, nossos restos com os restos da cidade. cansaço de onde tirávamos alguma coisa e colocávamos em roda, em prova, em nota, desconhecidos, atenção, desconhecidos, dissolvidos, tornando-se outros em cidade outra [neste dia já vandalizávamos sem saber, ou mais ou menos], produzíamos um *Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos (...) O homem coletivo sente a necessidade de lutar (...) Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia*⁵⁸. naquele momento, era o possível de onde bebíamos nossas composições, éramos esse ethos da lama ao caos do caos à lama,

⁵⁶ Verso cantado por um rapaz durante a experimentação proposta pelo Anarcofunk.

⁵⁷ Atravessamento que veio durante a escrita da cena: a fala de uma artista que participou de uma oficina de teatro comigo em Julho de 2013 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), baseada na pesquisa cênica que fundamentou a peça “Cavalos e Baias” (2012). O teatro como intercessor desta dissertação será melhor desenvolvido mais adiante.

⁵⁸ Fragmentos de músicas do álbum “Da Lama ao Caos”, de Chico Science e Nação Zumbi (1994).

pois roubaram nossos possíveis e assim ‘vingávamos’ com uma travessia, para outro território, não mais uma praça, mas um grupo temporário, multidão temporária, subjetividade temporária, em chão e microfones temporários, poros abertos em conexão: *MULAMBO EU, MULAMBO TU*, contra o extermínio e contra o absurdo algo não-centrípeto, hiperconectivo, fora dos limites do indivíduo meu, experiência de abrir os poros, sujar-se, sujar-se de presenças, respirar um lugar, estar e ser este lugar, ar comum, o ar da ex-centricidade, do ex-centro da cidade [de quem era este depois da revolta dos poros dançantes e sujos unidos?], do maldito, da mendicância que nos habitava e que habitávamos, descentramento caosmótico visível pelos quadris balançantes. raros são os momentos de microfones livres. isso nos fazia desmanchar, isso nos alegrava, isso nos sacudia, era a prova dos nove, a praça e a roda eram obra aberta, a nota aberta, movimento, quadril, movimento.

uma requebrada das ancas e já não éramos mais. moveu-se. deviu-se. morreu-se para não morrer. sentir os quadris balançarem e ao mesmo tempo falar de um sangue da cidade, sangrávamos dançantes, fazia calor e havia morte entre nós. retornar ao dia em que morremos. quem estava lá? estão nos exterminando. mas corpos ainda dançam. feitos de uma maquinação festiva, sem cara, sem rosto... povo, e mais nada.

/ Revezamento3:
sobre uma ou várias mortes

Era ali e em todo lugar que morríamos, quando faíscas saíam das passeatas das greves em 2011 e 2012. Aulas públicas eram oferecidas em praças. O Canecão estava ocupado. Ouvíamos ecos contra a mercantilização da vida pela Avenida Rio Branco. As multidões vestiam-se de vermelho pelos bombeiros. Algo se molecularizava.

Neste mesmo período, movimentos como a Ocupa Rio tomaram a rua como território existencial. Chegava o estranho que temíamos mas que ansiosamente esperávamos. Morríamos. Uma atmosfera de protestos tomava o mundo pós-crise econômica de 2008. Quando a ‘primavera árabe’ nos mostrava uma revolucionária praça Tahir no Egito, o movimento *Occupy* surgia em 2011, alastrando-se por dezenas de países. A partir do ‘imperativo’ ocupar!, acampadas auto-organizadas e sem líderes estabeleciam-se então por praças e ruas.

Nascidas de mobilizações na internet, os ocupas organizavam-se entre aqueles determinados a construir outra política para além da representação estatal, partidária e midiática, reunindo um campo diverso de atores com múltiplas agendas e desejos. Em pouco tempo, o movimento impactou exponencialmente a percepção sobre a realidade econômica e política, aglutinando forças e irrupções heterogêneas que acarretaram, por exemplo, na primeira greve geral nos EUA desde 1946⁵⁹. Pelo Brasil, várias acampadas diretamente influenciadas pelo *Occupy* formaram-se, e na cidade do Rio de Janeiro, o Ocupa Rio elege a Cinelândia em Outubro de 2011.

Não havia mais por aquela praça uma hegemonia visual de ‘modos-indivíduo’ passantes, como se fugíssemos uns dos outros. A praça nutria-se daquilo que Naomi Klein (2011) definiu em seu discurso no Occupy Wall street: “Nós nos encontramos uns aos outros. Esse sentimento revela a beleza do que está sendo criado aqui. Um espaço

⁵⁹ In: CAVA, B. “Occupy: da indignação à democracia real” (2012). Disponível em: <http://www.quadradosloucos.com.br/3426/occupy-da-indignacao-a-democracia-real>

aberto (uma ideia tão grande que não pode ser contida por espaço nenhum) para que todas as pessoas se encontrem umas às outras”⁶⁰.

Afetos descolavam-se então de uma suposta propriedade individual, produzindo a experiência de outra partilha cuja potência estava na capacidade de produzirmos radicais diferenças – subjetivas, reais, sociais – apenas neste movimento de habitar e compartilhar um lugar. Morríamos.

Assim surgia um intenso sentido de ‘antiprodução’, algo que se aproxima do que dissera Ludd (2005), quando a revolta e o desejo ocupam as ruas, “interrompendo a circulação dos carros, dos cosméticos, da força de trabalho, dos antidepressivos, dos *delivery fastfoods* e dos gestores de tudo isso” (p.12). Não que tivéssemos interrompido os carros, as indústrias multimilionárias e o governo, mas era como se fosse. Ali, *preferíamos* um “não nos representam!”⁶¹.

Morrer: para inventar o “microfone humano”⁶²; para libertar a vida da opaca homogeneidade. Construindo deliberações sem a busca de um consenso final, a ocupação permitiu captar todos os impulsos de desejo, todas as inteligências, não para fazê-las convergir num mesmo ponto central arborescente, mas para dispô-las num imenso rizoma⁶³.

Morrer: para fazer do meio do rizoma um lugar para se viver. Um rizoma capaz de se expandir, seja pela praça ou pelo resto da cidade. Na própria acampada, uma proliferação de trabalhos e grupos descentralizados deu-se ao longo do período, gerando, por exemplo, dentre a criação de uma mídia local conectada a redes alternativas de transmissão, uma campanha de alfabetização popular; uma biblioteca pública; uma cozinha comunitária; apresentações e intervenções de artistas; debates públicos com professores universitários e movimentos sociais; e, o que seria ainda, o

⁶⁰ In: “Ocupa Wall Street é o movimento mais importante do mundo hoje”. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=18653.

⁶¹ Um dos lemas do movimento *Occupy*.

⁶² Era assim que chamávamos o dispositivo de ‘fazer eco’ da fala proferida por quem tinha a palavra durante uma assembleia, para que todos pudessem ouvir e participar. As assembléias da ocupação ocorriam diariamente na parte da noite.

⁶³ Guattari, 2000, p. 177.

efeito político mais emblemático da Ocupa Rio: tornamo-nos referência na cidade para os moradores de rua, que também passaram a participar das deliberações e atividades.

Quase após dois meses de ocupação, uma outra politização da praça era visível pelas presenças que ali acampavam: os pobres. Esta zona autônoma temporária, como definira um integrante do coletivo Anarcofunk posteriormente, fora em nossas vidas, como dissera Hakim Bey (2011), “uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação), e se dissolve para se re-fazer em outro lugar em outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la” (p.17). De algum modo, sempre soubemos que chegaria o tempo da migração, de uma nova dissolvência. Assim tivemos que ser nômades. Lembramos desta manhã.

Era Dezembro quando a Ocupa Rio fora ‘limpada’ da praça em uma inesperada operação de recolhimento de moradores de rua. Os ditames da proteção e da ordem chegavam com seus técnicos e agentes numa manhã de Domingo, insistindo em organizar os corpos e o espaço. Naquele dia, a Cinelândia era o lugar onde se condensavam todas as neuroses de uma cidade. Transbordava da praça a mais nova cracolândia do mapa. Era Dezembro, mas já não lembro;

já são todos os dias.

OBRIGADA WALL STREET! é tarde para chegar, são 22h30. o ato começaria umas três horas antes. a Cantareira⁶⁴ jamais é contratempo, apesar do atraso. lugar onde muitos caminhos se cruzam para conspirar contra o cotidiano vulgar, da risada ou da preguiça, ou da disposição de continuar até de manhã, um esquema coletivo surge do fazer que existe em certa vontade de resistir, nem que seja ao caminho de casa: adiar a privacidade solitária e tarefa e teimar, agenciando com qualquer coisa do mundo, tentando, por entre goles, frases que ainda não disse em vida, ou a sorte de encontrar um novo amor. recusa da casa para abraçar a cidade, o risco, o estar aqui. a escolha de estar vulnerável aos acontecimentos e a estes seres que se afetam com brindes.

corpos e copos, dispostos. enquanto estes quebram [toda vez acontece], aos primeiros restam instantes instáveis para desconhecer: o agora e depois, pois amanhã todos já sabem, ainda é quarta-feira. aglomeram-se pelas mesas e fazem companhia uns para os outros, em cada mesa uma pauta, muito variável, sempre salgada, sempre indiscreta; os papos começam leves e levam, até onde debatemos para não concordar, ou se concordamos, é sempre a partir da escolha por desertar, desertar da rotina acima de tudo, de outras coisas também, mas enfim, permanecer desassossegados. é a escolha de ficar, ficar no caminho, no meio – no movimento dos pedestres e carros, no meio do caminho daquelas decisões tão descoladas de motivo mas que é preciso fazer e a gente nem sabe mais porque tanto isso de ter que; ficamos então no meio do caminho, das músicas, dos bares, das luzes, das evidências e da passagem dos jovens casais. olha-se ao redor como se estivesse marcando o tempo no espaço [assim que a cor do céu mudar teria que me preparar pra ir]. e ir, antes de acomodar-se na cadeira e transformar o zumzumzum em cena muda e esquecida atrás da gente, acontece quando preferimos conversas descartáveis que se prolongam sabe-se lá, quando se vai ganhando outro ritmo... gostamos do gasto. já a situação naquele dia era: ir. a cada gole, ansioso devir, o que estava pra acontecer?

tudo começa já há algum tempo na verdade, mas diz respeito principalmente às últimas semanas. no complexo do Borel⁶⁵, a UPP institui o toque de recolher⁶⁶. moradores da

⁶⁴ Espaço boêmio nos arredores do campus Gragoatá da Universidade Federal Fluminense.

⁶⁵ Complexo de favelas localizado no bairro da Tijuca, zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

⁶⁶ Era Novembro de 2012.

favela desde então não podem mais ir e vir livremente, além de sofrerem ameaças. disso surge um algo colocado em ato: ‘Ocupa Borel’, prometendo se proliferar por outras favelas que também estavam sofrendo com, digamos, a autoridade da paz. a chamada para o ato assim circulou naquela última semana pela internet e a gente nunca sabe explicar muito bem como é isso, mas dos fluxos tecno-midiáticos, desejantes correntes fizeram circular e levantar. agora levanto [a cor do céu mudou], é tempo. uma partida, com a sensação de (in)surgir. sigo, conectada a isso que virá, pois a cada passo que damos as nuvens parecem te seguir, impressão de que o mundo por mais que você caminhe continua o mesmo. é entre isso que parece o mesmo e a nuvem móvel que todo o resto acontece. tropeços imaginários ciscam a todo tempo. agora é mirar lá adiante, onde os desfocados pedintes incomodam a bilheteria das barcas. o gesto de mirar, decisão de continuar. ao entrar na barca, expectativas e universos antes de deixarem rastros afirmam: eu vou... porque não? recusamos a gestão sobre a possibilidade da música, sobre a possibilidade da rua, sobre como deve ser o retorno dos trabalhadores ao lar - ‘não nos representam’, como fora declamado em wall street, passando a ser o lema de todos os ocupas.

O toque de recolher se deu todos os dias durante duas semanas – não só no Borel – todos os dias no mesmo horário, 21h, quando todos iam para casa. Impondo o vazio dos comércios fechados, não se pode mais tomar a cerveja do fim de expediente. Pois é, agora bem pouco era isso que fazíamos antes de vir pra cá. Quando são tomadas da vida as brincadeiras na rua, as festas, as conversas entre os vizinhos de porta, as suas pequenas liberdades, o que continua é a sobrevivência, o trabalho das manhãs, o pão da casa, a televisão que distrai. O OcupaBorel é pensado como uma resistência a essa retirada de cena, da sua própria cena, retome-a, retome a calçada da sua porta, sua rua, seu barulho ou silêncio, ocupe-o (a). O ato aconteceu na mesma hora que costumava acontecer a ordem dada.

esperando, um pé balança. nas travessias é bom se permitir atônito. chegando à praça XV, passa-se pelos rostos, procurando-os, porém sem sabê-los: cidades fogem por eles de vez em quando. cidades fogem dessa que é fabricada por entre um desconhecido e outro. decepçamos os taxistas de olhos que esperam ver se a gente faz sinal, e nisso pessoas nas janelas dos ônibus acabam de nos encarar provavelmente pensando no que farão de comer pra janta. os malabaristas de sinal permanecem coloridos ao fim do dia,

inclusive há um fantasiado de pirata que fez pensar sobre essa escolha de ser assim. já os saídos do metrô toleram as crianças vendendo jujubas. há uns que compram as jujubas.

o ato não estava mais lá.



Cortejo de mobilização na comunidade da Pedra Lisa em Outubro de 2011, ameaçada de remoção pela SMH. Foto: Livia Valle. Não se trata se coletar retrato, mas de cores que se agenciaram.

decidiram subir até emblemática área do Terreirão, realizando um deslocamento com batuque pelo caminho, essa coisa do carnaval devem pensar, mas talvez seja isso sim,

isso de espalhar festa mesmo, afinal e além do mais, enquanto calarem a vida nos tornando arrastadores de nossa música impedida,

para uma vida não fascista,

uma arte de viver contrária (Foucault, 2010)...

a alegria era a estratégia contra seu próprio impedimento. saúde, por favor. injeção de força numa relação de; pandeiros que nos remetiam a conselhos foucaultianos, vejam só, pandeiros, e cantar que só se quer andar tranquilamente ⁶⁷, pois **para viver é preciso ter um OSSO** ⁶⁸ e não ter medo de mostrá-lo. assim música de osso leve, alegre, num ousado e ósseo anoitecer. estamos subindo, e com a pressa de alcançar, osso pesado. perceber o estranhamento de pessoas vendo aquilo, quando uma coisa dessas? a quantidade de policiais armados – “é pra ficar tomando conta da manifestação, tem muita gente aqui hoje”, disseram, estava tanto calor, e os poros se abriam e era de um fágico, catalisado por melodias e paródias, indo a pé, ficando e sentando, crescendo, de criança correndo e gente que nem sabia o que era e chegava – “pedimos a volta do baile funk!” – e conectava, o estalo do instante: “*Eu moro na Tijuca, na Rua São Miguel / O morro mais bonito é o morro do Borel / No bairro da Tijuca, no morro do Borel / Aqui tem quem luta, quem faz seu papel*”. bonito ver o microfone livre mais uma vez, e uma estranha sensação de que esse tipo de coisa cada vez seria mais frequente, devaneio que encontrava cumplicidade verbalizada por uma mulher, “**Obrigada Wall Street!**”, ela dizia, e isso fica na cabeça. naquele insignificante instante no Borel, este se tornava o mundo todo.

⁶⁷ Referência à música “Eu só quero é ser feliz”, de Cidinho e Doca, cantada no dia.

⁶⁸ Artaud, A. “Para acabar com o juízo de Deus”. In: _____. *Os Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983. p.145-148.



Dia da tentativa de reintegração do território do antigo Museu do índio pela Tropa de Choque da Polícia Militar, em 12 de Janeiro de 2013. Naquela manhã, uma resistência começou a se produzir com a chegada de um imenso número de apoiadores da Aldeia Maracanã. Após uma longa e tensa tarde de ocupação e negociações, a Tropa deixa o local, onde então naquela noite uma linda festa com cânticos realiza-se. Alguns manifestantes optaram por fazer uma vigília pela madrugada⁶⁹.

⁶⁹ Trabalho em cima de foto encontrada sem autoria.

“Na lenda da Ceiuci, dos índios Tuchauas, concentrados em sua maioria no interior do Amazonas e Pará, o mundo e o universo foi feito por tucandeiras. Tucandeiras são formigas, uma espécie comum pela Amazônia, que possui um ferrão e uma picada extremamente dolorosas, dizem que mortal, dependendo da quantidade de picadas. O pai de todos virou tucandeira. Ceiuci, a mãe de todas, virou cobra. Mas os dois ensinam para todo o universo que VOZ é sopro em pé. Não a toa que sopramos e construímos, também, o universo. Esse universo genérico, que não cabe na gente, mas também nosso universo íntimo, peculiar, que cabe menos ainda. Não a toa que fazemos nossas moradas a partir desse universo desconhecido, para tentar conciliar sua ajuda, que é a vida, nesse desenrolar doido que fazemos da nossa trajetória, da nossa travessia. A voz é um pouco esse tom vazio que é o sopro, entoadado pela gente...”

Rio, 23 de março de 2013

.
. .
.

[escrito por Isis]⁷⁰

⁷⁰ Martins, I. “Voz é sopro em pé” (2013).

O DIA QUE CHOVEU NUMA PARTE SÓ. faz tempo desde que perguntaram a alguém o que é o Direito, quando algo nos sussurrou: ‘é a garantia do exercício da possibilidade’. Comi-o⁷¹. tudo muda, de repente, naqueles dias de Aldeia Maracanã⁷². inominável laicidade de antropologia assimétrica. lugar onde alguns ‘brincavam de Shiva’⁷³, de dançarinos cósmicos, criadores de opostos próximos. lugar onde ancestrais eram jantados. precisávamos correr como cristais de tempo.

amplificando germe e universo, mutualizando virtuais e atuais, apressávamo-nos na cintilação, sempre atentos à desgraça cronológica da cidade⁷⁴. munidos apenas daqueles meses de singela sensação de vida e de morte, secreta intimidade entre o risco e o viver, ali, percebeu-se a realidade de uma intensidade: ainda que ‘derrotados’, tínhamos conquistado, porém, toda a confiança. tomara-se a estrada com o próprio corpo. encontramos outros viajantes, e flutuantes resquícios de gases lacrimogêneos. foi uma madrugada quando o golpe que achávamos ser o final havia quase sido. meu companheiro avisara que estava a caminho, repetia e repetia NÃO PERMITIREMOS OUTRO PINHEIRINHO⁷⁵, NÃO PERMITIREMOS, NÃO PODEMOS DEIXAR QUE

⁷¹ Andrade, O. Manifesto antropófago, 1928.

⁷² Ampla resistência intensificada ao longo do ano de 2012, na ocasião da decisão do Governo do Estado do Rio de Janeiro de desocupar o antigo Museu do índio de Darcy Ribeiro, em favor da construção de um estacionamento privado para o novo complexo do Maracanã. Em plena preparação da cidade para os megaeventos esportivos, índios que se abrigavam, tinham o local como referência na cidade, produzindo e transmitindo coletivamente trabalhos e saberes de sua cultura há alguns anos, estavam então ameaçados de remoção. Vários movimentos sociais assim relacionados às remoções, estudantes e moradores de rua (inclusive oriundos da Ocupa Rio de 2011, na Cinelândia) juntaram-se ao grupo que habitava o lugar, cuja proposta, que produziu diferentes atividades livres ao longo de um calendário, era poder fazer daquele espaço uma universidade indígena e um centro de cultura viva.

⁷³ Referência ao texto homônimo de Jerzy Grotowski (2007).

⁷⁴ Após tentativas de negociação com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, um aviso de que a reapropriação do espaço aconteceria foi anunciado (por motivo de construção de um Museu do Comitê Olímpico), quando a Tropa de Choque da Polícia Militar dirige-se ao local a fim de tomar o terreno. A resistência crescente no espaço da Aldeia Maracanã entra então em confronto crucial com forças do governo do Estado em 22 de Março de 2013, dia que narramos na cena em questão.

⁷⁵ A desocupação da comunidade de Pinheirinho (São José dos Campos, São Paulo) foi uma polêmica operação de reintegração de posse realizada em Janeiro de 2012. O terreno, supostamente pertencente a uma massa falida da Selecta S.A., fora ocupado por uma comunidade pobre de cerca de 9 mil pessoas sem moradia, que reinventou o espaço, produzindo arruamentos, áreas de lazer, casas, estabelecimentos comerciais e associações de moradores. A operação de reintegração, questionada por entidades como o Conselho Federal de Psicologia, resultou em episódio violento da polícia com a resistência local. Alguns jornalistas alegaram que a Polícia Militar isolou a comunidade de Pinheirinho proibindo-os de entrarem. Além do desalojamento em massa da população, fato que teve repercussão internacional, houve relatos de usos de bomba de gás e balas de borracha, inclusive em crianças e mulheres grávidas, e alegações de que ao menos duas pessoas foram mortas em decorrência da operação. Casas foram demolidas antes da

PINHEIRINHO ACONTEÇA DE NOVO, DESTA VEZ ESTAREMOS LÁ ele dizia repetia e já dissera outra vez e não poderia impedi-lo. não impedi. apesar de reconhecer um confuso embaralhamento de afetos, jamais poderia. deixa seguir. percebe a realidade de uma intensidade, assim se chamava estrada. bastava contar consigo para a chama não ter pavio. tomamos a estrada com o próprio corpo empreendendo uma viagem encarnada. encontra-se outro viajante, a quem reconhecemos pelo som ⁷⁶. e assim, ele foi. nos olhos, dias de encontros pela estrada de solo sagrado. lá musicávamos de cada um o som do fechar os olhos, respirávamos cada gesto e nos reconhecíamos, (re)compondo reciprocidades atravessados por ritualismos aprendidos no limiar da diferença entre corpos e suas estórias, imprimindo em cada um a continuidade dos sonhos que não envelhecem, terra sagrada do encontro. sabíamos que um dia tomariam a estrada, ventania das sutis simpatias entre almas, dispondo-se expostos – dias de Aldeia Maracanã. a violência os aguardava e estavam munidos apenas destes meses de singela sensação de fortaleza e confiança no mundo, este que compartilhavam e inventavam juntos por manhãs e manhãs de cantos e sementes. intimidade da vida e da morte, secreta intimidade entre o risco e o viver, compartilhada num espaço enfeitado, ameaçado, onde a gente não aprende a morrer só, morreremos com aquele pedaço de mundo possível de algum dia e que jaz há quinhentos anos. assim fizeram a corrente, interrompendo a tal estrada. não sairemos daqui. a tropa de choque já estava armada há algum tempo, esperando com os operadores de câmeras de televisão. de braços enlaçados com alguns outros, foi preso por não ter saído do meio da rua. levado a camburão, me ligara às 3h para que eu continuasse postando notícias na página da Vírus Planetário⁷⁷. a cobertura da resistência circulava então pela internet. registrava cada

retirada de seus bens. O caso foi um dos mais comentados nas redes sociais, gerando diversos protestos pelo país. Fonte: <http://www.wikipedia.com.br>. Os desdobramentos da desocupação também foram acompanhados através do relato de um amigo que decidiu ir à Pinheirinho produzir um documentário. Atravessado pela experiência, em seu regresso ao Rio de Janeiro fez uma greve de fome como protesto, algemando-se por cerca de dez dias em frente à sede da Rede Globo, no bairro Jardim Botânico.

⁷⁶ Deleuze, 2008, p. 101.

⁷⁷ Mídia alternativa organizada por universitários que visa apoiar movimentos sociais e mobilizar outras propostas de vida comum a partir de pautas que não são discutidas na mídia dita grande. Além da revista impressa, a Vírus Planetário tem um considerável alcance na internet, por onde consegue com mais amplitude difundir convocações e coberturas de manifestações, além de produzir redes com outras mídias e coletivos. Contando com voluntários de diversos estados do país, a revista tenta pensar novas linguagens para o jornalismo e para o debate político da esquerda. Fiz parte da equipe em 2013, tendo contribuído com escritas e mobilizações.

momento ouvido ao telefone enquanto acompanhava cada sussurro. olhos inchados. vesti uma roupa qualquer sem pentear o cabelo, e quando já havia amanhecido, segui. era um dia quente e abafado, uma estufa e o peito, tentando empurrar o barulho dos helicópteros que não paravam, não paravam como abutres, não paravam atrás da carniça, ávidos pela fruição que gerariam nos espectadores hipocondríacos. policiais já na recepção de quem descia na estação do metrô Maracanã não escondiam o quanto aquilo seria fácil, tão, mas tão fácil. sentido o horror naqueles risos e sem esforço, só pensando como ele estaria, ainda riam. deixando apenas uma pequena via de passagem para quem fosse atravessar a passarela, seria tão fácil, lembro desta escrota sensação tal como a língua fica amarga e pastosa na ressaca, corpo exausto e fraco na vertigem de outra náusea, mergulhada no cheiro da arbitrariedade desmedida. o cheiro ainda estava lá, perto de um caminhão de mudanças estacionado à espera do despejo de infundáveis estórias. já não sabíamos mais quanto tempo fazia, quando a náusea ainda encontrava as flores. ainda rompiam flores. em meio aos resquícios de gases lacrimogêneos flutuantes entre nós, deixando-nos calmos, índios reunidos junto a alguns apoiadores começavam a cantar. uma amiga havia chegado há alguns instantes. ouve por trás de si o canto e sente um pingo de água cair do céu. timidamente chora. como só quem a conhece percebe, uma lágrima caiu imperceptível. explicara que aquilo era um cântico de lamento. só naquela parte onde os índios cantavam chovia. só ali, onde as nuvens abriam espaço e se encontravam, abrindo espaço novamente, só ali parecia haver espaço para o sopro dos desejos. parecia um revezamento cósmico. esta cena, que remetia às especulações de uma menina branca que quando criança não fazia ideia de que isso seria possível, produzia a constatação de que já não fazíamos mais ideia... do que seria possível. como também não fazíamos ideia do que os gestos falam quando achamos que são mero consentimento. da imaginação de uma criança a um específico momento, cansados, estamos diante de mais uma surpresa: forças sempre hão de se exercer – *para existir basta abandonar-se ao ser*, dizia Artaud. nenhum consolo. é preciso, apenas: nada, sopro. e como última tentativa num cenário já aceito, com a chuva, um intensivo pelo qual tudo passava: o devir-índio infiltrado no corpo da população. sem resignação, mas outra estratégia. entre o celibatário e desertado, distante da guerra e em discreto combate. assim continuaram maquinando-o pela cidade, a alteridade radical à sociedade colonizada, convocada para a constante luta de opostos. tentamos, restando-nos apenas a intensividade de outro partilhar. pregnância das coisas que perecem. assim diziam em

sua faixa uma palavra – “*morrer*”. a voz que evoca a chuva manifesta, forte, a possibilidade universal, produzir existência enquanto se pode, enquanto se morre. assim um sopro circulava pelo terreno em cinzas. chegando perto, cabelos oleosos, nenhum cheiro de cigarro. além dos já habituais estudantes, anarquistas e chamados militantes, havia alguns improváveis, curiosos, desconhecidos, ou moradores longínquos, e dentre eles, um senhor desempregado de camisa desabotoada, olhar lúcido, fala lúdica. havia caminhado da Leopoldina até o Maracanã após saber da invasão da tropa de choque. ofereceu companhia quando parecia desanimada. seu aspecto mais curioso era que tinha uma doce tática – ia cochichando de policial em policial que cercava a Aldeia, como se contasse àqueles ouvidos coisas de quem não entende a formação de um país, arriscando uma cumplicidade. balbuciava contradições e roubava reações faciais dos policiais que aos poucos eram cativados. arrumava sua ciranda de despertares. um dos índios então toca sua flauta. uma expressão emocionada surge. o senhor finalmente retorna e desabafa: *mas eu andei tanto, tanto da Leopoldina, e cheguei aqui, pensando que encontraria uma multidão! Uma multidão! [solta um riso breve, irônico, e de ombros frustrados]*. silêncio devastador. todos pareciam passar por um estado de alteração. um entorpecimento nos levava do pavor da repetição de Pinheirinho até as lágrimas diante da impossibilidade de soprar o universo. fomos do tenso ao estranhamente leve que nos deixava à deriva num mundo que perdíamos, em que nos perdíamos. sobre os ombros, as cinzas da última fogueira pairando pelo ar, incendiando sonhos que teimavam envelhecer num triste velório. até que pelos escombros da barricada destruída encontro restos de uma cartela de rivotril usada. o ar intoxicado e um índio implorando para pelo menos ficar com seu arco e flecha. bombardeada, a Aldeia tornara-se um muro. perdido, o anel de tucum dele ficara por ali em algum lugar, enquanto era arrastado à viatura policial. dizem que quando se perde o anel⁷⁸ é preciso rever as formas com as quais se luta. depois do episódio, passou um tempo deprimido. fiquei sabendo que o outro rapaz

⁷⁸ O anel de tucum, feito de uma espécie de palmeira nativa da Amazônia, tem sua origem no Império do Brasil, quando joias feitas de ouro e outros metais nobres eram utilizados em larga escala por membros da elite dominante. Os negros e índios, não tendo acesso a tais metais, criaram o anel de tucum como um símbolo de pacto matrimonial, de amizade entre si e também de resistência na luta por libertação. Era um símbolo clandestino cuja linguagem somente eles compreendiam. Mais recentemente, a utilização do anel de tucum foi retomada especialmente por adeptos da teologia da libertação, simbolizando a escolha pelos pobres. Tendo feito parte da campanha abolicionista no século XIX, hoje é usado por lutas populares como o Movimento dos Trabalhadores sem Terra.

que dividiu camburão com ele era um menino negro – o único algemado. lá se vai, mais um dia⁷⁹

⁷⁹ Mais uma referência à canção “Clube da esquina n.2” (1972), cuja letra de Milton Nascimento, Lô e Márcio Borges fora utilizada ao longo da cena para pensar a escrita de alguns afetos, como pode ser visto em algumas expressões: “basta contar consigo para a chama não ter pavio”, “se chamava moço e se chamava estrada”, e “sonhos que não envelhecem”.



ALERJ, 17 de Junho de 2013. Momentos finais do quinto protesto contra o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro. Neste mesmo dia, vários protestos relacionados ao Movimento Passe Livre tomaram as ruas de vários estados brasileiros, quando em Brasília, manifestantes ocuparam o Congresso Nacional, episódio que era transmitido ao vivo pela televisão e comemorado por bares da cidade.

Trabalho em cima de foto encontrada sem autoria.

QUANDO UMA PEDRA PASSOU A SER O CAMINHO. 'tá parecendo uma bicharada', ouvia-se numa esquina da Uruguaiana, entre uma farmácia e uma pastelaria chinesa, e os sons das lojas sendo fechadas. lembraremos deste dia por não estarmos sozinhos. os dias, contudo, ainda se misturam. foram tantas idas às ruas que já estávamos exaustos, mas ainda queríamos comemorar. naquela semana havia presenciado a primeira barricada contra a polícia. uma insurgência corria rumo a Presidente Vargas, depois de começarem as bombas, e quando vimos, já era fogo o que havia no lixo para dar passagem ao grupo de manifestantes⁸⁰. sim, quando a correria começou: estava de mãos dadas com meu companheiro caminhando com cartazes e canções até uma confusão do outro lado da Antônio Carlos produzir os inesquecíveis murmúrios que contagiaram o movimento de sua atenção, rapidamente voltada para o canto oposto da avenida, onde ocorria a primeira detenção policial da noite. disparou. temia esse momento, mas, novamente, não o impediria. imediatamente soube que nossas mãos se desmanchariam do enlace, e assim tentei guardar por um segundo a memória de sua textura, sem saber se voltaria a encontrá-lo. só houve tempo de gritar seu nome. era sempre essa a sensação de estar ao seu lado nesses eventos: o que aconteceria com ele? foi-se. nem pude acompanhar seus passos ao longe de tão ligeiro. sozinha, por sorte, encontro de repente dois conhecidos que logo me agarram para correr. assim se iniciara, uma bomba atrás da outra. não sabíamos o que estava por vir, essa era a constante. ficávamos encurralados em diversos momentos, a polícia corria atrás e pelos lados e só dava pra assim fazer, se ficássemos, uma prisão arbitrária, uma bala, uma fumaça. na Presidente Vargas, latas de lixo já reviradas, o Banco Central apedrejado e pontos de ônibus pichados. presenciávamos o irreversível... algo como pôr fogo em si mesmos.

⁸⁰ Protesto contra o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro realizado em 10 de Junho de 2013, que começara na Cinelândia. Quando seguimos para a Avenida Presidente Antônio Carlos, no Centro do Rio, um policial ameaçou deter um manifestante vestido de punk, acusando-o de portar coquetel molotov. Quando a multidão quis saber o que estava acontecendo, a polícia sentiu-se recuada e os estouros começaram. Todos corriam e eram encurralados ao longo da Avenida Primeiro de Março. Assim íamos para a Avenida Presidente Vargas, às pressas. Lá a Tropa de Choque já formava um cordão com escudos preparado para atirar mais bombas e balas de borracha.

/ Revezamento4:
imagens de Artaud

Não haveria necessidade de ‘tomada de consciência’: o sentido da revolta é endêmico⁸¹ – tal como uma ‘doença’, tal como em Artaud – tal como as ruas mostram-se como uma difusão de comportamentos singulares, percorrendo os espaços comuns como uma explosão – lá vêm os vândalos! – pestes não de persistir, trazendo a repulsa diante de sua proliferação: uma ameaça que, assim como nos antigos tratados médicos, não se faz diante do aspecto ‘degradante’ da peste mais do que pelas suas impressões desmoralizantes.

Cidade, lugar dos diversos ‘pequenos pânico’... purgatório do medo onde, entre nos séculos XVIII e XIX, quando não só esqueletos se amontoam pelos cemitérios, saindo pelos muros, uma população operária aglomerava-se, levando as cidades da Europa às insurreições. A plebe pestífera precisava ser contida, e assim, chegavam aos seus corpos intervenções médicas que garantiriam livrá-los do risco das doenças, estas que poderiam contrair ‘de si mesmos’. Era preciso disciplinar o indigno e sua indignação.

Fica evidente em Foucault (2006)⁸² a construção do objeto deste saber autoritário que, incidindo diretamente no corpo, o corpo das doenças e das revoltas, especializa-se para tratar a sociedade de sua desmoralização; da catástrofe da desordem dos sentidos hegemônicos, estes que organizam a distribuição dos corpos e os lugares por estes ocupados – lembremos que não foi sem uma medicina que Pereira Passos fez suas avenidas. A patologização da revolta também se produz no Brasil, como vimos muito antes em Canudos ou, ainda depois, pelos discursos de tantos psicólogos durante a ditadura militar.

⁸¹ Negri *apud* Pelbart, 2011.

⁸² Referimo-nos aqui ao texto “O nascimento da medicina social”. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2006.

“Alguma coisa a mais do que a simples loucura de um homem era necessária para este resultado e essa alguma coisa é a psicologia da época e do meio em que a loucura de Antônio Conselheiro achou combustível para atear o incêndio de uma verdadeira epidemia vesânica” (RODRIGUES, 2000, p.151).

No caso brasileiro, já na virada do século XX, um estudo do médico legista Raimundo Nina Rodrigues é publicado em 1939, intitulando-se “A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços”. Neste trabalho, um diagnóstico patologizante da resistência de Canudos é realizado. Tentando correspondências entre a loucura, o contágio, a religiosidade e a revolta, apresentava aspectos antropológicos e sociológicos aliados a um vocabulário médico, desqualificando a luta dos pobres através de uma razão cientificista. Empreendida entre os anos de 1896 e 1897, a Guerra de Canudos matou cerca de 20 mil conselheiristas.

É preciso que nos deixemos instigar pelo que então está no cerne dos conflitos: a noção de doença. Se desviamos de sua perspectiva universal de definição, cujo papel é o de desvalorizar a existência para permitir sua correção⁸³, a doença sai de um lugar passivo e negativo, passando a uma experiência produtiva em que a vida é, antes, baseada na capacidade de afrontar riscos. Dessa maneira, não seria o adoecimento o oposto da vida, mas o que se produz dentro dela mesma ao engendrar suas próprias tentativas diante de seus desafios. Conjugando os termos: vida e risco são indissociáveis. É sobre este princípio, no entanto, que maneiras de governar a vida encontram seu ponto de incidência – mas também, as resistências.

Tudo o que age é uma crueldade. Seria sobre esta ideia que, segundo Artaud, o teatro precisaria se apoiar. Deste modo, estranhas alegorias podem vir para pensarmos isso que nos acontece: pensando mais em forças e ‘transtornos’, enxergamos o protesto como a imagem da peste que atinge, antes, a ordem das coisas, movendo-nos para uma inelutável necessidade de criação entre as engrenagens produtoras de mundo. Assim, quando a pesquisadora é atingida pela peste, faz perguntar se não haveria alguma relevância em pensarmos tal movimento de protesto como uma ‘doença’. Porque não pensá-lo deste modo, já que, à medida que cresce, multiplica os acessos da

⁸³ Canguilhem *apud* Safatle, 2011.

sensibilidade, intensificando e diversificando modos de sentir e fazer falar uma vitalidade?

A peste, quando usada por Artaud, exemplifica a força do teatro: este teria a força de uma epidemia, e nos forçaria a enxergar tanto os aprisionamentos como a possibilidade de sermos perigosos. Levando-nos a ‘possuir a vida’, em toda sua ameaça de caos, como uma anarquia produtora de arranjos, a peste produz não só a abertura ao caos como também uma insistência sobre este, aquela dos novos territórios existenciais. Como uma operação semelhante à da caosmose (Guattari, 2012), a peste agiria não como sinônimo de simples degradação, mas, sobretudo, como uma reconciliação com a complexidade – “(...) onde reinam a simplicidade e a ordem não pode haver nem drama nem teatro, e o verdadeiro teatro nasce, aliás, como a poesia, mas por outras vias, de uma anarquia que se organiza (...)” (ARTAUD, 1993, p.52).

Segundo Guattari (2012), quando a complexidade é liberada das sujeições, esta se encarna em coeficientes de criatividade que tornariam possível uma heterogênesse. A subjetividade como esta imagem evocaria, enfim, uma indescritível ebulição, abrindo-nos à cruel desordem com a qual evitamos lidar em troca do sossego: o conforto em olhar o mundo como sujeitos blindados, quando sabemos que não há como estar imune.

O perigo ronda, ameaçando violar uma estabilidade. Seria assim como essa violação, intensa como um abalo, o sobressalto da respiração de um corpo incidido pela peste⁸⁴. Levando-nos a uma revolta que assume seu valor à medida que convoca e libera forças, o teatro não é o duplo da peste apenas pelo suposto aspecto do contágio, mas por ser a afirmação de uma crueldade latente num povo: “uma espécie de estranho sol, uma luz de intensidade anormal em que parece que o difícil e mesmo o impossível tornam-se de repente nosso elemento normal” (ARTAUD, 1993, p. 27). Somos então lançados ‘no meio’ do acontecimento, a um modo ‘problemático’.

“Não se deve dizer que há acontecimentos problemáticos, mas que os acontecimentos concernem exclusivamente aos problemas e definem suas condições (...). O acontecimento por si só é problemático e problematizante.” (DELEUZE, 2007, p. 57-59).

⁸⁴ Oliveira, 2004, p. 63.

Falando de uma espécie de centro frágil e turbulento cujas formas não alcançam (Artaud, 1993), a existência por si só já é um desafio à ordem. E percebendo que imagens deste existir já são ‘performadas’ pelo cotidiano, este destacamos como o lugar do teatro e do acontecimento, lugar onde tudo se levanta e se exerce contra nosso estado de seres constituídos. E a partir disso, uma interrogação compõe-se: como performar na escrita de uma pesquisa isto que já se performa na vida, esta força corrosiva e instável de onde se fala e que nos chama a criar problemas? Como fazer falar sua crueldade?

Há um tempo atrás estava lendo pela primeira vez o texto da peça “As aves da noite” (1968), de Hilda Hilst. Este começa com a seguinte declaração:

“Com *As aves da noite*, pretendi ouvir o que foi dito na cela da fome, em Auschwitz. Foi muito difícil. Se os meus personagens parecerem demasiadamente poéticos é porque acredito que só em situações extremas é que a poesia pode eclodir viva (...)” (HILST, 2001, p.233).

Fomos os escolhidos, somos os malditos: quando a peça se inicia, os personagens já estão há algum tempo na cela da fome, entre ruídos e barulhos de chaves. Conforme as trocas desenrolam-se, vemos como suas vidas tornam-se números, como uns decidem ir no lugar de outros, como esperam pela morte, como discordam.

Sentindo-me atormentada por uma indecifrável crueldade que começa a atravessar toda a leitura, passo a questionar sua natureza. Que crueldade seria essa? Seria aquela que imediatamente relacionamos ao holocausto? Talvez. Contudo, havia outra crueldade, uma que não se sabia, uma que se intensificava. Há muitas rupturas acontecendo nesta peça, e assim mesmo como uma ruptura, o sentido da crueldade tal como em Artaud fora, de certa maneira, ‘sentido’. Como tenta nos mostrar o autor, a vida estaria mais próxima de uma fronteira insistente, como Deleuze definiu o sentido: o que não existe, mas subsiste, insiste. A crueldade que emerge tal como a poesia – algo parecido com o que diz Hilda – surge da impossibilidade de pensar que é o pensamento (Blanchot, 2005), é um estilhaçamento. A crueldade incide produzindo um pensamento que insurge contra o próprio pensar, embate com a própria vida.

E de repente, sou interpelada por seguir tais ímpetos cruéis. “Mas, que vida é essa que se quer tanto afirmar?”; perguntava a professora no dia da leitura do meu

projeto de mestrado na disciplina de Metodologia – “(...) acho que temos que começar a pensar que vida é essa que todo mundo está afirmando. Que vida é essa que você afirma? De qual conceito de vida você está partindo, Livia?” – e um colega continua: “Que vidas você está buscando defender?”.

Hesito.

Respondo então que, mais do que dizer o que são ou defendê-las, quero mostrar o que elas dizem. A professora sorri para mim, pensativa. No fundo, dizia para mim mesma: “Afinal, não sou eu quem serei capaz de dizer *quais* vidas são essas. Porque preciso fazer isso? É preciso fazer isso? Tem que ser eu?”. Mas percebi que poderia entrar em um limbo relativista se continuasse nesse caminho. O que fazer com essa questão que flanava? Como resistir a um certo olhar autoritário da ciência – o que de início achei fazer com a minha resposta – mas, também, como perspectivar uma discussão podendo defender um ponto, localizando algo? Como não produzir um modo patriarcal de saber? Então me dei conta de que, em algum ponto, sempre podemos deixar de escutar, afirmando-se hierarquicamente sobre isto que não escuta.

Uma vida: deixo-a assim, em artigo indefinido. Escolheu-se escutá-la, no que fala de modo poético como um paradoxo. Talvez, a experiência pestífera tenha sido o atravessamento pelo qual a pesquisa se produziu perto do impensável, não só deslocando as lutas das exigências de qualificações como também fazendo com que já não seja o autor quem fala pelos modos de vida, definindo-os. Quem fala é uma multiplicidade. E nesse susto, assim como a pesquisa dispõe-se ‘vulnerável’ ao adoecimento, ou seja, à sua própria capacidade de enfrentar-se; estamos abertos à crueldade. Afinal, como dissera Artaud, a doença estaria para o conhecimento assim como este estaria para a doença...

TUDO QUE VOCÊ PODIA SER. estranho. acordar com um mal estar que lhe toma como se houvesse algo ainda por ali, inteiro. três horas dormidas, uma leve ressaca e dores pelo corpo mal curadas dos protestos de segunda-feira. conforme o dia passava, percebeu que não aguentaria, fraca. fatalmente, se jogassem uma bomba de gás poderia desmaiar. era quinta-feira e culpava-se. porque não preparei meu corpo para o dia de hoje? porque não me cuidei? e o dia inteiro um conflito: ‘vou ou não vou?’. consumo. no quarto com seu companheiro, dizia, “*que dor profunda... queria ser invencível! mas eles são mais fortes. eles têm as balas*”. um sofrimento é inseparável de uma exposição que, paradoxalmente, aumenta a potência de agir dos corpos⁸⁵,

assim eu tinha um corpo,

assim eu tinha...

os eventos de São Paulo nos mostravam sinopses para a cidade de cá. quanto mais tendia por decidir não ir ao protesto, paralelamente constatava que, desta vez, muitos amigos iriam. mas não estaria com eles. nem com os desconhecidos com quem já nos preocupávamos. nos preocupávamos.

Tudo que você queria ser...

outros braços outras pernas, naquele momento precisava ser outras pernas e não sabia se estava conseguindo, Júlia era o nome dela, corríamos em dupla de braços dados pela praça XV e tirávamos fôlego não sei de onde, corríamos e não parávamos e nunca corríamos sozinhos, sempre uma mão a te puxar, todos corriam com todos, e seria muito

⁸⁵ A relação entre a potência de um corpo e sua exposição ao sofrimento é trabalhada por Lapoujade (2002): “o sofrimento não é um estado particular do corpo. Sofrer é a condição primeira do corpo. Sofrer é a condição de estar exposto (...) ou seja, ele sofre de ser afetado. Como diz Deleuze, um corpo não cessa de ser submetido à erupção contínua de encontros (...). De certa maneira, reencontramos aqui a resistência” (p.7-9).

pior nos próximos dias. multidão, sempre a te levar um lenço, prestando inesperada ajuda enquanto se lacrimeja. um cuidado, olha-se de canto e alguém, no instante do barulho explosivo em que nos fazíamos também armados, juntos. o corpo estava em outro lugar que não ali, enquanto ele, ainda lá, aguardava minha calma para seguirmos cada um para o seu destino. só lembrava de Vanessa, ‘precisamos pensar que vida é essa que queremos afirmar nas ruas! o que queremos mostrar é um corpo caído no chão? jovens em camburão sumidos por horas?’, não, não podia ser isso, e a decisão era atravessada por esta pontual colocação de nosso último encontro. não podíamos produzir para as vistas uma coleção de corpos lúgubres no lugar de plenos. assim faltava ar. sentia-se algo ir na direção contrária do ‘não’ que era preciso dizer constantemente para si. delicado exercício⁸⁶ evocado no limite.

já no ônibus, mania de antecipação, só conseguia prever cenas: imaginativa mas convocando forças, desejava acreditar que todos saberiam agir na hora do desespero. será que soubemos? corríamos e dispersávamos demais. o peso do mundo caía naquelas costas que novamente sentiam as cinzas da Aldeia Maracanã, suave dormência, suave dormência, aquele entorpecimento dos gases lacrimogêneos e o rosto frio, o som da demolição e dos tiros e o peito congelando. ia sendo levada... sustenta... leveza pesada... e o companheiro sem anel permanecendo destemido. nossas mãos se desfaziam do enlace novamente, corria para acudir um menino. ele faria isso de novo, ele faria, sabia que faria, e isso era um segredo... estava com medo que fizesse.

*Só pensa agora em voltar
Não fala mais na bota e do anel de Zapata
Tudo que você devia ser...*

sem medo

‘preciso descer não consigo respirar, por favor não consigo respirar, por favor preciso descer, desce comigo’. na calçada um deserto, corpo em lentidão, paralisando cada parte

⁸⁶ A noção de prudência é trabalhada por Deleuze e Guattari em “Como criar para si um Corpo sem Órgãos?” (2012). Todavia, ainda que tendo recorrido a esta leitura, até agora não sabemos até que ponto uma prudência fora evocada nesta estória.

de uma vez. quase cai, estranho-me, sem corpo? experiência de sentar-se numa esquina onde os carros sabiam que podiam dobrar velozes e inconsequentes e ele só conseguia perguntar se era teto preto e como podia saber se era teto preto se os olhos não abriam! fazia esforço... fazia esforço pra sentir que ainda tinha um corpo! quão absurdo era isso! esforçava-me para mexer a boca, o rosto, as mãos, os pés, imobilizada numa lenta osmose, das armas de tantos dias que estavam sendo absorvidas. cada gesto impossibilitado, um mapa: todas as cartografias transbordando de um corpo que não cabia ali, naquela esquina de Niterói. só queria voltar. que a pele voltasse, que a temperatura voltasse, sentia-me viva? “vou te levar pro hospital”.

Tudo que você consegue ser... ou nada⁸⁷

não conseguia me controlar, não conseguia o tal equilíbrio, não conseguia... mas que equilíbrio? quem me exige isso? que é isso que acontece agora?! um mundo onde não se consegue respirar ou seguir uma viagem de cinco minutos num taxi! balançava as mãos e tremia e suplicava ‘não consigo me mexer’, rebatia-se como um peixe que escapara de um aquário, incessante combate do corpo sem órgãos que vinha emergindo, precisando exercitar as doses, seus platôs, seus platôs. anarquia e unidade eram como uma única e mesma coisa, uma turbulenta fusão, confusão trêmula mas dura, voltava como um golpe. um hall de entrada, um campo de hesitações, rotina atrapalhada e recusa de ficar constrangida com os atendentes cujos rostos retiravam senhas atrás de computadores. a incerteza de agir, não existe o imprevisível aqui? a burocracia do hospital privado encontra a violência da metrópole. protocolos e redoma, cadastros e redoma, protocolos e presença estranha, vidro envolto rachando, andava e espelhos, uma água e espelhos, um banheiro insalubre e espera, contenção de si e dependência. vinha a salvação. “Você teve um episódio de síndrome do pânico. Você precisa agora procurar uma orientação psiquiátrica para saber melhor o que desencadeou isso”.

[...]

pausa.

⁸⁷ “Tudo que você podia ser”, canção do álbum Clube da Esquina (1972).

vê a caneta assinando, vê o carimbo. vê o indizível fazendo-se contornável.

respira.

doutora, eu já sei o que desencadeou isso. há pouco decidi não ir ao protesto que está acontecendo neste exato momento no Centro do Rio. você está sabendo dos protestos? pois é, todos estarão lá, a polícia estará lá, e eu não estarei lá, sabendo que pode ser muito violento. sim, entrei em pânico. simplesmente fiquei tomada de preocupação, é isso que está acontecendo, estamos todos assim: nos preocupamos uns com os outros. [depois de um tempo dissera um amigo, calma, você só está incorporando o sentido de lutar. você não pode ser forte pelos outros].

a médica me olha, retorna a assinar. uma dose de rivotril e é examinada. aos poucos, cada pedaço invisível de seu corpo é descoberto pelos trabalhadores que lhe davam um atestado de existência, a certeza que apazigua todas as utopias. é liberada. dali em diante, já desconfiava que nada mais seria a mesma coisa. tudo que se podia ser, sem medo. desejos amaldiçoados, arrancados da imanência do pulsar fora dos interiores. qual princípio da realidade se erguia? um corpo fechando-se em si mesmo, ‘sofrendo de um sujeito’⁸⁸, com todas as ruas sem saída encurraladas e bombas ainda ressonantes, calado⁸⁹ estava ali.

⁸⁸ Lapoujade, D. “O corpo que não aguenta mais”. In: Lins, D. & Gadelha, S. (org). Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

⁸⁹ Tentativa de comunicação com o texto “O corpo utópico” (1966), conferência de Michel Foucault cuja tradução até então não havia sido realizada por editoras brasileiras.

e no centro da própria engrenagem

inventa a contra-mola que resiste

envolto em tempestade, decepado

entre os dentes

segura a primavera ⁹⁰

⁹⁰ Fragmento de “Primavera nos dentes”, do grupo Secos & Molhados (1973). A letra da canção, poesia escrita pelo pai do músico e integrante João Ricardo, serviu como resistência à ditadura militar, assim como diversas outras do repertório do conjunto.

insurgir contra ‘aquelas asas’

*olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas.*

ana cristina cesar⁹¹ escreve com o corpo. cada palavra um dispositivo sensível, visceral, o existir entre os dentes percorrendo superfície, ecoando filetes de sangue assim que lidos. assim sempre senti; escrita movida por aquilo que ali mesmo se reinventa e pinga a cada nova maneira de pontuar, respirar: abocanha, turva maiúsculas poderosas, interditantes, fundadoras – a dimensão inominável de uma língua menor só podendo frente a lei expressar o revirar-se inteiro por filetes de sangue. sangramos. erótico, no entanto quando lido em tempos mais recentes, estranho. o poema remeteu à sensação pós traumática de que só me restara, enfim, um corpo: perder de vista tudo que não o seja e restar-se, estranha sensação de restar-se. só tenho um corpo. o que fazer com isso agora? só tenho um derrotável, vulnerável e marcado corpo, que agora nem eu mesma consigo guiar de acordo com a vontade de sentir, de viver, pois a qualquer momento, inesperadamente, pode-se sucumbir; um filete de sangue entre gengivas, uma singela metáfora da existência: um aborto é feito de sangue. meu aborto fora o do possível. luto de si transbordado, atrelado ao cansaço da confusa condição imemorial de nossa impotência, filete entre os dentes. com sangue restava-me, separava-me, atravessada pelo medo de voltar a sentir tudo aquilo. nas ruas, ouvíamos o fôlego da insistência, o devir incendiário. asfalto em chamas, o corpo do poema: imagem de calor e destruição, até nos restar, corpo. foi uma decadência. da cintilação do intempestivo ao corpo-alvo, mirado, biopolítico, caído. corpo. desmaiados estão os jovens. ficaram os restos das

⁹¹ Foi uma poetisa e tradutora brasileira (1952-1983). Meu primeiro contato com sua obra deu-se com a peça “Antes que você parta pro teu baile” (2013), de Dora Bellavinha e Lucas Castelo Branco.

armas immobilizando. procurada a ajuda médica, o que poderia, depois de tudo isso, ser o corpo, individualizado por 5 gotinhas diárias, atento ao redor distanciado, munido de novos impasses? inquietar-se-iam todas as coisas que já puseram-no em movimento? ir do sangue da gengiva à inversão metodológica. pois algo se fazia com a intensidade de uma fome. ainda segurava a primavera entre os dentes, mesmo tendo sangrado um filete ou vários. forças teimavam se exercer, e precisava fazer alguma coisa com isso. algo perturbava o repouso dos sentidos em tratamento. foi então que assumi de uma vez por todas a vontade de me aproximar do teatro.

um peso: *criar*. verbo que parece carregar significados bíblicos, impingindo a missão de se replicar como um ente divino: “Crie! Invente! Inove! (...) prometem o júbilo da vitória, assim como a dor do fracasso”⁹² – foi a partir de uma necessidade de reinvenção de si num mundo onde até o céu pode cair sobre as nossas cabeças que busquei Artaud como meu mais novo intercessor⁹³. assim começava também meu primeiro contato com a prática teatral, a inversão: indo do lugar onde ‘restara apenas um corpo’ para aquele que interroga, enfim, ‘mas o que pode esse corpo?’ – o que pode ser um corpo?.

coices, patas, repetição, diferença. humano demasiado humano. humano, que humano?. dilaceramentos. interrupções. impermanência. entre a potência do gesto e uma abertura de condições: o adoecimento dos modernos entrecortado por decisões imprevisíveis. frente ao trivial que mais nos acomete, escolhem. a violenta tribuna de nossas relações. a dificuldade de sair das dicotomias. a passividade diante de lembranças que achamos não ter reverberação. anestesia e, anestesia e, anestesia e. assim nos chamavam a ser infieis, desprendidos do texto-roteiro, navegando entre um humano em questão, perdido e incerto na não aceitação de suas jornadas sem finalidade, essa que nos condena. assim já questionava certas imunidades, tentava, mesmo quando uma certa voz persistia, aquela voz que passara a estar sempre em algum dos ombros – ‘o rivotril faria efeito?’, ainda sentada, no escuro da plateia. havia uma... ansiedade. remanejamentos entre afetos. reconciliação com os devires e trajetos.

⁹² Baptista, 2013, p.1.

⁹³ “Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. (...) preciso de meus intercessores para me exprimir” (Deleuze, 2010, p.160). O autor cita também as amizades.

Primeiro dia⁹⁴. Estranhava os atores à vontade com seus corpos e os alheios, estranhava o desconforto de mim comigo. Pensava se o remédio poderia interferir no processo, e tentava isolar esse pensamento ficando mais atenta ao que se passava no instante. Explorava a expansão e a quebra dos movimentos, assim como me deixava ser interpelada pelos encontros e as perguntas, estas que não eram poucas, e além de tudo, encarnavam-se. O que fazer com as baias, com as cavalgadas impedidas destes corpos insurgentes todos que nos compõem, atingidos, proibidos? Como traçar linha de fuga da imobilidade fincada por um mundo ‘que teve que caber’? Como fazer do risco de estar neste atravessamento incorrigível de uma aposta ética? Como fazer falar tudo isso que é tão indizível? O que poderia ser possível para este corpo tão carregado de profundezas que dizem ser o principal fomentador de um empreendedorismo de si, com todas suas glórias e fracassos, num mundo de apelos inadiáveis? (Baptista, 2013).

Sentia um aspecto ‘provisório’ em tudo. Dos efeitos de uma multiplicidade imediatamente apreendida no corpo, a peste febril das ruas, à existência inexistente, falta de ar: experiência de instalação de um vazio no qual ‘prosseguiu sem trégua a expansão da linguagem’⁹⁵, misturada ao medo de transbordar. Medo que ameaça toda a linguagem infinita a fechar-se num si que, ao instalar soberanias, despotencializa um povoamento em devir, imobilizado num único corpo. Precisava do risco do teatro em insurgir a cada gesto, sair da velha trama do eu hesitante em dispersar na leveza no inimaginável (Foucault, 2009), mantendo a dispersão não dominada.

Entre os dias de oficina, filetes coagulavam sem deixar de pulsar. Foram nestes dias de teatro que mais se percebeu como a melhora só se daria com o retorno do perigo, quando aquilo que nos deve ser devolvido por nós é remontado: tudo o que há no amor, no crime, na guerra ou na loucura (Artaud, 1993). Esta peste teatral já andava comigo, só precisaria reativá-la, como uma convocação de forças.

⁹⁴ Já acompanhava há algum tempo o trabalho de um coletivo de artistas estudantes dos cursos de Artes Cênicas da UNIRIO, Comunicação Social e Direção Teatral da UFRJ. Quando fora Julho de 2013, anunciaram inscrições para a oficina de base de sua peça “Cavalos e Baias” (2012), dirigida por Caio Riscado, e que havia assistido no mês de Julho do mesmo ano (as impressões são narradas no parágrafo anterior). Ainda temendo esta novidade, tento uma vaga na oficina escrevendo sobre o percurso da pesquisa do mestrado, e selecionam-me.

⁹⁵ Foucault, 2009, p.220.

Perguntas lidas num texto, “De que forma a experiência teatral pode tornar-se agente da perda de si mesmo?”⁹⁶. Ameaçava cair num marasmo quando outra luta estava então bem ali adiante: questionar nosso lugar poético na realidade. Algo ainda poderia ser feito. E para rever o meu lugar, reconhecia que, no entanto, haveria de assassinar um anjo. Tal como Virgínia Woolf topou com certas asas a fazer sombra em seu quarto e a guiar sua caneta, sussurrando-lhe “*querida, você é uma moça*”⁹⁷; teria que matar um anjo a flutuar sobre meus ombros, aquele que se esforça por privilegiar a baía da suposta interioridade.

⁹⁶ Baptista, 2005, p.110.

⁹⁷ Woolf, V. “Profissões para mulheres”. Texto lido para a Sociedade de Auxílio às Mulheres em 21 de Janeiro de 1931, e publicado postumamente em *A morte da mariposa*, de 1942. Virginia Woolf já se notabilizava questionando através de seus romances a sociedade e o lugar ocupado nesta pela mulher. No texto citado, gostamos em particular daquilo que conceitua de “o Anjo do Lar”, fantasma que precisa matar para resistir à opressão e manifestar-se, no caso, em seu ofício de escritora; este que considera talvez uma das profissões de exercício mais libertário para as mulheres, mas que, no entanto, não escapa ainda dos fantasmas que persistem em recolocá-las na posição de devedoras de certas exigências. In: *Virgínia Woolf: Profissão para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

/ Revezamento6:

movimentos inconclusos

“Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade”.

Gilles Deleuze

"*Anota aí: eu sou ninguém*", responde uma manifestante a um jornalista que lhe pergunta se seria uma das líderes do Movimento Passe Livre. Mexendo com a possibilidade da captura, o ninguém é uma singularidade qualquer: jamais indiferente, mas o ser *qual-quer*, cuja relação original é com o desejo (Agamben, 1993). Uma singularidade qualquer é aquela com a qual os poderes não sabem o que fazer.

Recusando-os, contudo sem constituir uma réplica desses mesmos poderes (Pelbart, 2011), essa singularidade não reivindica uma identidade. Como a procura febril da peste que nos joga no alegre naufrágio teológico das culpas e justiças, o ninguém situa-se como o demoníaco: aquilo que, em cada ser, gosta das agitações convulsionadas, busca um pouco de poesia nas festas e nas multidões quando o povo sai às ruas, indo retomar aquilo que sempre lhe pertenceu; a crueldade de lançar-se no mais amplo espaço dos possíveis.

É preciso atenção ao que a pergunta e esta resposta acionam. Na resposta da manifestante há uma aposta ética e política: o inominável como estratégia frente ao intolerável, trazendo à tona o indefinido que é a determinação mesma da potência (Deleuze, 2002). Falamos de aposta *ética* por entender que esta começa quando o próprio ‘apropria-se’ do impróprio. Em outras palavras, começa quando se reconhece o fato de que o homem, o ser, o qualquer

“não é nem terá de ser ou de realizar nenhuma essência, nenhuma vocação histórica ou espiritual, nenhum destino biológico. É a única razão por que algo como uma ética pode existir: pois é evidente que se o homem fosse ou tivesse de ser esta ou aquela substância, este ou aquele

destino, não existiria nenhuma experiência ética possível – haveria apenas deveres a realizar”⁹⁸.

Aquele que se rebela é ‘em definitivo’ sem explicação: pois apenas com certo dilaceramento dessas cadeias de razões que um ser pode enfim preferir o risco à obediência (Foucault, 2014) – movimento irreduzível de intransigência da liberdade. Produzindo subjetividades não localizáveis, a resposta do ninguém se coloca ela mesma como um foco de luta quando defronta todo o conjunto difuso dos poderes, assim sacudido a partir de sua menor reivindicação. O ninguém, dentro deste emaranhado, passa como uma morte.

“O impulso vital, em sua força disruptiva e criadora, não podendo se fazer sem a experiência da dissolução, faz a questão da morte modular-se por uma pergunta: como nos dissolvemos? (...) Eis aí o perigoso tema da morte que nos ronda em sua ambiguidade. Morremos de quê? Morremos por quê? De que formas morremos?” (PASSOS & BENEVIDES, 2005, p.91).

Eis a experiência liberta do fenômeno privado, individualizado. Quando o cárcere que se tornou o sujeito (Baptista, 2005) sofre rachaduras, surge um assassinato, um crime: a multiplicidade que o ‘mata’. Por praças, ruas, morros, há uma fúria que abdica da alavanca (Deleuze, 2010) – movimentos de zonas mais indeterminadas, habitadas

“pela adesão coletiva a que nos convoca, e é por isso que aí somos sempre muitos ou, por outra, essa experiência de engajamento, de adesão, é sempre coletiva. Quem experimenta esse engajamento? (...) por coletivo entende-se (...) um conjunto de forças que atravessam as formas individuais e as formas sociais, provocando a sua desestabilização e a criação de novas composições”⁹⁹.

Em entrevista sobre Michel Foucault (2010), ao falar sobre a escolha ético-filosófica de ambos pela noção de subjetivação no lugar da noção de sujeito, Deleuze

⁹⁸ Agamben, 1993, p. 38.

⁹⁹ Passos & Benevides, 2005, pp 95-97.

nega este como sinônimo de produção de existência e desindividualiza as “maneiras artistas” para pensar a estética. Fazendo com que lidemos com um sujeito em suspeita, faz surgir uma inevitável pergunta: o que cria então em seu lugar? O que pode deste lugar ser escrito?

Se a escrita deixa de ser definida como gesto que dá ao vivido uma forma de expressão, temos então uma passagem de vida (Deleuze, 2008). Com isso, pode-se dizer que, inseparável de um devir, a escrita só pode se efetuar através da potência de um impessoal: aquilo que se destitui do poder de dizer *Eu*.

Como a abertura de um espaço (Foucault, 2009) intrinsecamente relacionado com a morte, como dissera Barthes (2004), a escrita só começa quando o autor desaparece. Escrever seria atingir um ponto oblíquo onde só a linguagem age, performa, e não ‘eu’ (Barthes, 1988) – ‘quero escrever, mas não posso!’. Libertando a vida do sujeito, a escrita inventa a enunciação coletiva, o meio de uma multiplicidade. Fazendo-nos revezar por perspectivas, esta, como vimos, coloca em questão a morte de um organizador soberano da experiência e do discurso. E com a morte, ficamos com uma ausência com a qual precisamos lidar.

Não basta sentenciar que o autor ou o sujeito desaparecem, como uma repetição vazia ou uma espécie de ode pós-moderna. Para lidar com a morte, encontrar potência na dissolução torna-se uma tarefa. Desse modo, seguindo o conselho de Foucault (2009), propõe-se que localizemos neste espaço deixado vago as funções livres que a desapareição faz aparecer. Procurando na ausência de representação novas sensibilidades políticas, estes recentes protestos sem líderes arranjam maneiras de lidar com o espaço que eles mesmos abrem. Ao contrário da pergunta do jornalista à manifestante, precisaríamos pensar, talvez, em outras maneiras de fazer a vida se perguntar diante de suas mortes.

ASSOBIOS NA CURVA DO VENTO. no lugar da dor, um pedido. um sambista anônimo, jogando com uma discreta alegria de resistir ao cansaço como condição de estar no mundo, e o desvio do assobio. pedindo passagem, acompanha um olho cego. toda uma linguagem emanando, versada. um repentista esperando a morte chegar. inventava palavras entre um riso louco e um olho esbranquiçado, que se erguia para o céu parecendo chamá-lo. há um constrangimento. as pessoas não sabem como responder aquele riso cuja ousadia não conseguiam descobrir de onde vinha. o impacto do gesto que não se deixa dizer o porquê: o que parecia tramar com os deuses? estaria nos amaldiçoando? o riso parecia anunciar que algo se recusava tornar obsoleto. ao redor, casas marcadas e plásticos. juntos, as casas e os plásticos, compunham a cena da descartabilidade, uma flutuação. já o riso, a transgressão ao inexorável¹⁰⁰. o riso durou o tempo da irracionalidade enquanto provocava o impaciente desconhecimento de seu motivo. na figura do senhor cego de muletas, agora transformado em irônico, há um constrangimento: no riso, um cruel e afetuoso insulto à banalização do já visto, do já dito e do ainda não¹⁰¹. surgidos de não conseguir responder a exclamante distância, risos restaram, enquanto caminham mais uma vez para a despedida as autoridades de direitos humanos com as quais vou embora, deixando a cena. sem saber se rindo do repentista, das pessoas de terno incomodadas, ou da situação toda, apenas abraçara aquilo de estranho no riso que permitia ao tempo recomeços.

¹⁰⁰ Baptista, 2011.

¹⁰¹ *Idem*, p.2.

Os zapatistas entendem-se como vento¹⁰²; suave ponto de desaparecimento, quando deixamos de estar onde somos para tornarmo-nos velocidade. Um verbo tecido pela caminhada: ventar-se – não estar nem no próprio sonho, sobrevôo imanente¹⁰³, desterritorialização suave de Guattari (1990), ou o sopro em Artaud. Na Aldeia Maracanã, uma pequena índia me responde, ao lhe perguntar seu nome: “não saber”.

Das evidências que se perdem entre sombras e luzes, e teimando contra aqueles vampirismos insaciáveis (Pelbart, 2011), esta criança não se fez sujeito¹⁰⁴, não marcou a história como um relógio, não precipitou o tempo e o espaço a partir de um ser definível: a exigência de identidade e a injunção de romper sentem da mesma maneira o abuso¹⁰⁵. O que se faz justo nisso onde já não somos?

Tornamo-nos clandestinos de si mesmos (Deleuze, 1998), adquirimos algo de invulnerável e ao mesmo tempo possível de ser qualquer coisa. Como evidencia a menina índia, há pela cidade um verbo de vento, feito de forças e passagens. Qual o seu nome? A linguagem deixa de predicar algo de alguma coisa, anunciando uma interrupção: uma experiência “no limiar entre ser e não ser, entre sensível e inteligível, entre palavra e coisa” (AGAMBEN, 1993, p. 30), como a preferência do escrivão de Herman Melville que teima até o fim na fórmula que se retira de qualquer predicado, necessidade ou razão, declinando toda identidade – *preferir não*.

Assim como Bartleby não nos apresenta um consentimento ou uma renúncia, muito menos a expressão de uma indiferença, a menina índia não apenas recusa: ambos abrem, cada um com sua resposta, o espaço da possibilidade de um terceiro termo emancipado, que avança e se permanece sustentando sua condição irreconhecível.

¹⁰² “Queremos, finalmente, desaparecer. Para eso, y no para otra cosa, fue que aparecimos. Por eso, en nuestro sueño, nosotros no estamos” [tradução: Queremos, finalmente, desaparecer. Para isso, e não para outra coisa, foi que aparecemos. Por isso, em nosso sonho, nós não estamos]. In: Subcomandante Marcos. *La velocidad del sueño. Tercera parte: Pies desnudos*. México, 2004. Disponível em: www.rebellion.org. Acessado em: 22/06/13.

¹⁰³ Deleuze e Guattari, 2009, p.66.

¹⁰⁴ “(...) um hábito, apenas um hábito no campo de imanência, o hábito de dizer Eu...” (*idem*).

¹⁰⁵ Foucault, 2010, p.280.

A experiência teatral pôde nos auxiliar na compreensão dessas rupturas em curso ao tensionar o estorvo do sujeito que concentra dentro de si forças e fraquezas (Baptista, 2005). Com o teatro, podemos interrogar, enfim, algo que dizemos sem hesitar, retirando-se do idêntico e abrindo espaço para a reconciliação com uma complexidade na qual termos outros se emancipam, estes outros que, inomináveis, não detém, mas abrem espaço; conjugam em ato a crueldade como produção de um outramento (Pelbart, 2004).

Assim estamos diante de um abalo. Estamos abalados. Não esqueço mais o dia em que manequins da loja Toulon do bairro Leblon foram usados como barricadas, e suas roupas, saqueadas e distribuídas a moradores de rua. Na ocasião de uma das manifestações de maior repressão, logo nos arredores onde residia então o ilmo senhor governador do Estado, uma certa parcela da população ficara de moral alvoroçada: não com a cena dos jovens que aleatoriamente eram deitados pela polícia militar nas areias da praia, mas com a cena dos manequins, a imagem mais polêmica do dia seguinte.

Fica-se pensando nos efeitos desse acontecimento até que se chega a uma leitura em intensidade (Deleuze, 2010): a princípio, não haveria nada a explicar ou a interpretar. O que há: “sempre encontraremos aliados que queiramos ou que nos queiram” (p. 18). Apesar da imagem comum que carregam – a de uma linha de defesa, ou divisória a partir da qual se precisaria escolher um lado – as barricadas parecem tensionar a ideia de oposição quando intensivamente convocam em seu lugar a aliança: pois alguma adesão ocorre, e esta dificilmente ocorrerá – senão raramente – de forma unânime e igualitária. Nestas uma a produção aparece: diferenciações que não podem ser taxonomizadas nem unificadas, pestes rizomáticas¹⁰⁶ – quando o ‘grito de ordem’ vai cedendo lugar a uma singular implicação, em que cada um reconhecerá os seus¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Um rizoma: tampouco é um ser como a multiplicidade é um; e esta é, antes, algo surgido por subtração da unidade da qual toda multiplicidade se furta.

¹⁰⁷ Deleuze e Guattari, 2011, p.17.

Conexão e disjunção incessante de elementos, variações que mudam, impedindo-nos de representá-las. Em outras palavras; processo de estar em relação. Viver juntos. Navegar por recíprocas assimetrias, fazer-se em suas diferenças: efetuação do rizoma. Implicar-se reciprocamente é provocar ação, entender a aliança como uma economia de forças.

O que se coloca como questão: “é sempre por rizoma que o desejo se move e produz”¹⁰⁸. Percebe-se pelos rostos que se desfazem: tal como os mascarados ou a paisagem¹⁰⁹ que ‘vandalizam’, quando os ninguéns rompem sua relação com os agenciamentos de poder que necessitam do rosto único, sua resposta é uma questão de velocidade, é um abalo na paisagem; um bloco vivo de conexões. A potência do rosto é uma política.

Entre todos os dizeres recentes com seus respectivos nomes – ‘Maré resiste¹¹⁰’, ‘somos todos Aldeia Maracanã’, ‘somos todos Amarildo¹¹¹’, ‘somos todos garis¹¹²’... – eis o exílio dos rostos infinitos: pelas ruas, pela poesia do que se afirma entre vidros estilhaçados, um rizoma está sempre atingindo processos que não têm começo nem fim: instabilidade da qual nenhuma audácia de síntese se atreveria substituí-la.

O rizoma é feito de dispositivos que possibilitam uma articulação de outro tipo, como dissera Guattari (2000): dispositivos que permitem criar aberturas e contatos, dispositivos vivos, encarnados, cujo critério de metabolização das relações se dá pela posição do desejo, pelo mapa em que se desdobra uma problemática onde se perceberiam as coisas pelo meio – “e não de cima para baixo, da esquerda para direita

¹⁰⁸ *Ibidem*, p.32.

¹⁰⁹ Segundo Deleuze e Guattari (2012), paisagens e rostos se repercutem: “que paisagem não evocou o rosto que a teria completado, que lhe teria fornecido o complemento inesperado de suas linhas e de seus traços?” (p.43).

¹¹⁰ No Complexo de favelas da Maré, uma chacina acontece em Junho de 2013 ao longo de toda uma noite, em represália à morte de um policial assassinado em incursão do BOPE após um arrastão na Avenida Brasil. Enquanto éramos reprimidos nos protestos do Centro do Rio com balas de borracha, pelas favelas as estatísticas aumentavam.

¹¹¹ Morador da Rocinha desaparecido em 14 de Julho de 2013, torturado e morto pela UPP local no mesmo período da Operação Paz Armada, que mobilizou 300 policiais para prender suspeitos sem passagem pela polícia depois de um arrastão ocorrido nas proximidades da favela.

¹¹² Com a greve dos garis da cidade do Rio de Janeiro, ocorrida na semana de carnaval de 2014, a polêmica demissão em massa dos grevistas produz o apoio de parte da população.

ou inversamente: tentem e verão que tudo muda” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.46).

E veremos que tudo muda: captar o campo de possíveis de que tais tentativas são portadoras, eis o lugar da pesquisa, enfim, deslocado para a escrita de possibilitação do que urge e grita por uma vida – assim mesmo, indefinida. Pois é no espaço mais recuado do pensamento que o inacabamento tensiona a certeza endossada por tantas violências. Seria em tal lugar de obscurecimento que algo distinto se anunciaria (Blanchot, 2010), como na noite em que, ainda exaustos, escrevemos.

Visitava os fatos sem encontrá-la. A tão procurada e precária síntese, luz dormindo acesa na varanda, só poderia desde sempre se multiplicar por símbolos sombrios, dos quais se permaneceria apanhando miúdos empréstimos¹¹³. Parecia que a escrita enfim ganhara voz de protesto contra aquilo que lhe dificultava. Lutando com os sussurros, criava travessia, afirmava-se, delirando em seus limites para tratar com certa crueldade os anjos das mais diversas causas, para assim recusá-los, os cárceres invisíveis que carregam. Não há uma bravura glorificante neste gesto de dançar na fronteira. Arriscando a provisoriedade de corpos e mundos, talvez seja isso que se queira libertar: um delírio, um delírio como aquilo que reprimimos num povo e na escrita, e que protegemos com fogueiras bem ali no meio, de uma rua ou de um cruzamento, para que se continue acontecendo algo que não se sabe dizer, e que por isso mesmo, não se pode calar.

¹¹³ Referência à poesia “Nosso tempo”, de Carlos Drummond de Andrade.

Referências

Bibliografia

AGAMBEN, G. *Bartleby: Escrita da Potência*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

_____. “Do limbo”. In: *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1993. pp.13-14.

_____. “Ética”. In: *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1993. pp. 38-39.

_____. “Qualquer”. In: *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1993. pp.11-12.

_____. “Ter lugar”. *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1993. pp. 18-19.

ANDRADE, O. *Manifesto Antropófago (1928)*. Disponível em: www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf.

ARTAUD, A. *Escritos de Antonin Artaud*. Coleção Rebeldes & Malditos v.5. Porto Alegre: L& PM, 1983.

_____. *O Teatro e o seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAPTISTA, L. A. *A Cidade dos Sábios: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades*. São Paulo: Summus, 1999.

_____. “Combates urbanos: a cidade como território de criação”. Palestra proferida no XII Encontro Nacional da ABRAPSO, Porto Alegre, 16/10/2003. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/index.php/producao/8-textos/49-luisantoniobaptistatextos>.

_____. “Demolições da Memória de um Psicólogo Anônimo: a invasão no cotidiano por flechas do Vietnam”, 2013. no prelo.

_____. “O enigma do sorriso que diz sim!”. In: *Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ*, ano 25, nº 75, 2011. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/index.php/producao/8-textos/49-luisantoniobaptistatextos>.

_____. “Tartarugas e vira-latas na cidade: políticas de mobilidade na cidade”. In: *Corpocidade: Debates, Ações e Articulações*. EDUFBA, Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/index.php/producao/8-textos/49-luisantoniobaptistatextos>.

_____. *O veludo, o vidro e o plástico: desigualdade e diversidade na metrópole*. Niterói: Ed.UFF, 2012.

_____. “Arte e subjetividade na experiência teatral: contribuições de Jurema da Pavuna”. In: MACIEL JÚNIOR, A.; KUPERMANN, D; TEDESCO, S. (Org). *Polifonias: clínica, política e criação*. Rio de Janeiro: Contra-capá, 2005. pp. 109-122.

BARROS DE, M. “O Fotógrafo”. In: *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, R. *Aula*. Conferência inaugural da cadeira de semiologia literária do Collège de France, proferida em 7 de Janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. Versão digitalizada – São Paulo: Cultrix, 2013.

_____. “A morte do autor”. In: *O rumor da língua*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. “Que é a escrita?” In: *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. pp. 9-16.

BAUSCH, P. “Dance, senão estamos perdidos”. In: *Folha de São Paulo*. Publicado em 27/08/2000.

BENJAMIN, W. “Caçando borboletas”. In: *Obras escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 81-82.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BEY, H. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2011.

BLANCHOT, M. “A cruel razão poética (repace necessidade de vôo)”. In: *Conversa Infinita 3 – A Ausência de Livro*. São Paulo: Escuta, 2010. pp. 21-27.

_____. “Artaud”. In: *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp 47-56.

BOAL, A. “Teatro do Oprimido”. In: *STOP: c’est magique!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 19-30.

CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2009.

CAVA, B. “Devir-pobre, devir-índio”, 2012. Disponível em: <http://www.quadradosloucos.com.br/3138/devir-pobre-devir-indio/>

_____. “Occupy: da indignação à democracia real”. 2012. Disponível em: <http://www.quadradosloucos.com.br/3426/occupy-da-indignacao-a-democracia-real>.

_____. “Warhol, Cracolândia, Ocupa Rio”. 2012. Disponível em: <http://www.quadradosloucos.com.br/2432/warhol-cracolandia-ocupario>.

CESAR, A. C. “Cenas de Abril”. In: _____. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 19.

COIMBRA, C. B.; NASCIMENTO, M. L. “Jovens pobres: o mito da periculosidade”. In: FRAGA, P.C.P.; IULIANELLI, J.A.S. (Orgs). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. p. 19-37.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed.34, 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. “Dos Efeitos de Superfície”. In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007. pp. 5-12.

_____. “Imanência, uma vida...”. In: *Ethica*. v.9, n.1, e.2, p.39-43, 2002.

_____. “Do Problemático”. In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007. pp. 55-60.

_____. “Do Puro Devir”. In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007. pp. 1-3.

_____. “O que é o ato de criação?” In: *Folha de São Paulo*, publicado em 27/06/1999.

_____. “Do Sentido”. In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007. pp. 31-38.

_____; GUATTARI, F. “28 de Novembro de 1947 – Como criar para si um Corpo sem Órgãos?”. In: DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*, Vol. 3. São Paulo: Ed.34, 2012. pp. 11-33.

_____. “10.1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível”. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*, Vol. 4. São Paulo: Ed.34, 2012. pp. 11-119.

_____. “Ano zero – Rostidade”. In: DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*, Vol.3. São Paulo: Ed.34, 2012. pp.35-67.

_____. “Introdução: Rizoma”. In: DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*, Vol.1. São Paulo: Ed.34, 2011. pp.17-49.

_____. “O Plano de Imanência”. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Ed.34, 2009. pp. 49-79.

_____. “12. 1227 – Tratado de Nomadologia: A máquina de Guerra” In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*, Vol. 5. São Paulo: Ed.34, 2008. pp. 11-110.

_____. “1914: Um só ou vários lobos?”. In: DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*, Vol.1. São Paulo: Ed.34, 2011. pp.51-67.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

_____. “G de Gouche”. In: *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista disponível em www.youtube.com.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. “Campo de flores”. In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 161-162.

_____. “A flor e a náusea”. In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 24-25.

_____. “Nosso tempo”. In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 119-126.

FAVRET- SAADA, J. “Ser afetado”. Tradução de Paula Siqueira. In: *Cadernos de Campo*. Revista dos alunos de Pós-graduação de Antropologia Social da USP. São Paulo: n.13, ano 14, 2005. pp. 155-162.

FOUCAULT, M. “O corpo utópico” (1966) In: *El cuerpo utópico. Las heterotopías*. Ed: Nueva Vision, 2010. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault>

_____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. In: BARROS DA MOTTA, M. (org). *Ditos e Escritos VI: Repensar a Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. “É inútil revoltar-se?”. In: BARROS DA MOTTA, M. *Ditos & escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. pp.76-80.

_____. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2006.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. “O pensamento do exterior”. In: BARROS DA MOTTA, M. (org). *Ditos & Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. pp.219-242.

_____. “Por trás da Fábula” In: BARROS DA MOTTA, M. (org). *Ditos e Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. pp.210-218.

_____. “O que é um autor?” n: BARROS DA MOTTA, M. (org). *Ditos e Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. pp.264-298.

_____. “O Sujeito e o Poder”. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995^a. pp.231-249.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

_____. “A vida dos homens infames” In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens. 1992.

FONSECA, D. F. *Avessos de cidadania: um exercício analítico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1997.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

GALEANO, E. *A canção de nossa gente*. São Paulo: Paz e terra, 1992.

GROTOWSKI, J. “Brincamos de Shiva”. In: *O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969*. São Paulo: Perspectiva, 2007. pp.38-39.

GUATTARI, F. “A caosmose esquizo”. In: *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed.34, 2012. pp.91-102.

_____. *As três ecologias*. São Paulo: Papirus, 2001.

_____.; ROLNIK, S. *Micropolítica – cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARAWAY, D. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. In: *Cadernos Pagu*, n.5, 1995. p. 07-41. Originalmente publicado em *Feminist studies*, 1988. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046.

HILST, H. “As Aves da Noite” (1968). In: *Teatro Completo*. São Paulo: Ed. Globo, 2008. pp. 229-297.

- KLEIN, N. “Ocupa Wall Street é o movimento mais importante do mundo hoje”. In: *Carta Maior*. Publicado em 08/10/2011. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=18653.
- LAPOUJADE, D. “O corpo que não aguenta mais”. In: LINS, D. & GADELHA, S. (org). *Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. Disponível em: <http://www.redehumanizaus.net/9000-o-corpo-que-nao-aguenta-mais-texto-de-david-lapoujade>.
- LEHMANN, H.T. “Teatro Pós-dramático e Teatro Político”. In: *Sala Preta*. Revista do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP. São Paulo: v. 3, 2003.
- LUDD, N. (org). *A urgência das ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os Dias de Ação Global*. Coletivo Baderna, 2005.
- MARTINS, I. “Voz é sopro em pé” (2013). Disponível em: <http://nosmigrantes.blogspot.com.br/2013/03/voz-e-sopro-em-pe.html>.
- MORAES, M. “Prefácio”. In: BAPTISTA, L. A.; FERREIRA, M. S (org.). *Porque a cidade? escritos sobre experiência urbana e subjetividade*. Niterói: Ed.UFF, 2012. pp. 9-14.
- NEGRI, A. HARDT, M. “Antimodernidad como Resistencia”. Traducción: Daniel Clavero. In: *Commonwealth*. Cambridge: Harvard University Press, 2009. pp. 41-19.
- NEVES, C. A. “Modos de intervir no contemporâneo: um olhar micropolítico”. In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 56, n. 1, 2004.
- PASSOS, E.; BARROS, R. “A cartografia como método de pesquisa-intervenção”. In: *Pistas do método da cartografia*. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). Porto Alegre: Sulina, 2010, p.17-31.
- PASSOS, E; BENEVIDES, R. “Passagens da clínica” In: MACIEL JÚNIOR, A.; KUPERMANN, D; TEDESCO, S. (Org). *Polifonias: clínica, política e criação*. Rio de Janeiro: Contra-capa, 2005. pp. 89-99.

PELBART, P. P. “Anota aí: eu sou ninguém”. In: *Folha de São Paulo*, publicado em 19/07/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/119566-quotanota-ai-eu-sou-ninguemquot.shtml>.

_____. “Ecologia do Invisível”. In: *A Náu do Tempo Rei: 7 Ensaios sobre o Tempo da Loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 48-61.

_____. “Neuromagma e multidão: resistência e comunidade no contexto biopolítico”. Palestra proferida durante o festival Mídia Tática Brasil – Next Five Minutes, em 13 de Março de 2003. Disponível em: www.forshared.com

_____. “Poéticas da alteridade”. In: *Bordas*, Revista do Centro de Estudos da Oralidade, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, 2004. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bordas/issue/view/533/showToc>

_____. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PESSOA, F. “Mistério do mundo”. In: *Primeiro Fausto*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

RANCIÈRE, J. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. “As duas formas da palavra muda”. In: *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed.34, 2009. pp. 33-41.

_____. “Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética”. In: *A partilha do sensível: Estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2009. pp.15-26.

_____. “Revolução Estética”. In: *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed.34, 2009. pp. 25-32.

RIMBAUD, A. “Carta a Paul Demeny”, Charleville, 15 de Maio de 1871. In: *Alea*, vol.8, n.1. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em www.scielo.org.

RODRIGUES, H. C. B. “O homem sem qualidades. História oral, memória e modos de subjetivação”. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ). Rio de Janeiro, v. 2, n.2, 2004. p. 24-46.

RODRIGUES, R. N. “A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços”. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.3, n.2, 2000. pp. 145-157.

ROLNIK, S. “A Dama de Negro”. In: *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, n. 1, 1993. p. 35-40.

_____. “Esquizoanálise e Antropofagia”. Texto apresentado no colóquio Encontros Internacionais Gilles Deleuze (Brasil, 10-14 de junho de 1996) e publicado em: *Gilles Deleuze. Uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000. pp. 451-462. Disponível em: www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/.../Antropesquizoan.pdf.

_____. “Livro 1”. In: *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p.23-78.

_____. “Subjetividade Antropofágica”. In: In: HERKENHOFF, P.; PEDROSA, A. (Edit.). *Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s*. XXIV Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. Disponível em: www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/.../Subjantropof.pdf.

SAFATLE, V. “O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem”. In: *Scientiae Studia*, v.9, n.1, 2011. pp. 11-27. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662011000100002

SONTAG, S. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SUBCOMANDANTE MARCOS. “La velocidad del sueño. Tercera parte: Pies desnudos”. México, 2004. Disponível em: www.rebellion.org.

TARDÁGUILA, C. “O exército, o político, o morro e a morte: Das manchetes ao esquecimento: o caso Providência faz dois anos”. In: *Revista Piauí*, Ed.46, Julho de 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca”. In: *Cadernos Novos Estudos CEBRAP*, n.77, 2007. pp. 91-126. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100006&script=sci_abstract

ZOURABICHVILI, F. *O Vocabulário de Deleuze*. Tradução: André Telles, Rio de Janeiro, 2004. Digitalização e disponibilização da versão eletrônica: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação (IFCH-UNICAMP). Disponível em: www.claudioulpiano.org.

WOOLF, V. “Profissões para mulheres”. In: *Profissão para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012. pp. 9-19.

Blogs consultados:

<http://forumcomunitariodoporto.wordpress.com>

<http://www.quadradosoloucos.com.br>

Discografia

Anarcofunk. Faixa: A Guarda toma e o choque mata, 2009. Disponível em: <https://myspace.com/anarcofunk/music/songs>.

Clube da Esquina. Milton Nascimento e Lô Borges. Gravadora EMI-Odeon, 1972.

Da Lama ao Caos. Chico Science e Nação Zumbi. Estúdio Nas Nuvens, Rio de Janeiro, 1994.

Divina comédia ou Ando meio Desligado. Os Mutantes. Gravadora Polydor, 1970.

Secos & Molhados I. Secos e Molhados. Estúdio Prova, São Paulo, 1973.

Secos & Molhados II. Secos e Molhados. Estúdio Sonima, São Paulo, 1974.

Tropicália ou Panis et Circenses. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os Mutantes. Estúdio RGE, São Paulo, 1968. Faixa: Panis et circensis.

Us Fracu num Tem Veiz. Trilha Sonora do Gueto. Estúdio Vida Loka Produções, São Paulo, 2003. Faixa: Programado pra morrer.

Documentários

“Atrás da Porta”, (2010). Direção: Vladimir Seixas e Chapolim.

“Augusto Boal e o Teatro do Oprimido”, (2012). Coleção Brasil. Produção da TV Brasil.

“Domínio Público”, (2012). Direção: Fausto Mota. Produção: Paebiru produções cultivadas.

“Eu, um Amarildo”, (2013). De Rômulo Cyríaco. Disponível em: <http://vimeo.com/72932647>

“Vozes da missão: Restinga” (2011). Produção: Plataforma Dhesca. Disponível em: www.youtube.com

Filmografia

“A febre do rato”. Brasil, 2011. Direção: Claudio Assis.

“O som ao redor”. Brasil, 2012. Direção: Kleber Mendonça Filho.

“Tropa de Elite”. Brasil, 2007. Direção: José Padilha.

Peças

“Antes que você parta pro teu baile”. Rio de Janeiro, 2013. Direção: Dora Bellavinha e Lucas Castelo Branco. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

“Cavalos e Baias”. Rio de Janeiro, 2012. Direção: Caio Riscado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Relatórios:

Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania: Relatório de visitas aos “abrigos especializados” para

crianças e adolescentes. Junho de 2012. Disponível em:
http://www.crprj.org.br/documentos/2012-relatorio_CADQs.pdf

Dossiê da Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa: Megaeventos e Violações de Direitos Humanos no Brasil. Brasil, 2011. Disponível em:
<http://comitepopulario.wordpress.com/tag/dossie/>

SANTO-SÉ, J.T., CANO, I., MARINHO, A., RIBEIRO, E. “Guerra na Providência: Uma análise da ocupação pelo exército da favela da Providência no Rio de Janeiro em Março de 2006”. Relatório do Laboratório de Análises da Violência (LAV-UERJ). Disponível em: http://www.lav.uerj.br/docs/rel/2006/guerra_provid_rio_2006.pdf